U.PORTO

MESTRADO
ARQUITETURA

Reabilitar para a Comunidade: O Edifício do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto

Ana Catarina Pereira

M
2021

U.PORTO

Ana Catarina Pereira. Reabilitar para a Comunidade: O Edifício do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto

M.FAUP **2021**

Reabilitar para a Comunidade: O Edifício do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto

Ana Catarina Magalhães Pereira

FACULDADE DE ARQUITETURA

“Reabilitar para a Comunidade: O Edifício do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto”

Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

2020/2021

Ana Catarina Magalhães Pereira

Orientador Professor Doutor Luís Soares Carneiro

N O T A S

As citações utilizadas encontram-se nas respetivas línguas que foram consultadas, para que se mantenha ao máximo o rigor e o sentido de cada expressão.

Todas as imagens, fotografias e desenhos não referenciados no índice iconográfico são da autora.

As restantes imagens utilizadas foram, na sua grande maioria, editadas, apresentando alterações em relação às imagens originais.

Todos os desenhos presentes neste documento referentes ao ensaio de projeto não pretendem constituir um projeto de execução, mas sim uma indispensável aproximação à realidade.

A G R A D E C I M E N T O S

Aos meus pais, Ana e Mário, pelo amor incondicional e pelo apoio durante todo este percurso académico, sem vocês não era possível.

Ao professor Doutor Luís Soares Carneiro, por toda a orientação e partilha de conhecimento.

À direção do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto, pela enorme partilha de vivências e por toda a recetividade a este trabalho.

A toda a minha família, pelas palavras de incentivo e pelo amor constante que nunca me deixou baixar os braços, em especial àqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta etapa - Fábio, Ricardo, Patrícia, Tiago, Tia Alice, Tio Litos, Tia Olga e Tio Carlos.

Aos meus padrinhos, Jorge e Ema, pela inspiração, pelas pessoas que são e, por toda a disponibilidade e carinho que me deram a vida toda.

Aos meus amigos e colegas, os que fizeram parte deste percurso e também os que não fizeram, por todos os bons momentos passados, em especial à Lígia. Este momento das nossas vidas foi sem dúvida uma enorme aventura, e com ela tudo ficou mais fácil.

E, por fim, à minha Tia Paula, para quais as minhas palavras de agradecimento nunca vão chegar, pela ajuda imensa. Este trabalho é nosso.

A todos, o meu mais sincero obrigada.

R E S U M O

Esta dissertação pretende dar a conhecer um ensaio de projeto de reabilitação do edifício do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto.

Com um problema de descontinuidade entre os dois volumes do edifício e com grande parte das suas instalações carentes de intervenção, o desafio foi projetar uma solução que resolvesse aqueles problemas, e criar espaços diferenciados e multifacetados que permitissem a adaptação dos usos às novas exigências da sociedade contemporânea.

O ensaio de projeto procura dar uma resposta aos problemas encontrados e, simultaneamente, servir como catalisador de reflexão para o Grupo Dramático e Beneficente de Rio tinto, bem como para a comunidade riotintense poder perspetivar melhor o seu futuro.

ABSTRACT

This dissertation intends to present a rehearsal of a project for the rehabilitation of the Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto's building.

With a problem of discontinuity between the two volumes of the building and with most of its facilities lacking intervention, the challenge was to come up with a solution that would solve those problems, while creating different and multifaceted spaces that would allow the adaptation of uses to the new requirements of the modern day society.

The project essay intends to provide an answer to the problems identified and, at the same time, to serve as a catalyst for reflection for the Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto, as well as for Rio Tinto's community to be able to better envision their future.

A B R E V I A T U R A S

Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto	GDBRT
Câmara Municipal de Gondomar	CMG
Junta de Freguesia de Rio Tinto	JFRT
Sociedade de Transportes Colectivos do Porto	STCP

ÍNDICE

Nota Introdutória 11

I - O que foi 17

Caraterização do lugar: Rio Tinto 19

Enquadramento histórico: O associativismo no contexto do Estado Novo 25

Origens e desenvolvimento do GDBRT 31

Cronologia das intervenções no edifício 37

II - O que é 59

Situação social e cultural de Rio Tinto 61

Estado atual do GDBRT 65

Levantamento do edifício existente 79

III - O que pode vir a ser 89

Os primeiros esboços 91

Definição de um programa 97

A influência das Referências: 99

- Teatro-Estúdio Mário Viegas 99
- Teatro Constantino Nery 102
- Auditório Municipal de Cinfães 106
- Teatro-Auditório Llinars del Vallès 108

Ensaio da proposta de arquitetura 111

Considerações finais 125

Peças desenhadas 127

Referências bibliográficas 147

Referências iconográficas 151

Anexos 153

NOTA INTRODUTÓRIA

"(...) Architecture is to be regarded by us with the most serious thought. We may live without her, and worship without her, but we cannot remember without her." [1]

A reabilitação permite que seja testemunhado um tempo que já foi passado, transmitindo formas de ser, pensar e agir. Emergente de uma política de conservação, durante muitos anos associada a edifícios com elevado valor patrimonial, atualmente ultrapassou esse âmbito, surgindo como resposta a alguns desafios da vida contemporânea. Hoje, assistimos a um uso mais alargado deste modo de intervir em arquitetura, onde, para além da conservação e preservação do património construído, se procura integrar princípios sociais, ambientais e de sustentabilidade.

Nesta dissertação pretende-se realizar um ensaio de projeto, cuja finalidade será a de dotar um edifício existente, através da reabilitação, de melhores condições formais, funcionais e de segurança, com vista a bem servir a comunidade, procurando colmatar as carências e lacunas detetadas na atual construção.

OBJETO

O objeto de estudo deste projeto de reabilitação é o edifício do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto, em Rio Tinto, no Concelho de Gondomar. Mandado edificar em 1938, o edifício tem vindo a sofrer várias alterações e acrescentos de acordo com os objetivos do Grupo.
A associação apresenta um papel de enorme importância cultural, mantendo inclusivamente um grupo de teatro ativo com grande relevância naquela zona da cidade, pelo que a reabilitação deste edifício servirá, não só os utilizadores do espaço, mas toda a comunidade riotintense.

1- RUSKIN, John. "VI - The lamp of memory" in ***The seven lamps of Architecture***, Kent: George Allen, 1880, pág.178.

OBJETIVO

O principal objetivo deste trabalho é a realização de um ensaio de projeto, visando a intervenção e melhoria de condições de ambas as alas que compõem o edifício – a sede e o teatro. A sede é a ala mais antiga e apresenta um conjunto de salas de apoio às atividades associativas. Trata-se de espaços descontinuados e subaproveitados, para além de já apresentarem sinais de avançada degradação. A outra ala, o teatro, ainda que mais recente, também apresenta zonas bastante degradadas, que urge intervencionar.

Esta falta de condições contraria a missão da associação e a finalidade da sua ação para com a sua comunidade.

Tenta-se apresentar um ensaio de uma proposta que fomente a continuidade e funcionalidade dos diferentes espaços, respeitando-se o equilíbrio entre as atividades atuais e futuras do Grupo, com vista a melhor servir os diferentes grupos de utilizadores. Adicionalmente, procura-se cumprir com as normas de segurança exigidas para este tipo de edifício, com especial relevância para as instalações do teatro, devido às suas especificidades. Serão ainda atendidas as questões da acessibilidade, com vista a tornar o edifício inclusivo e integrador.

ESTRUTURA

O trabalho divide-se em três capítulos que permitem concretizar uma narrativa histórica.

Um primeiro capítulo, introdutório, onde é feito um breve enquadramento histórico das características sociodemográficas da população riotintense e breve reflexão sobre o associativismo, com o intuito de perceber a origem, objetivos e finalidades do Grupo. Concomitantemente, realiza-se uma apresentação das diversas intervenções de que foi objeto o edifício, permitindo-nos conhecer a sua história e evolução, dando-nos a possibilidade de perceber ***o que foi***.

Num segundo capítulo é feita uma breve caracterização social e cultural de Rio Tinto na atualidade, com vista a compreender o território onde está inserido o edifício. Importa, antes de mais, saber para quem estamos a reabilitar e quais os elementos potenciadores que podemos encontrar. Ainda nesta fase, é efetuada uma breve exposição ***do que é*** o atual edifício, onde se procura dar a conhecer as suas características e o seu estado de degradação.

No terceiro e último capítulo é realizada uma apresentação dos primeiros esboços e ideias, sendo feita uma incursão por outros projetos de natureza e objetivos próximos, com o intuito de servirem de referência para o ensaio proposto. Nesta fase, pretende-se ensaiar um projeto de reabilitação do edifício, daquilo que ele ***pode vir a ser***, de modo a que se torne num espaço mais atrativo e funcional, que responda às novas exigências da vida contemporânea.

O desafio é poder reunir a sua história, o seu passado, respeitá-lo e reabilitá-lo, possibilitando o surgimento de um novo e melhor futuro para o Grupo.



Fig. 1 - Plateia do Teatro do edifício do GDBRT durante uma peça de teatro (sem data)

RAZÃO DE UMA ESCOLHA

As razões subjacentes à escolha deste tema e do objeto de estudo, surgiram de forma inconsciente, sendo, no entanto, certo que, foram determinadas pelos dois fatores que se apresentam de seguida.

O fascínio pela reabilitação, numa perspetiva de valorização de uma construção existente, esteve sempre presente na forma como observo os edifícios, e veio a consolidar-se durante o percurso académico. Ao ser um tema incontornável na atualidade, cedo percebi que a reabilitação está cada vez mais presente na arquitetura portuguesa e, por isso, se torna imprescindível na formação dos arquitetos. Desta forma, o interesse por esta área, aliado à oportunidade de escolher uma unidade curricular opcional, levou-me a escolher a disciplina de "Reabilitação em Edifícios", com o objetivo de aprofundar os meus conhecimentos.

Por outro lado, crescer numa família com vários profissionais na área da construção, permitiu-me, não só alimentar este interesse (sendo constantes as conversas em torno deste tema), mas também me possibilitou a visita a várias obras de reabilitação.

A forma como comecei a olhar para os edifícios em ruínas ou degradados passou a ser influenciada por estas experiências, e, em vez de me deter nas falhas e problemas dos mesmos, comecei a ver as suas potencialidades. Olhar para um edifício degradado leva-me a imaginar como poderia reabilitá-lo, como se de um desafio se tratasse.

Depois de escolhido o tema, impunha-se selecionar um objeto de estudo onde pudesse pôr em prática toda esta inquietação e interesse. O que aparentemente se afigurava como uma decisão difícil, com uma enorme lista de possibilidades, rapidamente se tornou numa decisão óbvia.

O edifício do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto pareceu-me ser um objeto de estudo pertinente para a realização desta dissertação, uma vez que se trata de um edifício com terreno e programa real, sendo um caso com reconhecido interesse cultural no espaço onde se situa.

O facto de ter sido utilizadora das instalações durante muitos anos, para além de *per si* constituir outro fator que motivou esta escolha, também possibilitou que conhecesse de mais perto as suas fragilidades, sendo notória a necessidade de intervenção nas suas instalações.

O desafio seria trazer uma nova vida a este espaço, respeitando a sua história - a sensação de ressonância de que nos fala John Ruskin.

"For, indeed, the greatest glory of a building is not its stones, nor in its gold. Its glory is in its age, and in that deep sense of voicefulness, of stern watching, of mysterious sympathy…which we feel in walls that have long been washed by the passing waves of humanity." [2]

À medida que ia desenvolvendo o projeto, fui-me apercebendo da importância que, outrora, o GDBRT assumiu. Apesar de se tratar de uma associação de cariz essencialmente cultural, os pilares da sua fundação encontram-se assentes no desejo de ajudar a comunidade local. A pre-ocupação com a instrução popular e o desejo de ajudar os mais necessitados, é visível desde primeira ata do Grupo.

É evidente que este tipo de associações, para se manterem vivas, têm necessariamente de estar ligadas à realidade que as rodeia com participação ativa da comunidade. Ora, tendo em linha de consideração que atualmente vivemos uma certa inércia coletiva informal, onde tendencialmente se pratica cada vez mais a "cultura da inatividade", manter a vitalidade deste tipo de espaços afigura-se como um dos maiores desafios nos últimos anos. No mundo atual, cada vez mais dominado pelo individualismo, consumismo e ferocidade da falta de tempo, ainda para mais numa cidade periférica de um grande centro urbano, como é o caso de Rio Tinto, é difícil levar as pessoas a participarem ativamente nas associações deste âmbito.

Esta foi a pedra basilar à volta da qual fui desenvolvendo este trabalho: o meu objetivo principal seria o de proporcionar um ensaio de um projeto para as instalações do edifício do Grupo, com a finalidade de atrair e motivar a comunidade riotintense a participar mais ativamente nas atividades do mesmo.

2- RUSKIN, John. "VI - The lamp of memory" in ***The seven lamps of Architecture***. Kent: George Allen, 1880, pág.186.

"(...) há que defender, teimosamente, a todo o custo, os valores do passado, mas há que defendê-los com uma atitude construtivista, quer reconhecendo a necessidade que deles temos e aceitando a sua atualização, quer fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas."

- Fernando Távora in Organização do Espaço [3]

I - O QUE FOI

3- TÁVORA, Fernando. ***Da organização do espaço***, FAUP publicações, Porto, 1996, pág.58.

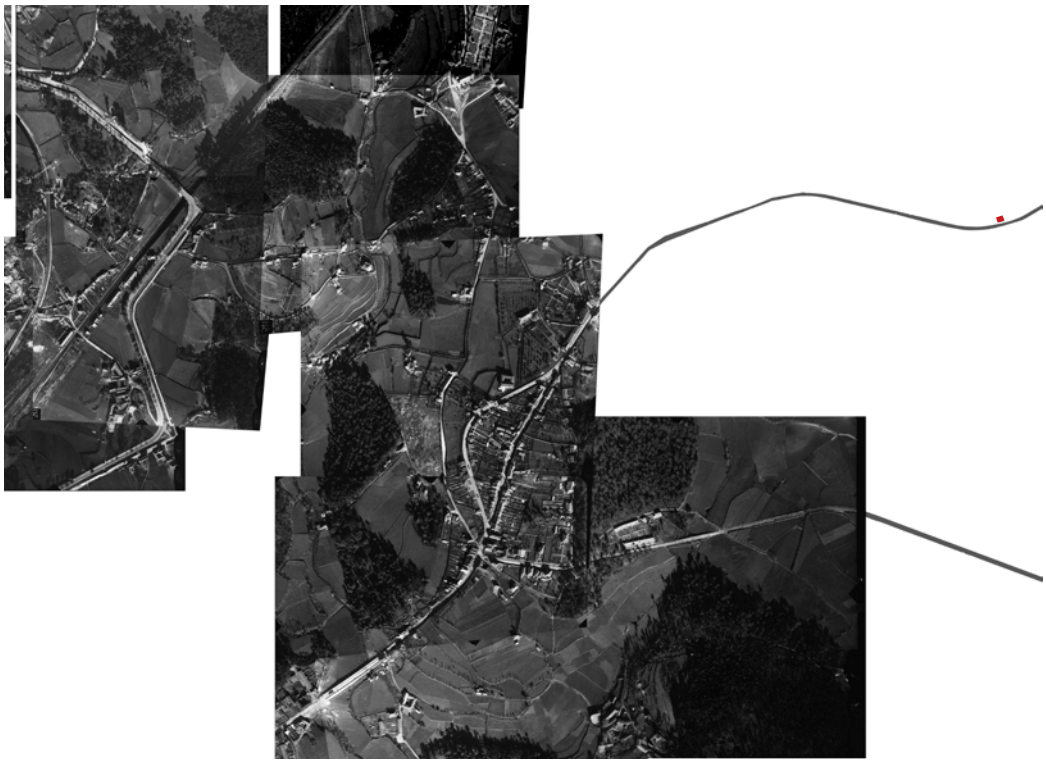


Fig. 2 - Montagem de fotografias dos voos aéreos de 1939



Fig. 3 - Vista aérea de parte de Rio Tinto (sem data)

CARATERIZAÇÃO DO LUGAR: RIO TINTO

"Pero, en todo caso, la geografía de la ciudad es inseparable de su historia y sin ambas no podemos comprender su arquitectura, la huella concreta de esta "cosa humana"." [4]

Assumindo-se o GDBRT como uma associação cultural com fortes ambições sociais, tal como referido anteriormente, importa fazer uma breve caraterização sociodemográfica da cidade de Rio Tinto, de modo a percebermos o contexto e as motivações que se encontram na génese do Grupo.

"Junto a um límpido ribeiro, travou-se a sangrenta batalha. Na memória do povo, ficou o sangue derramado que, de tão abundante, tingiu as cristalinas águas do rio, passando desde então a chamar-se Rio Tinto." [5]

Independentemente da lenda, a localidade tem uma existência e caracterização específicas.
Rio Tinto é uma cidade do Concelho de Gondomar, com aproximadamente 9,5km2, localizada no Distrito do Porto. A cidade de Rio Tinto é limitada a Norte pela cidade da Maia, a Sul por Gondomar, a Este pela cidade de Valongo e a Oeste pelo Porto. O rio atravessa a cidade, sensivelmente a meio, e é a principal linha de água existente. Por conseguinte, o relevo é constituído por um grande vale que desce em declives muito pouco acentuados.

Sabemos que Rio Tinto possui uma longa e rica história, que se deve ao facto de ser habitado desde os tempos pré-históricos, motivado pelos seus terrenos férteis, junto de rios, próximos do mar e de montes, o que atraía, naturalmente, as civilizações da altura. O território foi, assim, moldado pelas populações que aqui chegavam, apropriando-se de terrenos para poder exercer atividades económicas mais ligadas à agricultura e à pecuária e, até meados do século XX, a produção agrícola foi a principal fonte de riqueza da população.

Até ao aparecimento do automóvel e dos transportes públicos, a rede viária resumia-se a algumas passagens com condições que permitissem a passagem de carros de bois e carroças, com a

4- ROSSI, Aldo. ***La arquitectura de la ciudad***, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2015, pág.105.

5- AA.VV. ***Rio Tinto: Apontamentos Monográficos***, Rio Tinto: Junta de Freguesia de Rio Tinto, 1999, Volume I, pág.25.

exceção da estrada que ligava Porto a Vila real, existente, pelo menos, desde o séc. XVIII.
Inevitavelmente, com a proximidade a um grande centro urbano como o Porto, a rede viária evoluiu rapidamente, surgindo, já no século XX dois eixos principais que conduziam à cidade invicta – a estrada nacional 15, e mais a sul, no extremo poente da cidade, o que é hoje a Rua D. Afonso Henriques.

Foram vários os tipos de transportes públicos que serviram a cidade e que se foram adaptando mediante as suas próprias evoluções. Em 1875 surgiu o primeiro comboio - a linha do douro - transporte que foi muito importante para Rio tinto, uma vez que permitia movimentar tanto mercadorias como passageiros. No início do século XX, em 1909, com o prolongamento da linha 10, o elétrico começou a facilitar a deslocação à população riotintense.
Em 1913, um outro tipo de infraestrutura - conhecido pelas "cestas" - veio imprimir uma mudança significativa na imagem da cidade. As cestas eram um transporte por via de um sistema de cabos aéreos que ligavam as minas do pejão em S. Pedro da cova e atravessavam Rio Tinto para fazer o transporte de carvão e madeira para as instalações junto à estação ferroviária e para instalações situadas no monte Aventino.
As cestas mantiveram-se em funcionamento até 1970. A silhueta das suas estruturas, onde se apoiavam os cabos aéreos, bem como as próprias cestas, marcaram, durante mais de 50 anos a paisagem.

As linhas do elétrico, com o decorrer do tempo, foram sofrendo algumas alterações para facilitar a circulação mais frequente deste meio de transporte e - durante mais de 58 anos, este foi o meio de deslocação privilegiado - assegurando o transporte público urbano. No entanto, a partir do final dos anos 70 começou a ser substituído pelos autocarros.
Não obstante, o transporte local continuou a fazer-se frequentemente ainda por carros dos bois, dado que Rio Tinto, apesar da industrialização, se manteve em boa parte como um espaço rural.



Fig. 4 - Fotografia do carro elétrico, no largo da Venda Nova, em 1960

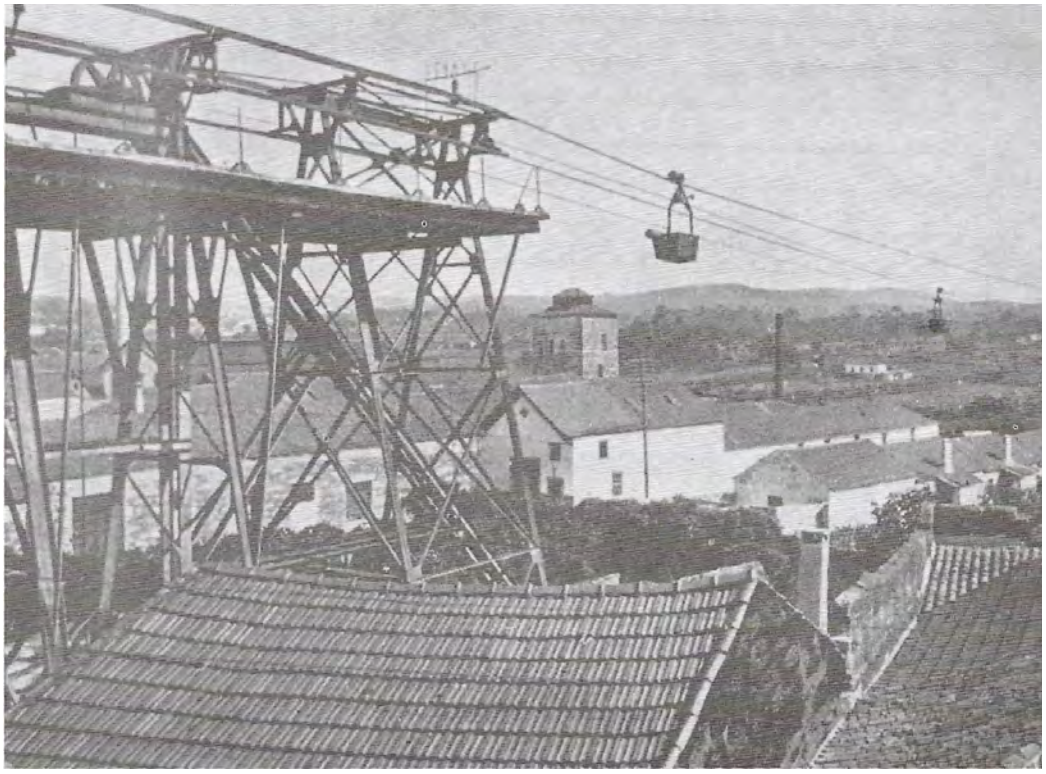


Fig. 5 - Transporte aéreo . “as cestas” - Rio Tinto, em 1987

É também no início do século XX que a produção têxtil começa a ganhar tradição na cidade, e as primeiras grandes indústrias que se instalaram foram as fábricas de tecido. Estas unidades industriais fixaram-se junto das principais vias de comunicação, de maneira a que a receção de matérias-primas e o transporte da sua produção fosse facilitado.

De entre estas unidades fabris, assumem especial destaque a Fábricas de Cabanas e a da Mondex, dada a proximidade geográfica ao objeto de estudo. A Fábrica de Cabanas funcionou desde a década de 20 e chegou a ter mais de 400 operários. Por outro lado, a Mondex, chegou a ter cerca 3000 operários nas suas várias unidades fabris em Rio Tinto.

Este desenvolvimento industrial e a integração na região Metropolitana do Porto, levaram muitas pessoas a escolher esta cidade para morar.

É neste contexto, de chegada destas unidades fabris e de novas populações a Rio Tinto, que surgiu a criação do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto.

Entretanto, em 1936, juntaram-se cerca de 50 jovens com o propósito de concretizar a vontade de criar o GDBRT.

Numa época de franco progresso, o potencial desta freguesia era já percebido por alguns dos seus habitantes mais dinâmicos. Estes atentos às realidades e às carências socioeconómicas e culturais, da freguesia, foram apoiando e instituindo associações para ajudar os mais desfavorecidos e apostar no entretenimento e desenvolvimento cultural da comunidade local.



Fig. 6 - Planta topográfica de Rio Tinto de 1978



Fig. 7 - Fotografia da “Fábrica de Cabanas” - 1996



Fig. 8 - Fotografia da “Mondex” - meados dos anos 70

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

O ASSOCIATIVISMO NO CONTEXTO DO ESTADO NOVO

"A mensagem era de colocar a autoridade e a ordem, portanto o domínio do Estado sobre os cidadãos, sobre a sociedade e com uma componente importante que era disfarçar isso de patriotismo (...)" [6]

Em Portugal e na Europa, no início do Estado Novo os tempos eram incertos.
Depois dos anos inquietos da primeira República, o golpe militar de 28 de maio de 1926 e da posterior instalação do estado novo, foi-se estabelecendo uma orientação autoritária e proibicionista.

"A Europa vê surgir, com a Primeira Grande Guerra, os primeiros aparelhos de propaganda do Estado utilizados, por cada um dos seus intervenientes, como meio par alcançar o apoio necessário para a respetiva posição no conflito (...) a censura e o controlo dos meios de comunicação e da produção artística vão funcionar como instrumentos de promoção de um consenso em torno dos ideais do Estado" [7]

Tirando proveito dos progressos despoletados nas primeiras décadas do século XX, a necessidade de encontrar controlo e estabilidade, entretendo a população, foi um dos objetivos do Estado Novo.
Simultaneamente, como defesa e entreajuda face ao crescente poder do Estado, surgiram sobretudo em meios fabris, múltiplas organizações de solidariedade, de cultura e entretinimento.

Em Rio Tinto, o reconhecimento da cooperação com outros semelhantes, em oposição ao espírito individualista e a sentimentos egoístas, haviam motivado por estes tempos a formação de coletividades. Umas de cariz popular e de apoio a situações de extrema carência (Associação Socorros Mútuos S. Bento das Peras), outras compostas pela elite da terra, fechadas ou reservadas

6- PEREIRA, Nuno Teotónio. in programa "Estado Novo e Arquitetura", da série ***Era Uma Vez o Milénio***, transmitido em 1997 no canal da Antena 1, consultado nos arquivos da RTP.

7- SILVA, Susana. ***Arquitectura de Cine-teatros. Evolução e Registo (1927-1959): Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo***, Coimbra: Almedina, 2010, pág.31.

a homens (Assembleia de Rio Tinto).

Marcados e despertados pelas preocupações mais fundas dessa realidade e limitações impostas pelo poder político restritivo e punitivista, um grupo de jovens, mais marcados pelo sonho que pela realidade, numa aventura nada inocente, entendeu a cultura como forma de libertação e como condição indispensável para acordar uma consciência humana adormecida, tornar homens livres com a noção de todos os seus direitos e de todos os seus deveres.

O associativismo surgiu, então, como uma forma de organização da sociedade civil, com objetivos humanistas e de sociabilização, tendo como finalidade agrupar cidadãos em torno de interesses comuns. Afigura-se como uma "ponte" social que une cidadãos em função de interesses, gostos e objetivos partilhados, permitindo que os mesmos interajam no sentido de partilharem conhecimentos, competências e experiências, contribuindo para o aprimoramento das capacidades sociais e cognitivas dos indivíduos.

Segundo o sociólogo José Viegas [8], no associativismo é comum existir uma cultura organizacional bem definida, na qual estão bem explícitos os valores, missão, propósito e regras da associação [9]. Neste sentido, o associativismo veio, desde os seus primórdios, dar um maior sentido coletivo aos cidadãos, enquanto indivíduos. Orientado por princípios de liberdade e igualdade, o associativismo é utilizado em pleno Estado Novo como ferramenta para aumentar a produtividade intelectual e coletiva, servindo as associações de espaços para a sua concretização.

Existem, inclusive, algumas associações voluntárias que têm como objetivo a participação social e a interação entre os cidadãos, no sentido de resistir e desconstruir elementos desagregadores da sociedade criando, concomitantemente, uma consciência coletiva que se reveste de grande importância no combate à segregação e exclusão social.

Assim, as associações assumem um papel fundamental na sociedade civil, pois permitem discutir publicamente os problemas vividos pelos indivíduos na esfera privada.

8- José Manuel Leite Viegas, investigador de CIES, Professor do departamento de sociologia do ISCTE.

9- VIEGAS, José. "Implicações democráticas das associações voluntárias: o caso português numa perspectiva comparativa europeia" in ***Sociologia, Problemas e Práticas***, Lisboa: CIES-ISCTE / CELTA, 2004.

Desta forma, assumem-se como um espaço promotor do debate democrático e da consciência social e política dos cidadãos. Ao permitir que os cidadãos exponham, em comunidade, as suas ideias e interesses torna-se num local de reflexão, promovendo a cidadania, por um lado, e possibilitando o desenvolvimento de competências e capacidades sociais, por outro.

"As associações canalizam para a esfera pública informações, reivindicações e orientações normativas e valorativas que permitem enriquecer o processo deliberativo. Os efeitos a nível individual, nomeadamente a transformação da consciência social e política, são também o resultado desta discussão pública." [10]

É verdade que o associativismo ganhou uma dimensão superior com a instauração da República, em 1910, graças ao apoio dos sindicatos. No entanto, durante o Estado Novo, nomeadamente de 1937 em diante, o Estado procurou tirar partido de forma indevida das virtudes das associações - concretamente da sua capacidade de organização social - para subjugar os cidadãos a um sistema mais rigoroso de controlo. O Estado fazia uso dos teatros e cinemas enquanto instrumentos privilegiados na transmissão dos seus ideais. Foi neste quadro geral que surgiu o Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto.

Segundo um dos antigos dirigentes do Grupo, Carlos Magalhães, o GDBRT apresentava algumas peças que motivavam alguma interação política, ainda que não explícita, sendo utilizado como um instrumento para difundir e debater alguns ideais. Com efeito, as peças de teatro serviam de mecanismo para a divulgação das ideias dos seus fundadores – Artur Sousa Nogueira, Adriano Vieira -, que iam no sentido contrário ao regime instituído. Da sua história fizeram parte algumas individualidades como: Virgínia Moura, António Lobão Vital e Alberto Teixeira de Sousa, militantes do Partido Comunista Português (PCP).

10 - VIEGAS, José. "Implicações democráticas das associações voluntárias: o caso português numa perspectiva comparativa europeia" in ***Sociologia, Problemas e Práticas***, Lisboa: CIES-ISCTE / CELTA, 2004, pág.37.

A génese deste Grupo encontra-se, desta forma, ligada a uma enorme vontade de instruir as pessoas, de promover um espaço de reflexão onde fosse possível debater as grandes preocupações da época.
Com momentos altos e baixos, a utilidade e justificação da existência do Grupo Dramático foi-se aprofundando nas possibilidades mais amplas de uma vivência mais intensa de promoção da cultura dos seus membros. Desde muito cedo, o sonho da ampliação das instalações e construção do Salão de Teatro foi sendo adiado até à sua concretização em 1976.

O CONTRIBUTO DA ARQUITETURA

A arquitetura, neste contexto, afigura-se como uma das principais ferramentas de estímulo ao capital social, existindo várias estratégias que os arquitetos podem promover para o uso compartilhado do espaço e a interação social numa comunidade. Este é, na atualidade, o desafio da arquitetura: funcionar como contracorrente de uma sociedade cada vez mais adormecida e mais centrada no individualismo.
Neste sentido, preconiza-se o papel do arquiteto enquanto "transformador". A sua principal função ao desenvolver um projeto é modificar a realidade dos espaços, estejam já edificados ou não.

O resultado das suas ideias torna-se um fator cultural capaz de influenciar comportamentos, conceitos e até mesmo outros tipos de manifestações artísticas. Assim, a arquitetura revela-se como uma das representações mais expressivas e simbólicas das atividades humanas na sociedade, é a revelação do modo como um povo pensa, age, sente e cria o seu mundo. Segundo o Arquiteto Luís Soares Carneiro, a *vesica piscis* da arquitetura e das ciências sociais é o espaço.[11]

11 - CARNEIRO, Luís Soares. in "Conhecer intensamente... notas sobre a relação entre arquitetura e sociologia" - ***Colóquio Internacional Espaço e Sociedade***, 2012.

Assim, o arquiteto tem a função de proteger e fortalecer as relações sociais existentes, além de antecipar, controlar e proporcionar a criação de novas interações entre as pessoas e o espaço. Não se trata de esquecer o passado: trata-se de permitir que os espaços se adaptem à contemporaneidade.

Nas palavras de um associado:

"Relembrar o passado é importante, mas o mais importante é assegurar o futuro e o futuro do Dramático será aquilo que os sócios quiserem." [12]

É nesta assunção de que a arquitetura tem o potencial de abrir portas e aproximar pessoas, preparando o terreno para que encontros casuais e interações sociais aconteçam - fortalecendo assim o sentido de pertença e identidade que tanto influenciam a estrutura da nossa sociedade -, que se apoia o desenvolvimento deste ensaio.

Em razão do exposto, podemos afirmar que a arquitetura funciona como um sistema: um conjunto de elementos capazes de criar oportunidades para que as pessoas se conectem e se relacionem umas com as outras. Como podemos promover a interação no espaço? Como podem os edifícios estimular o relacionamento interpessoal? De que forma pode a arquitetura contribuir para o desenvolvimento de espaços propícios ao associativismo?

12 - AA.VV., "Dramático: 60 anos de vida: Recordando o passado, apostando no futuro", Rio Tinto, 1996, pág.12.

ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DO GDBRT

CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Foi no dia 5 de fevereiro de 1936 que um grupo de jovens, com elevado espírito de entreajuda e valores morais, se juntou para dar corpo à ideia do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto. Os seus propósitos encontram-se espelhados na primeira ata do Grupo:

"atendendo ao fim a que se propunha a fundação do mesmo, de socorrer dentro das posses do cofre do Grupo os pobres que se encontram por motivos de doença na miséria, e sendo assim, apelo para todos os componentes do Grupo em especial os colegas da Direção, para que todos trabalhem dentro da mesma comunhão de ideias e com aquele amor que é timbre em todas as pessoas de bem, para que amanhã possamos dar este grande exemplo de altruísmo, e as nossas consciências ficar tranquilas que alguma coisa juntamos à humanidade." [13]

A necessidade de um espaço que servisse de palco para as suas atividades, levou o Grupo a alugar um espaço na Quelha da Faneca - Rua da Venda Nova – onde se mantiveram até à inauguração da sua sede atual.



Fig. 9 - Fotografia dos sócios fundadores no espaço da Quelha da Faneca (sem data - cerca 1936)

13- Transcrição do livro de atas do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto: Ata nº1 - 5/Fev/1936

Em 15/09/1938 surge, na ata n.º 56 do Grupo, a primeira referência relativa à aquisição de um terreno no lugar do Alto da Bela, pelo montante de oito mil escudos.

A aquisição do referido terreno veio a efetivar-se, mas a sua concretização resultou de um enorme esforço desenvolvido pelos sócios. Entre peditórios, sorteios e rifas, várias foram as iniciativas com vista à angariação de fundos para a sua liquidação.

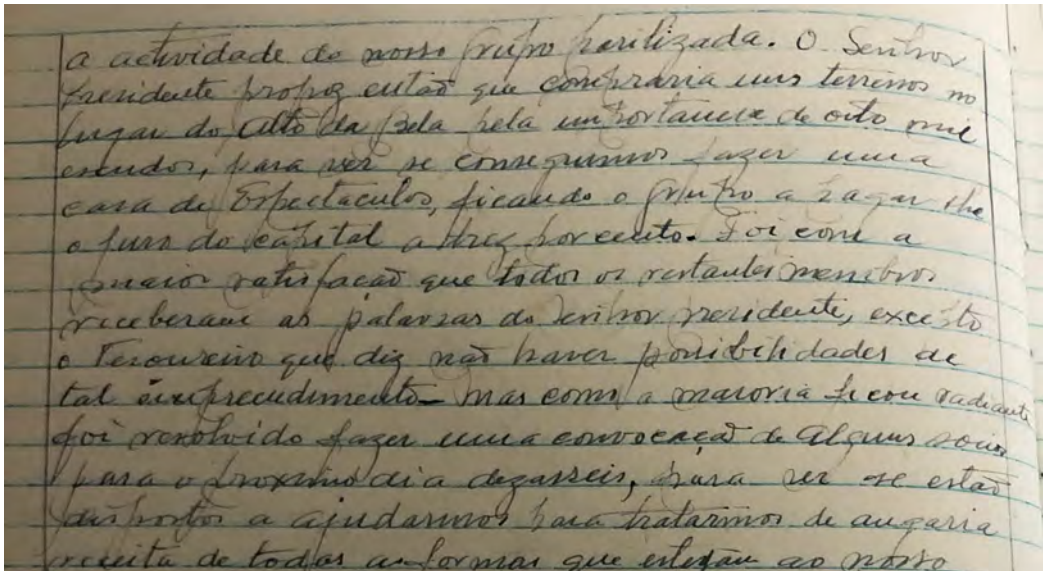

a actividade do nosso grupo foi realizada. O Senhor Presidente propôs então que comprassemos uns terrenos no lugar do Alto da Bela pela importancia de oito mil escudos, para ver se conseguimos fazer uma casa de espectaculos, ficando o grupo a pagar lhe o juro do capital a três por cento. Foi com a maior satisfação que todos os verdadeiros membros receberam as palavras do Senhor Presidente, excepto o Tesoureiro que diz não haver possibilidades de tal empreendimento — mas com a maioria foi com vontade foi resolvido fazer uma convocação de alguns socios para o proximo dia dezasseis, para ver se estão dispostos a ajudarmos para tratarmos de angaria receita de todas as formas que estejam ao nosso

Fig. 10 - Fotografia do livro de atas do GDBRT, onde fala sobre aquisição do terreno: Ata nº56 - 15/Set/1938

Só passados 5 anos da data de fundação conseguiram ver concretizada a construção do seu edifício-sede, tendo sido inaugurado no dia 24 de abril de 1941. Contudo, só mais tarde, em 1942, é que se tornou possível efetuar esta mudança definitiva.

A associação promoveu muitas iniciativas, sempre com o objetivo de ajudar os mais necessitados mas, também, com o intuito de proporcionar alguns momentos de alegria e felicidade, ou seja, entretenimento.

Marcadamente cultural, a representação dramática apresentou-se como atividade de eleição do Grupo, acabando por criar um Grupo de Teatro que protagonizou várias peças numa altura onde eram poucos os que sabiam ler e onde a cultura e a arte eram extremamente restritas.

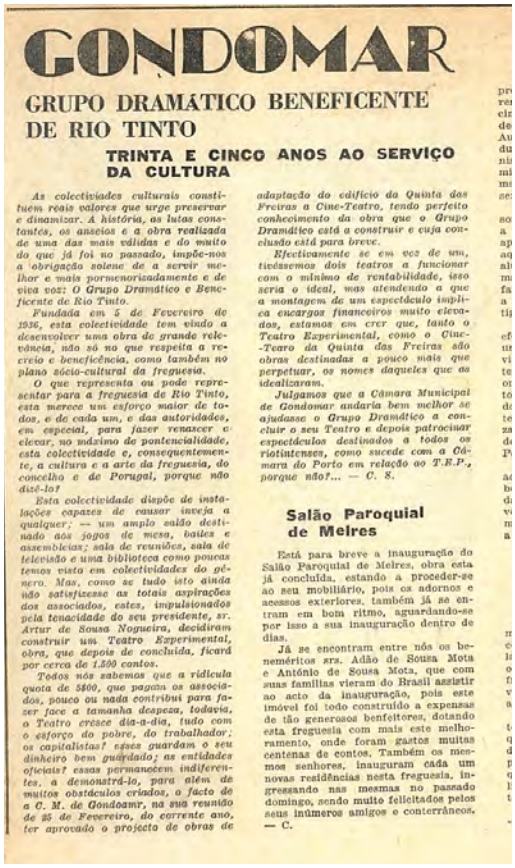


Fig. 11 - Fotografia dos dirigentes/sócios à entrada do edifício do Grupo no dia de inauguração (sem data - cerca 1942)

Assim, desde o início, surgiu o desejo de construírem um salão de espetáculos, não só com o intuito de ensaiar as suas peças, mas também com o desejo de apresentá-las na comunidade. Enquanto este sonho não se concretizou, as peças eram exibidas em eiras, armazéns e garagens.

Só em meados da década de setenta viram concretizado o seu sonho. Foi em 1974, então, que se inaugurou o Teatro, "(...) *um dos melhores do País, no género* (...)" [14], com grande eco na imprensa, como podemos constatar pela visualização de alguns recortes retirados da imprensa da época, nas figuras adiante apresentadas (fig. 12, 13 e 14). O Teatro veio, para além os sócios do Grupo, para servir a população local. Atualmente, o seu espaço continua ao serviço da comunidade para a realização dos mais variados eventos.

14 - in jornal ***Comércio do Porto,*** 18/01/1974.



GONDOMAR

GRUPO DRAMÁTICO BENEFICENTE DE RIO TINTO

TRINTA E CINCO ANOS AO SERVIÇO DA CULTURA

As colectividades culturais constituem reais valores que urge preservar e dinamizar. A história, as lutas constantes, os anseios e a obra realizada de uma das mais válidas e do muito do que já foi no passado, impõe-nos a obrigação solene de a servir melhor e mais pormenorizadamente e de viva voz: O Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto.

Fundada em 5 de Fevereiro de 1936, esta colectividade tem vindo a desenvolver uma obra de grande relevância, não só no que respeita a recreio e beneficência, como também no plano sócio-cultural da freguesia.

O que representa ou pode representar para a freguesia de Rio Tinto, esta merece um esforço maior de todos, e de cada um, e das autoridades, em especial, para fazer renascer e elevar, no máximo de pontencialidade, esta colectividade e, consequentemente, a cultura e a arte da freguesia, do concelho e de Portugal, porque não dizê-lo?

Esta colectividade dispõe de instalações capazes de causar inveja a qualquer; — um amplo salão destinado aos jogos de mesa, bailes e assembleias; sala de reuniões, sala de televisão e uma biblioteca como poucas temos visto em colectividades do género. Mas, como se tudo isto ainda não satisfizesse as totais aspirações dos associados, estes, impulsionados pela tenacidade do seu presidente, sr. Artur de Sousa Nogueira, decidiram construir um Teatro Experimental, obra, que depois de concluída, ficará por cerca de 1.500 contos.

Todos nós sabemos que a ridícula quota de $00, que pagam os associados, pouco ou nada contribui para fazer face a tamanha despesa, todavia, o Teatro cresce dia-a-dia, tudo com o esforço do pobre, do trabalhador; os capitalistas? esses guardam o seu dinheiro bem guardado; as entidades oficiais? essas permanecem indiferentes, a demonstrá-lo, para além de muitos obstáculos criados, o facto de a C. M. de Gondoamr, na sua reunião de 25 de Fevereiro, do corrente ano, ter aprovado o projecto de obras de adaptação do edifício da Quinta das Freiras a Cine-Teatro, tendo perfeito conhecimento da obra que o Grupo Dramático está a construir e cuja conclusão está para breve.

Efectivamente se em vez de um, tivéssemos dois teatros a funcionar com o mínimo de rentabilidade, isso seria o ideal, mas atendendo a que a montagem de um espectáculo implica encargos financeiros muito elevados, estamos em crer que, tanto o Teatro Experimental, como o Cine-Teatro da Quinta das Freiras são obras destinadas a pouco mais que perpetuar, os nomes daqueles que as idealizaram.

Julgamos que a Câmara Municipal de Gondomar andaria bem melhor se ajudasse o Grupo Dramático a concluir o seu Teatro e depois patrocinar espectáculos destinados a todos os riotintenses, como sucede com a Câmara do Porto em relação ao T.E.P., porque não?... — C. S.

Salão Paroquial de Meires

Está para breve a inauguração do Salão Paroquial de Meires, obra esta já concluída, estando a proceder-se ao seu mobiliário, pois os adornos e acessos exteriores, também já se entram em bom ritmo, aguardando-se por isso a sua inauguração dentro de dias.

Já se encontram entre nós os beneméritos srs. Adão de Sousa Mota e António de Sousa Mota, que com suas famílias vieram do Brasil assistir ao acto da inauguração, pois este imóvel foi todo construído a expensas de tão generosos benfeitores, dotando esta freguesia com mais este melhoramento, onde foram gastos muitas centenas de contos. Também os menos senhores, inauguram cada um novas residências nesta freguesia, ingressando nas mesmas no passado domingo, sendo muito felicitados pelos seus inúmeros amigos e conterrâneos. — C.

Fig. 12 - Jornal "Comércio de Gondomar" (05/07/1971)



Sexta-feira, 18/1/74

Do sonho à realidade

RIO TINTO JÁ TEM O SEU TEATRO DE BOLSO

A nova sede do «Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto» recebeu os representantes dos órgãos da Informação. Como cicerones, os presidente e secretários da Assembleia Geral, Arnaldo Neves, António da Silva e Oscar Rocha, e vários membros da Direcção e do Conselho Fiscal.

A construção das novas instalações iniciou-se em 1968. Um sonho que se tornou realidade, uma obra que praticamente partiu do nada, e só foi possível graças ao entusiasmo dos actuais corpos gerentes. Deram a sua colaboração, como autores do projecto a eng.ª D. Virgínia Moura e o arq.º Lobão Vital. As instalações, a inaugurar em breve, constam essencialmente dum modelar Teatro de Bolso, um bar, instalações sanitárias, e uma cave para diversões.

O teatro, um dos melhores do País, no género, é dotado de plateia, balcão e camarins. Possui excelentes condições acústicas e uma lotação de 130 lugares. Nasceu para que fosse criado um grupo dramático amador.

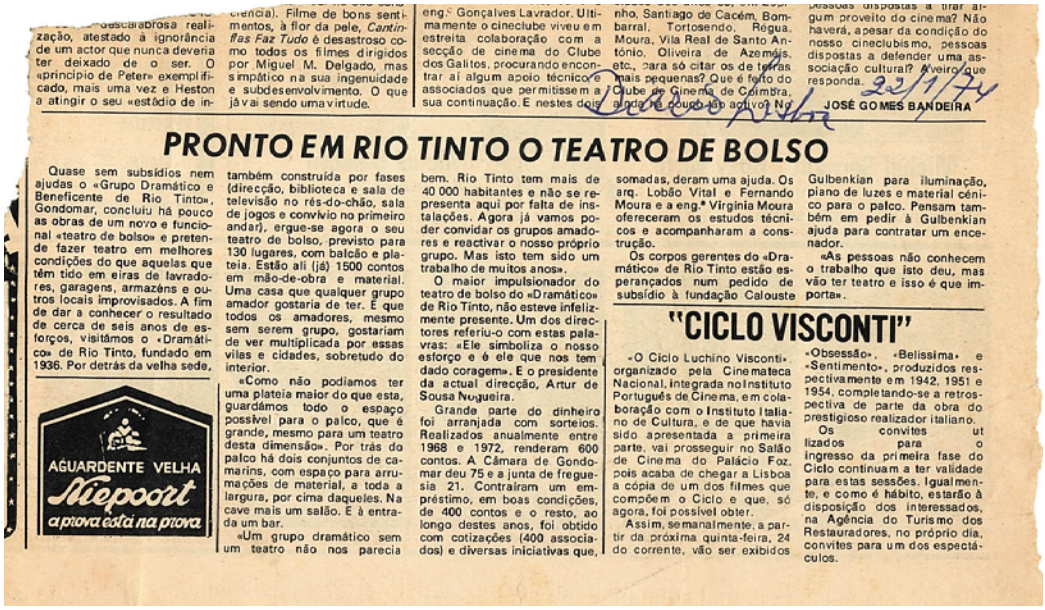
Foi assim prestado um importante e meritório serviço à promoção cultural do povo. O teatro pode ainda ser utilizado para colóquios, conferências, actos solenes, e, nestes casos, a sua lotação poderá ser aumentada.

O custo das obras atingiu já os 1500 contos. Mil contos foram angariados através de sorteios, festas e excursões promovidas pelo Grupo, de subsídios da Câmara de Gondomar e da Junta de Freguesia de Rio Tinto, respectivamente de 75 e de 20 contos, e da cotização (5$00) de cada um dos 400 associados.

A associação espera conseguir os restantes 500 contos, mediante empréstimo. Conta-se, ainda, para o recheio do teatro, com um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian.

No teatro, poderão actuar quaisquer grupos de outras terras. E a colectividade pensa formar em breve um grupo dramático amador, e que constitui o objectivo para que foram construídas as novas instalações.

Fig. 13 - Jornal "Comércio do Porto" (18/01/1974)



...descabrosa realização, atestado à ignorância de um actor que nunca deveria ter deixado de o ser. O «principio de Peter» exemplificado, mais uma vez e Heston a atingir o seu «estádio de incompetência». Filme de bons sentimentos, à flor da pele, *Cantiflas Faz Tudo* é desastroso como todos os filmes dirigidos por Miguel M. Delgado, mas simpático na sua ingenuidade e subdesenvolvimento. O que já vai sendo uma virtude.

eng.º Gonçalves Lavrador. Ultimamente o cineclube viveu em estreita colaboração com a secção de cinema do Clube dos Galitos, procurando encontrar aí algum apoio técnico e associados que permitisse m a sua continuação. E nestes dois

nho, Santiago de Cacém, Bombarral, Tortosendo, Régua, Moura, Vila Real de Santo António, Oliveira de Azeméis, etc., para só citar os de terras mais pequenas? Que é feito do Clube de Cinema de Coimbra, ainda há pouco tão activo? Ne

passoas dispostas a tirar algum proveito do cinema? Não haverá, apesar da condição do nosso cineclubismo, pessoas dispostas a defender uma associação cultura? Aveiro que responda. 22/1/74

JOSÉ GOMES BANDEIRA

PRONTO EM RIO TINTO O TEATRO DE BOLSO

Quase sem subsídios nem ajudas o «Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto», Gondomar, concluiu há pouco as obras de um novo e funcional «teatro de bolso» e pretende fazer teatro em melhores condições do que aquelas que têm tido em eiras de lavradores, garagens, armazéns e outros locais improvisados. A fim de dar a conhecer o resultado de cerca de seis anos de esforços, visitámos o «Dramático» de Rio Tinto, fundado em 1936. Por detrás da velha sede, também construída por fases (direcção, biblioteca e sala de televisão no rés-do-chão, sala de jogos e convívio no primeiro andar), ergue-se agora o seu teatro de bolso, previsto para 130 lugares, com balcão e plateia. Estão aí (já) 1500 contos em mão-de-obra e material. Uma casa que qualquer grupo amador gostaria de ter. É que todos os amadores, mesmo sem serem grupo, gostariam de ver multiplicada por essas vilas e cidades, sobretudo do interior.

AGUARDENTE VELHA
Mepoort
a prova está na prova

«Como não podíamos ter uma plateia maior do que esta, guardámos todo o espaço possível para o palco, que é grande, mesmo para um teatro desta dimensão». Por trás do palco há dois conjuntos de camarins, com espaço para arrumações de material, a toda a largura, por cima daqueles. Na cave mais um salão. E à entrada um bar.

«Um grupo dramático sem um teatro não nos parecia bem. Rio Tinto tem mais de 40 000 habitantes e não se representa aqui por falta de instalações. Agora já vamos poder convidar os grupos amadores e reactivar o nosso próprio grupo. Mas isto tem sido um trabalho de muitos anos».

O maior impulsionador do teatro de bolso do «Dramático» de Rio Tinto, não esteve infelizmente presente. Um dos directores referiu-o com estas palavras: «Ele simboliza o nosso esforço e é ele que nos tem dado coragem». E o presidente da actual direcção, Artur de Sousa Nogueira.

Grande parte do dinheiro foi arranjada com sorteios. Realizados anualmente entre 1968 e 1972, renderam 600 contos. A Câmara de Gondomar deu 75 e a junta de freguesia 21. Contraíram um empréstimo, em boas condições, de 400 contos e o resto, ao longo destes anos, foi obtido com cotizações (400 associados) e diversas iniciativas que, somadas, deram uma ajuda. Os arq. Lobão Vital e Fernando Moura e a eng.ª Virgínia Moura ofereceram os estudos técnicos e acompanharam a construção.

Os corpos gerentes do «Dramático» de Rio Tinto estão esperançados num pedido de subsídio à fundação Calouste Gulbenkian para iluminação, piano de luzes e material cénico para o palco. Pensam também em pedir à Gulbenkian ajuda para contratar um encenador.

«As pessoas não conhecem o trabalho que isto deu, mas vão ter teatro e isso é que importa».

"CICLO VISCONTI"

«O Ciclo Luchino Visconti» organizado pela Cinemateca Nacional, integrada no Instituto Português de Cinema, em colaboração com o Instituto Italiano de Cultura, e de que havia sido apresentada a primeira parte, vai prosseguir no Salão de Cinema do Palácio Foz, pois acaba de chegar a Lisboa a cópia de um dos filmes que compõem o Ciclo e que, só agora, foi possível obter.

Assim, semanalmente, a partir da próxima quinta-feira, 24 do corrente, vão ser exibidos «Obsessão», «Belissima» e «Sentimento», produzidos respectivamente em 1942, 1951 e 1954, completando-se a retrospectiva de parte da obra do prestigioso realizador italiano.

Os convites utilizados para o ingresso da primeira fase do Ciclo continuam a ter validade para estas sessões. Igualmente, e como é hábito, estarão à disposição dos interessados, na Agência do Turismo dos Restauradores, no próprio dia, convites para um dos espectáculos.

Fig. 14 - Jornal "Diário de Lisboa" (22/01/1974)

Nota: Os restantes recortes de jornais encontram-se em anexo.

É importante referir que esta obra, assim como em todas as outras intervenções, foi conseguido devido à luta constante da direção da Associação, dos contributos incansáveis dos sócios, e alguns apoios da CMG e JFRT.
Mas de entre todas estas ajudas, importa destacar a oferta do projeto para o "Teatro de Bolso" pelos autores do mesmo – Arquiteto António Lobão Vital e a Engenheira Virgínia Moura: dois bons amigos do Grupo. Para além de oferecerem o projeto, realizaram o acompanhamento completo da obra a custo zero. A inauguração a 5 de fevereiro de 1976, precisamente 40 anos após a fundação do Grupo, foi seguida de um período de grande atividade e dinamismo.

Posteriormente, o teatro esteve inativo durante alguns anos, na década de 80, o que levou à degradação das suas instalações. Contudo, na década seguinte, a *''direção da associação pretende a continuar a manter o trabalho iniciado, apostando essencialmente na revitalização do teatro e nas suas cinco equipas federadas de futebol de salão."* [15]

Outra atividade que o Grupo desenvolveu foi a criação de uma biblioteca. À data da sua inauguração, apenas uma pequena parte da população sabia ler. Assim, embora a ideia da sua criação tenha sido apresentada em março de 1943, a existência de outros projetos fez com que a sua concretização se adiasse. Só em 1960 se apresenta como uma prioridade e, só passados seis anos, foi inaugurada. Os livros foram, naturalmente, oferecidos pelos associados, algumas empresas e instituições.

A existência de uma biblioteca permitiu desenvolver a arte da leitura e contribuiu para combater a taxa de analfabetismo dos riotintenses. Atualmente, embora já não se encontre em funcionamento, ainda podemos ver alguns livros "perdidos" nas instalações do Grupo.

15 - in jornal ***Comércio do Porto***, 1996.

Acompanhando os avanços tecnológicos, o Dramático voltou a servir a comunidade riotintense com uma sala de informática em 1995, onde foram ministradas diversas formações.

Esta associação também tomou iniciativas beneficentes, ajudando os mais necessitados. Um desses exemplos era a distribuição do "bodo", que era entregue por volta do Natal. O bodo era constituído por azeite, sêmea, batata e bacalhau, e estes bens eram angariados por todos os associados e alguns comerciantes, sendo depois distribuídos para os mais necessitados.

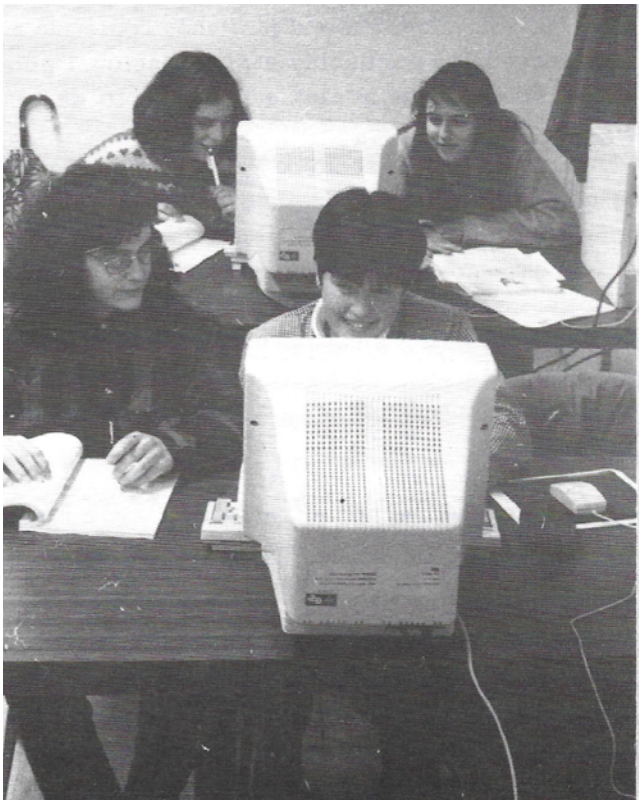


Fig. 15 - Fotografia da sala de informática do Grupo (sem data - cerca 1995)

CRONOLOGIA DAS INTERVENÇÕES NO EDIFÍCIO

Depois desta resenha histórica, impõem-se perceber como foi evoluindo o edifício.

O edifício do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto já conta com 80 anos, tornando-se assim evidente a importância de fazer um estudo sobre as várias intervenções que ali foram realizadas. Para a prossecução deste objetivo, procedeu-se à recolha da escassa informação disponível na Câmara Municipal de Gondomar, relacionada com o objeto de estudo, bem como ao levantamento da informação disponível nas instalações do Grupo, onde se encontravam alguns projetos que não constavam do espólio fornecido pela Câmara, mas que viriam a dar suporte e servir de lanterna ao estudo realizado.
De seguida, sentiu-se a necessidade de fazer uma análise de cada projeto, de modo a organizá-los cronologicamente e, assim, perceber a narrativa construtiva que viria a dar lugar ao atual edifício.

Este estudo sobre a evolução construtiva do GDBRT afigura-se como essencial para o desenvolvimento da dissertação de mestrado, uma vez que permite perceber qual é o ponto de partida para um novo ensaio do futuro das instalações do Grupo, por um lado, e possibilita perceber a materialidade e técnicas utilizadas, bem como entender pormenores que a um primeiro olhar não se conseguem captar. Trata-se de ir para além da imagem superficial, ingressando numa viagem que nos permita conhecê-lo para além das paredes.
Um aspeto de grande importância é que estas transformações nos permitem perceber a constante evolução das instalações, mostrando o que foram as sucessivas intenções do GDBRT, e as suas prioridades e objetivos.

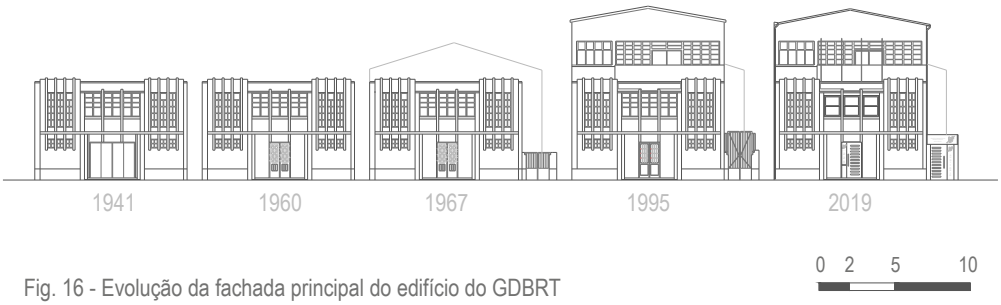


Fig. 16 - Evolução da fachada principal do edifício do GDBRT

10

1941:

Tal como referido anteriormente quando abordamos a história do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto, apesar da data da fundação do Grupo, em 1936, só volvidos 5 anos, em 1941, é que fizeram a inauguração da primeira e atual sede. Deste primeiro projeto não existem quaisquer registos - quer na CMG quer nas instalações do Grupo. No entanto, com os projetos de 1948 e 1951 existentes na CMG, é-nos permitido entender as formas que existiam antes e, assim, chegar a uma reconstituição do que seria o primeiro projeto da sede do GDBRT.

Este primeiro projeto divide-se em dois pisos: o rés-do-chão com o hall de entrada, uma arrecadação e uma sala de sessões. Esta sala servia de espaço para a realização de algumas palestras e debates, para além de ser o lugar onde ocorriam as reuniões de direção. No segundo piso existia um salão de jogos.

A nível construtivo, consegue-se aferir analisando os projetos posteriores, as paredes exteriores eram de pedra, rebocada de ambos os lados, e, por sua vez, as paredes interiores eram de tijolo, também rebocadas de ambos os lados e pintadas com cores claras. Segundo indicação do projeto, o pavimento do primeiro piso foi construído em madeira sucupira. A laje existente foi construída em madeira sucupira.

Os projetos de 1948 e 1951, cujo principais objetivos seriam, respetivamente, a construção de uma sala de espetáculos e a ampliação do salão de jogos existente, foram projetos que não foram licenciados pela CMG, o que inviabilizou a realização das obras pretendidas.

Apesar de não terem sido projetos concluídos, foram muito úteis enquanto linha orientadora para o desenvolvimento deste estudo, dando-nos a perceção de como foi o primeiro projeto da sede do Grupo. Concomitantemente, permite-nos verificar que entre os projetos de 1941 e 1960 existiram obras de ampliação que não foram registadas em projeto, mas que se tornam evidentes quando se comparam as plantas dos mesmos.

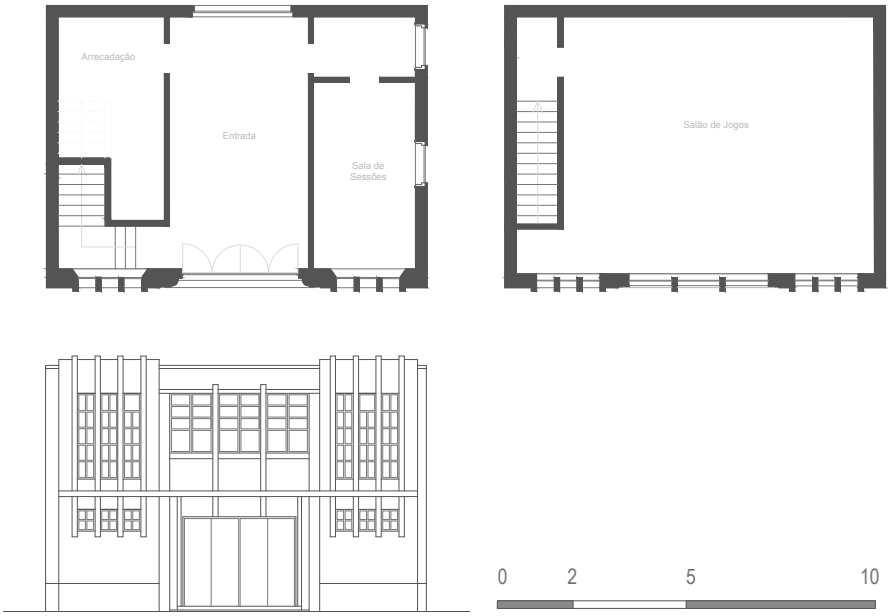


Fig. 17, 18 e 19 - Planta R/c, 1º Piso e Alçado da fachada principal, Projeto 1941, Escala 1/200 - Reconstituição da autora

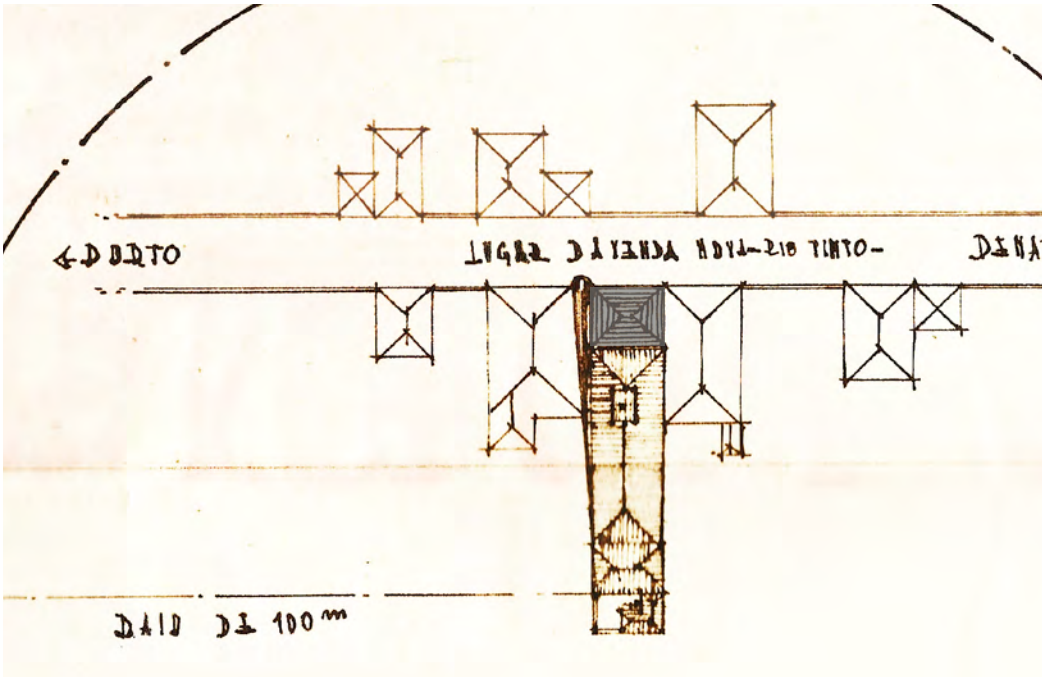


Fig. 20 - Planta de implantação, 1948 (projeto não constuído) .
Note-se que ainda assim este desenho permite perceber qual era o edifÍcio original. (Realçado no desenho).

1960:

Quando nos detemos na análise do projeto de 1960, verificamos que apenas procederam ao desenho do piso do rés-do-chão, na medida em que as intervenções propostas apenas se circunscreviam a este espaço. Não obstante, é representado no mesmo a sua continuidade, tal como podemos aferir pela planta de implantação. (fig.25)

O principal objetivo deste projeto era a criação de uma biblioteca. Este espaço era uma das grandes ambições do Grupo, indo de encontro a uma das necessidades que almejavam suprir, uma vez que permitiria instruir os sócios e a população riotintense. Apesar de, à primeira vista, parecer uma decisão irrefletida, por ser uma época em que eram poucos os que sabiam ler, a decisão foi na verdade importante, uma vez que ajudou a praticar e a desenvolver a leitura, e contribuiu para combater a taxa de analfabetismo da Freguesia.

Para além da criação da biblioteca, e com o intuito de dar uma melhor disposição e aproveitamento ao rés-do-chão, foi feito um arranjo e modificação do hall de entrada, que permitiu a divisão do espaço e possibilitou acrescentar uma despensa e uns arrumos.

Construtivamente, as novas paredes interiores são de tijolo vazado de 0.08m, rebocadas em ambas as faces e pintadas com cores claras. No corredor encontramos um lambrim em marmorite e, no hall de entrada um lambrim em mármore.

O pavimento dos arrumos e da despensa foram betonilhados, sendo a superfície em cimento queimado, enquanto que o corredor foi revestido a marmorite. Já o hall de entrada foi pavimentado com ladrilhos de mármore, bem como a biblioteca. Os tetos foram construídos em estafe devidamente estucados a gesso.

Podemos ainda observar, no desenho do alçado, que houve uma alteração de uma porta de quatro folhas para uma de madeira de castanho de duas folhas, resultado do novo desenho que foi feito interiormente no rés-do-chão.

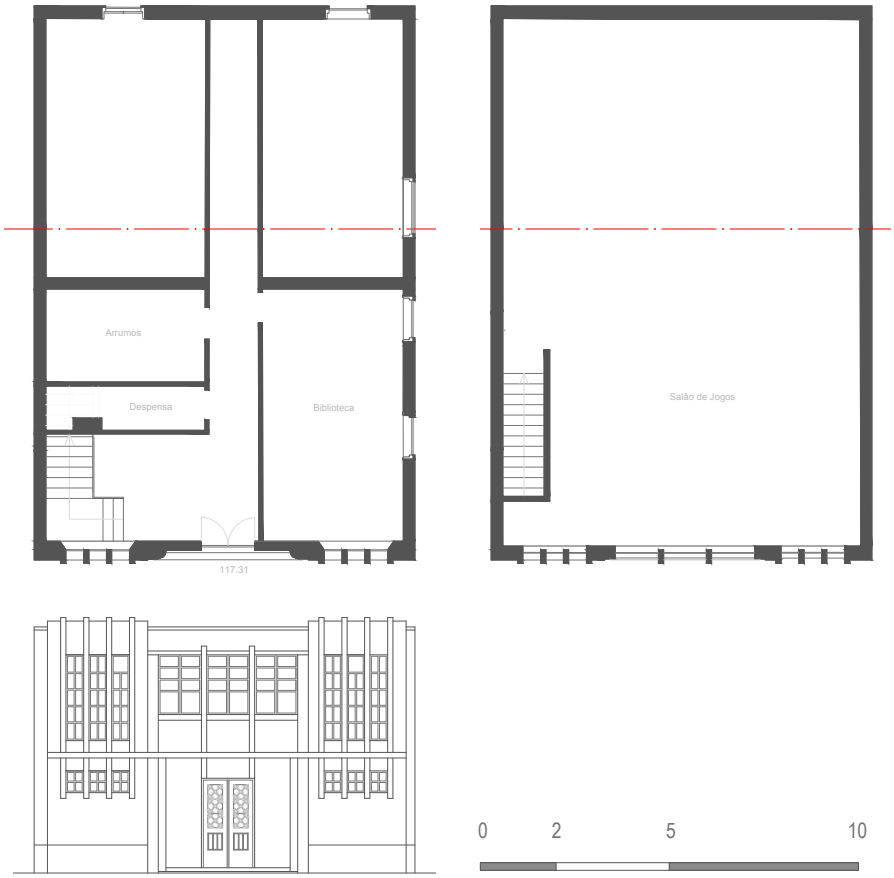


Fig. 21, 22 e 23 - Planta R/c, 1º Piso e Alçado da fachada principal, Projeto 1960, Escala 1/200. Reconstituição da autora.

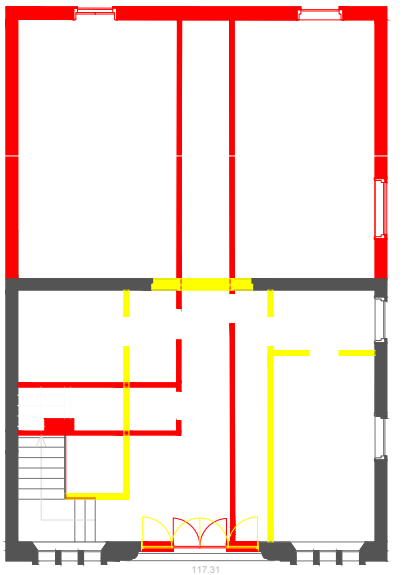


Fig. 24 - Planta Vermelho e Amarelos 1941 -1960 Escala 1/200

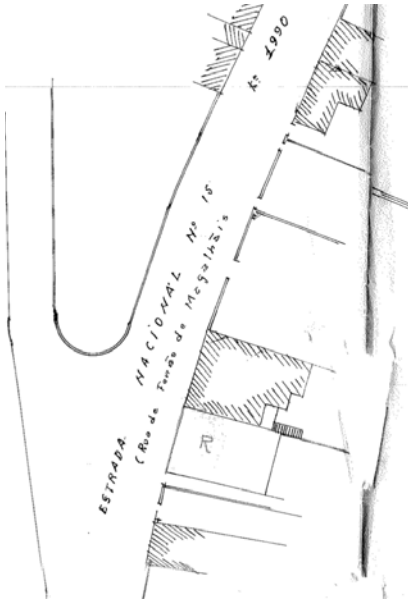


Fig. 25 - Planta de implantação, 1960

1967:

Este projeto foi o mais importante para o Grupo e aquele pelo qual mais ansiavam. Foram muitos anos de persistência e resiliência mas, passados 31 anos da sua data de fundação, conseguiram o projeto da construção de um teatro experimental, projeto que foi oferecido pela engenheira Virgínia Moura e pelo arquiteto António Lobão Vital - figuras com destaque político e social, opositores ao Estado Novo, como oportunamente referido.

Este projeto, para além do fruto de muita luta por parte da direção e contributos dos associados, teve também o apoio da CMG, com o fornecimento de 25 mil escudos para ajudar na construção. Apesar deste projeto ser do conhecimento da CMG e de ter sido subsidiado pela mesma, não consta dos seus arquivos.

O volume do teatro, foi acrescentado ao anteriormente existente, como um anexo com entrada independente pela passagem lateral.

O teatro, no rés-do-chão, era composto pelo acesso de entrada, o vestíbulo, que se apresentava como- *"o primeiro espaço interno do edifício adquirindo um maior cuidado na escala, nos acabamentos e no pormenor."*[16]. Acresciam as instalações sanitárias, bar, sala (palco e plateia) e camarins.

Junto ao acesso de entrada do teatro, (pela passagem externa), encontram-se as escadas de acesso ao piso 1, onde existe um vestíbulo secundário, o balcão e uma zona de arquivo/arrumos.

Foi também criado um piso inferior à cota da construção, que se situa por baixo do palco, mas que não fica subterrâneo. Este piso servia de estrutura de apoio ao palco e, simultaneamente, funcionava como uma zona de criação de cenários para as peças de teatro.

Construtivamente, os elementos estruturais - lajes, vigas e pilares e a escada de acesso ao balcão e ao piso -1 - são de betão armado. As paredes exteriores são duplas, de tijolo de 0.15m, com uma caixa de ar de 0.04m.

16- SILVA, Susana. ***Arquitectura de Cine-teatros. Evolução e Registo (1927-1959): Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo***, Coimbra:Almedina, 2010, pág.159.

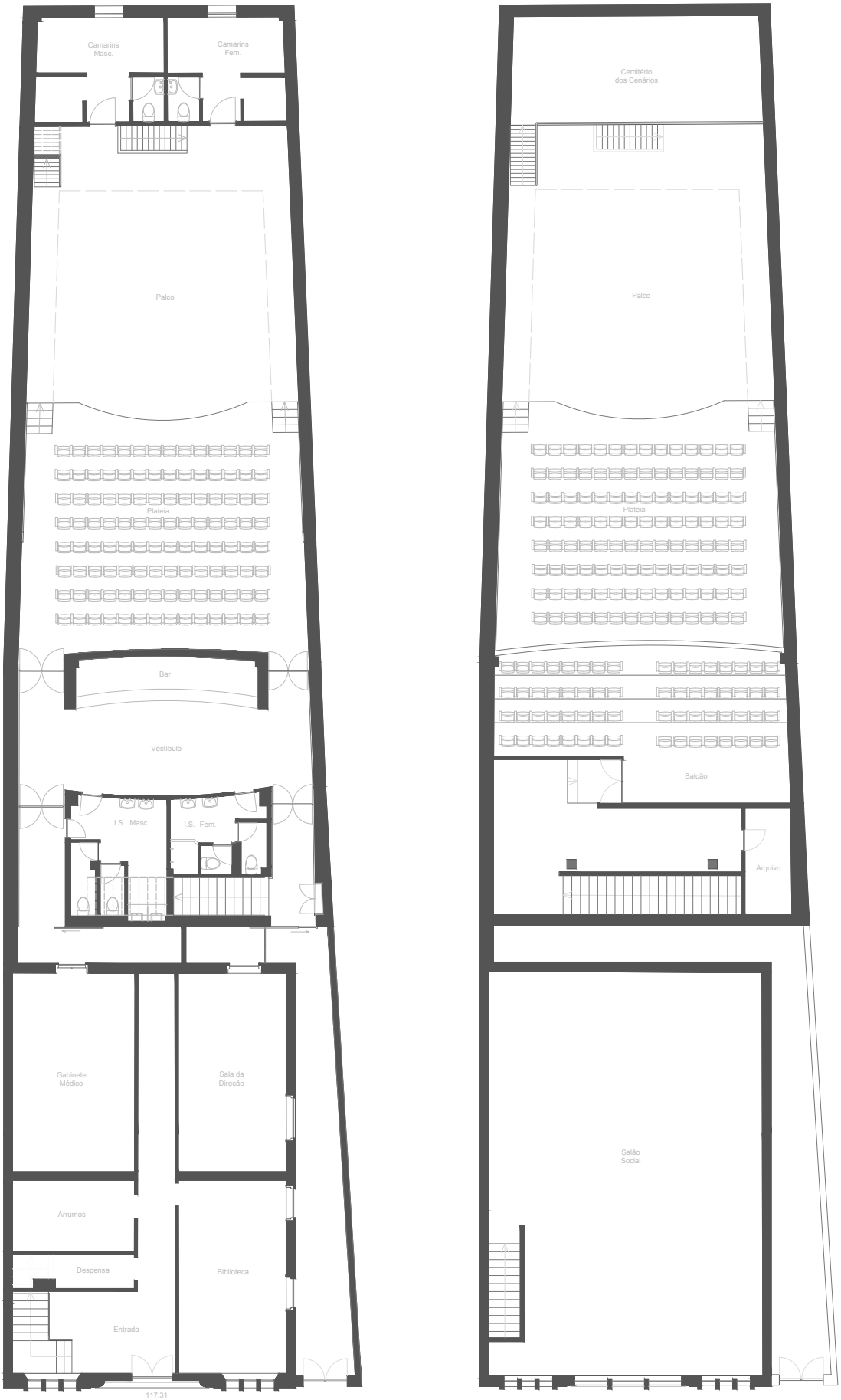


Fig. 26 e 27 - Planta R/c, 1º Piso. Projeto 1967, Escala 1/200. Reconstituição da autora.

As paredes interiores são em tijolo de 0.07m. Entre elas as que separam o vestíbulo de entrada do bar e das escadas de acesso ao balcão; a que separa os sanitários masculinos e femininos; a que separa o bar da plateia e as partes laterais; a que separa os camarins femininos e masculinos e a parede que separa os camarins do palco. As paredes das costas do bar, as paredes envolventes das instalações sanitárias, as paredes laterais do vestíbulo e de entrada levaram um forro de madeira de pinho tratado com 0.018m de espessura. Já as paredes laterais da plateia levam o mesmo forro de madeira, mas com um outro forro com cota mais alta de tijolo de 0.07m.
A parede do fundo do bar teve um revestimento a azulejo decorativo.

Todo o pavimento do rés-do-chão, à exceção do palco e do piso -1, foi construído com uma camada de brita grossa com areia e cimento devidamente hidrofugada numa profundidade nunca inferior a 0.30m.

Ainda de acordo com o projeto de 1967, relativamente a revestimentos, o bar foi revestido a mosaico, a plateia tacos de madeira de eucalipto, o acesso de entrada e vestíbulo a tijoleira cerâmica fosca, os camarins a tacos de madeira de pinho e a escada de acesso ao balcão em material polivinílico.

O murete que separa a plateia do palco é de tijolo de 0.07m, com uma altura de 1.10m. Na parte superior, no balcão, a guarda tem 0.90m de altura em tijolo vazado, com 11cms de espessura rebocado pintado de ambos os lados. Sobre esta guarda, leva um engradamento em madeira de 0.02m de espessura. No balcão, acima da laje, encontramos uma estrutura de madeira que forma os degraus.
O teto do hall foi caiado com alvaiade na zona em frente ao balcão e instalações sanitárias.
A estrutura da cobertura é de asnas de betão que ficam à vista até a zona do palco e encontram-se tapadas por teto falso na parte restante. A cobertura é em painel de sandwich, e encontra-se apoiada em madres assentes nas asnas.



Fig. 28 - Alçado Fachada Principal. Projeto 1967, Escala 1/200. Reconstituição da autora.

0 2 5 10

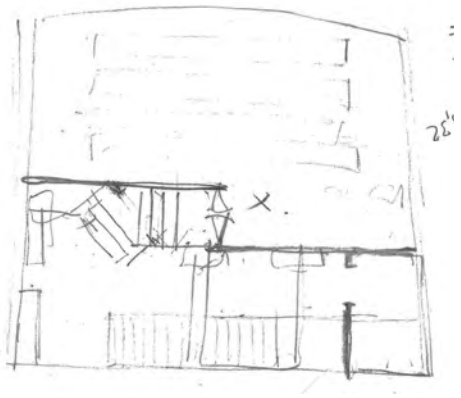


Fig. 29 - Esquisso do 1º Piso do teatro, do Arquiteto António Lobão Vital

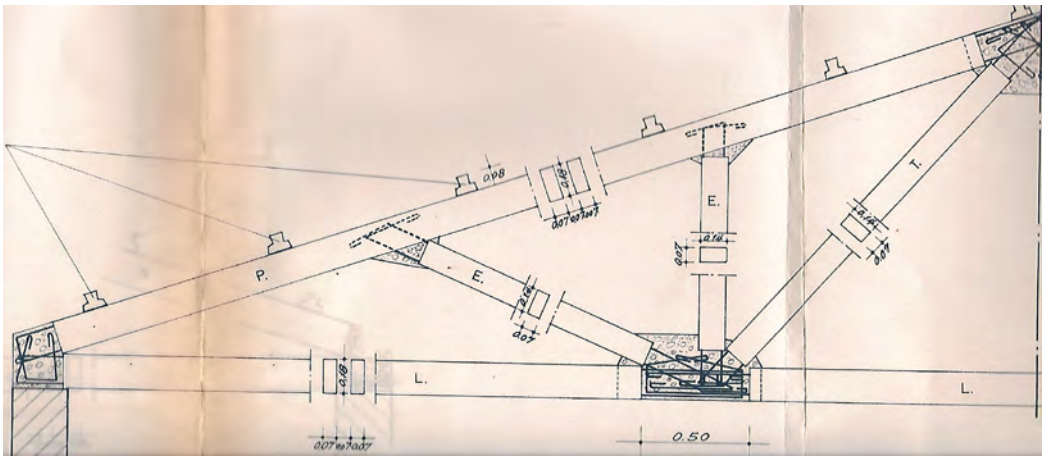


Fig. 30 - Pormenor das asnas da cobertura do teatro, sem escala

A porta de acesso ao teatro é de ferro e com o sistema de correr, enquanto as restantes portas e guarnições são de madeira sucupira e de dupla face com sistema de abrir, com exceção das portas de entrada para a sala, que são portas de sistema vai e vem.

Esta grande construção apenas foi concluída em meados da década de 70, sendo inaugurado o teatro no dia 5 de fevereiro de 1977. Neste dia foi anunciado quando se iria estrear a primeira peça de teatro nas instalações.



Fig. 31- Flyer do primeiro espetáculo do GDBRT nas instalações

A construção deste teatro teve um grande impacto, que extravasou a comunidade local, tendo sido motivo de diversas notícias na imprensa nacional, como já oportunamente referido.

Nas seguintes imagens apresentadas podemos ver fotografias do teatro tiradas após a sua construção, quando ainda não tinham sido colocadas as cadeiras da plateia.



Fig. 32 - Fotografia do teatro, vista do palco (sem data)

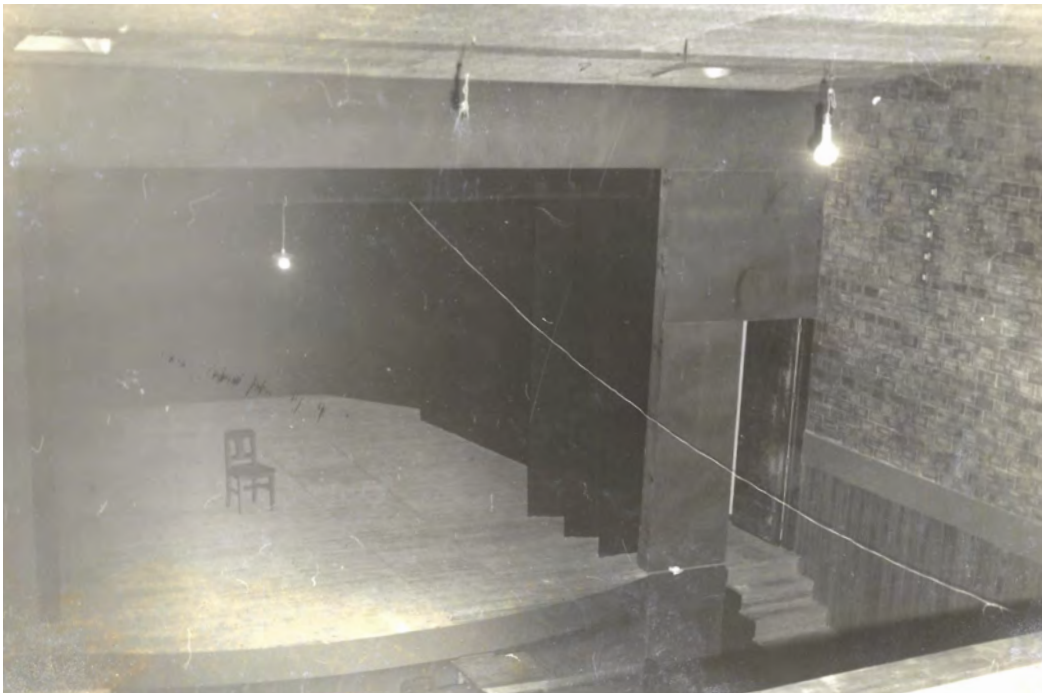


Fig. 33 - Fotografia do teatro, vista para o palco (sem data)

1981:

Em 1981, foi levado a cabo um projeto que também não consta dos arquivos da CMG, mas que se reveste de alguma importância nas instalações do Grupo. Tratou-se de um projeto com vista à realização de instalações sanitárias no edifício da sede, dado que até então eram inexistentes.

Neste mesmo projeto, aproveitaram para desenhar uma zona de bar para dar apoio ao salão social, que assumia simultaneamente a funcionalidade de salão de jogos, reduzindo-se as alterações efetuadas no 1º Piso.

O projeto só dispõe de peças desenhadas pela empresa Savel - responsável pela obra - e não contém memória descritiva, o que não nos permite aferir que materiais e técnicas utilizadas para a construção das novas paredes. No entanto, e como só foram construídas paredes interiores, supõe-se que terá sido utilizado o mesmo tipo de material que nas restantes paredes interiores - tipo de construção próprios da época e da arquitetura portuguesa -, paredes de tijolo rebocadas dos dois lados, embora no lado interior das instalações sanitárias o revestimento seja de material impermaável. As instalações sanitárias estavam separadas por sexos e, no meio, desenharam o bar e a copa.

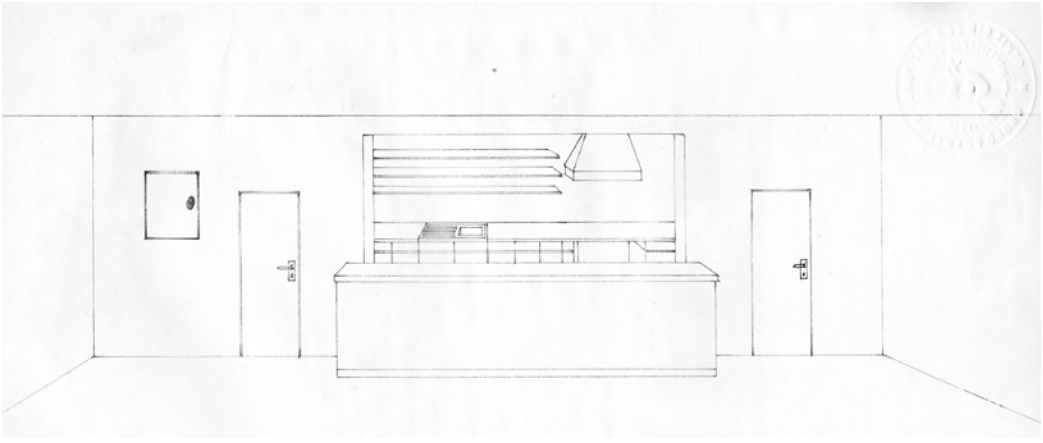


Fig. 34 - Desenho perspetiva do projeto de 1981

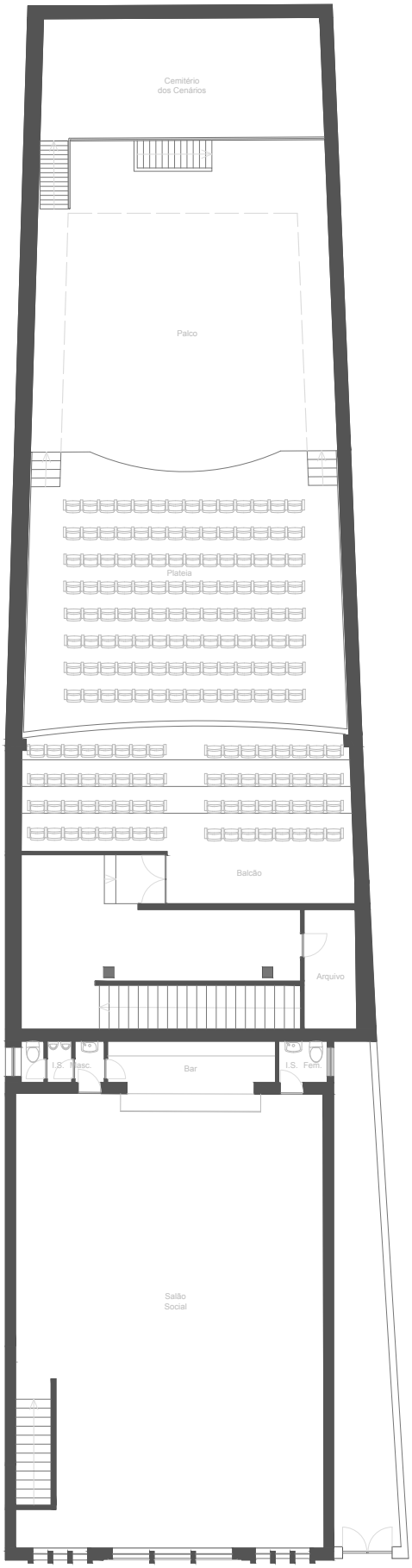


Fig. 35 - Planta piso 1 do projeto de 1981
Escala 1/200
Reconstituição da autora.

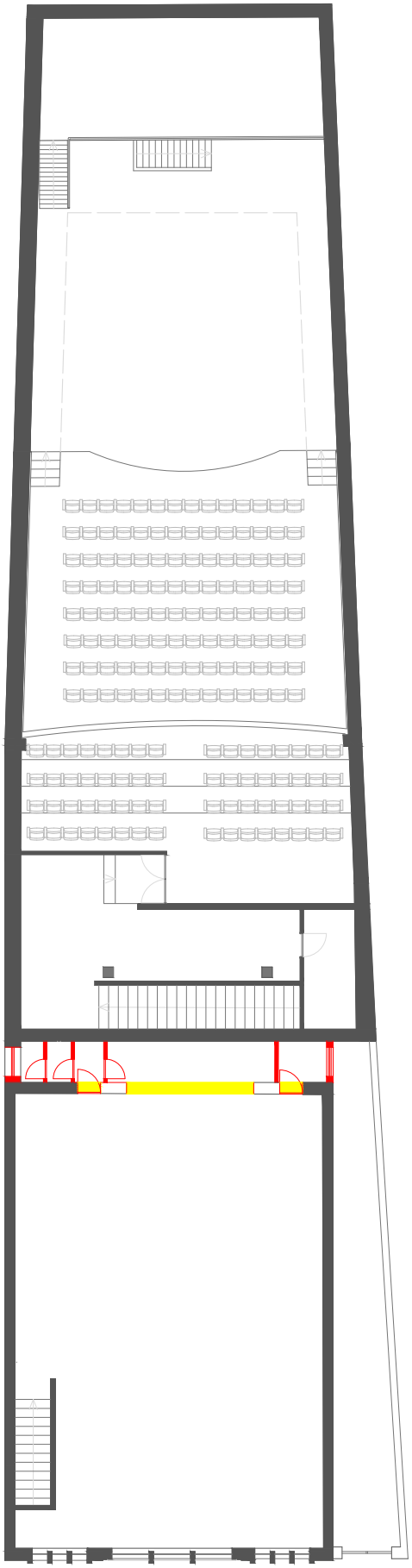


Fig. 36 - Planta Vermelho e Amarelos
1967 -1981 Escala 1/200
Reconstituição da autora.

0 2 5 10

> 1981 < 1995:

É conveniente referir que as alterações que vão ser elencadas de seguida não se encontram registadas em qualquer projeto e, por isso, não são conhecidas as datas exatas em que as mesmas ocorreram. Com efeito, ainda que se encontrem todas representadas no mesmo desenho, não nos é possível aferir que as mesmas tenham sido realizadas todas ao mesmo tempo. Na verdade, o mais provável é que não tenham ocorrido simultaneamente, mas sim mediante as prioridades e possibilidades que foram surgindo no dia a dia do Grupo.

Uma das alterações realizadas ocorreu na zona do Teatro, onde fizeram um reforço estrutural sob o palco, que até à data assentava nuns pilares de betão e numa estrutura em madeira. A nova estrutura, que aparentemente parecia ser construída de vigas e pilares metálicos, foi na realidade construída com recurso a vigas dos carris dos elétricos, doadas pela STCP para o efeito. Também os camarins sofreram alterações, tendo sido demolidas todas as divisórias interiores, com exceção das paredes das instalações sanitárias, com o intuito de obter um melhor aproveitamento do espaço.

No edifício da sede, reconfiguraram as instalações sanitárias e o bar do salão social no primeiro piso. As instalações sanitárias foram separadas do bar, dando lugar a uma zona de bar maior, mas, em contrapartida, a copa ficou mais pequena.

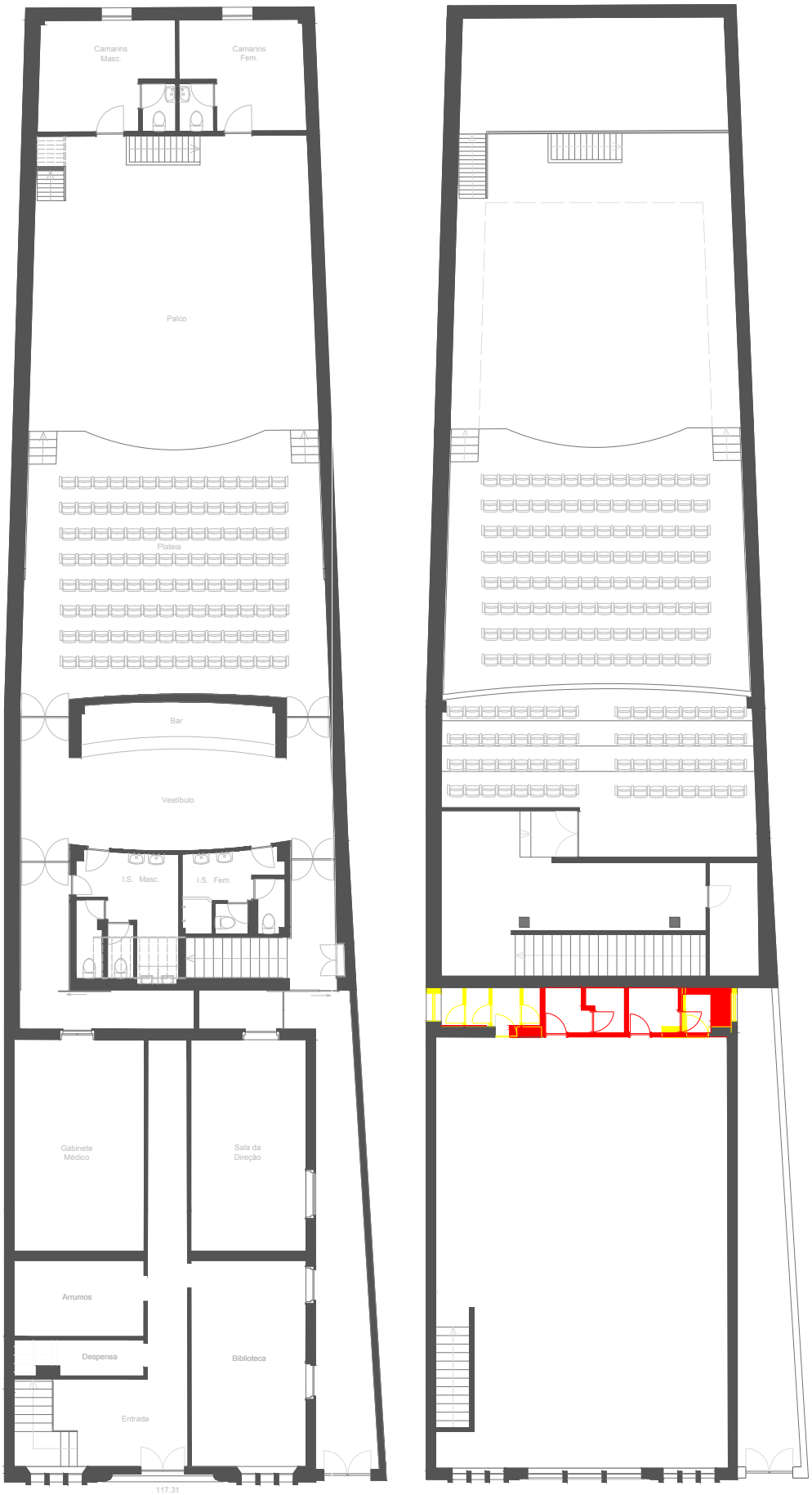


Fig. 37 e 38 - Planta r/c e piso 1 (vermelhos e amarelos) - Escala 1/200.
Reconstituição da autora

1995:

O projeto de 1995 apresentou um forte impacto nas instalações do GDBRT, especialmente pelas alterações na fachada, que até então permanecia quase inalterada relativamente ao projeto inicial. Este projeto foi movido mais uma vez pela forte ambição do Grupo em melhorar as suas instalações e proporcionar aos sócios mais espaço. Assim, o projeto consistiu na construção de um piso sobre as instalações existentes, com o intuito de ser um salão de convívio para os seus associados e familiares, dado que, até à data, os espaços existentes não o permitiam. Este novo andar dispunha da sala de convívio, instalações sanitárias masculinas e femininas, de um pequeno bar de apoio à sala, e uma varanda virada para a fachada principal do edifício.

As paredes existentes, de pedra, foram coroadas com uma cinta em betão armado para dar apoio à laje de pavimento e às paredes que se elevaram. Estas novas paredes são paredes duplas de tijolo com uma caixa de ar entre si, onde aproveitaram para colocar material de isolamento térmico. Do lado exterior, as paredes foram impermeabilizadas, rebocadas e pintadas a cores claras. Também do lado interior foram pintadas com cores claras. Na zona das instalações sanitárias, as paredes na parte interior foram revestidas com material permeável.

O pavimento da sala de convívio, terraço e instalações sanitárias foram revestidos com pavimento cerâmico, e apesar de no projeto estar previsto que as escadas e o patamar fossem revestidos com mármore de cor branca, estes foram revestidos com a mesma cerâmica que o restante pavimento.

Todos os elementos estruturais foram construídos em betão armado, à exceção da estrutura da cobertura que era metálica. A cobertura que se encontrava apoiada sobre esta estrutura foi construída com elementos em fibrocimento ondulado. Os tetos falsos, constituídos de elementos leves, foram apoiados na estrutura metálica.

Fig. 39 - Alçado fachada principal
Projeto de 1995, Escala 1/200
Reconstituição da autora

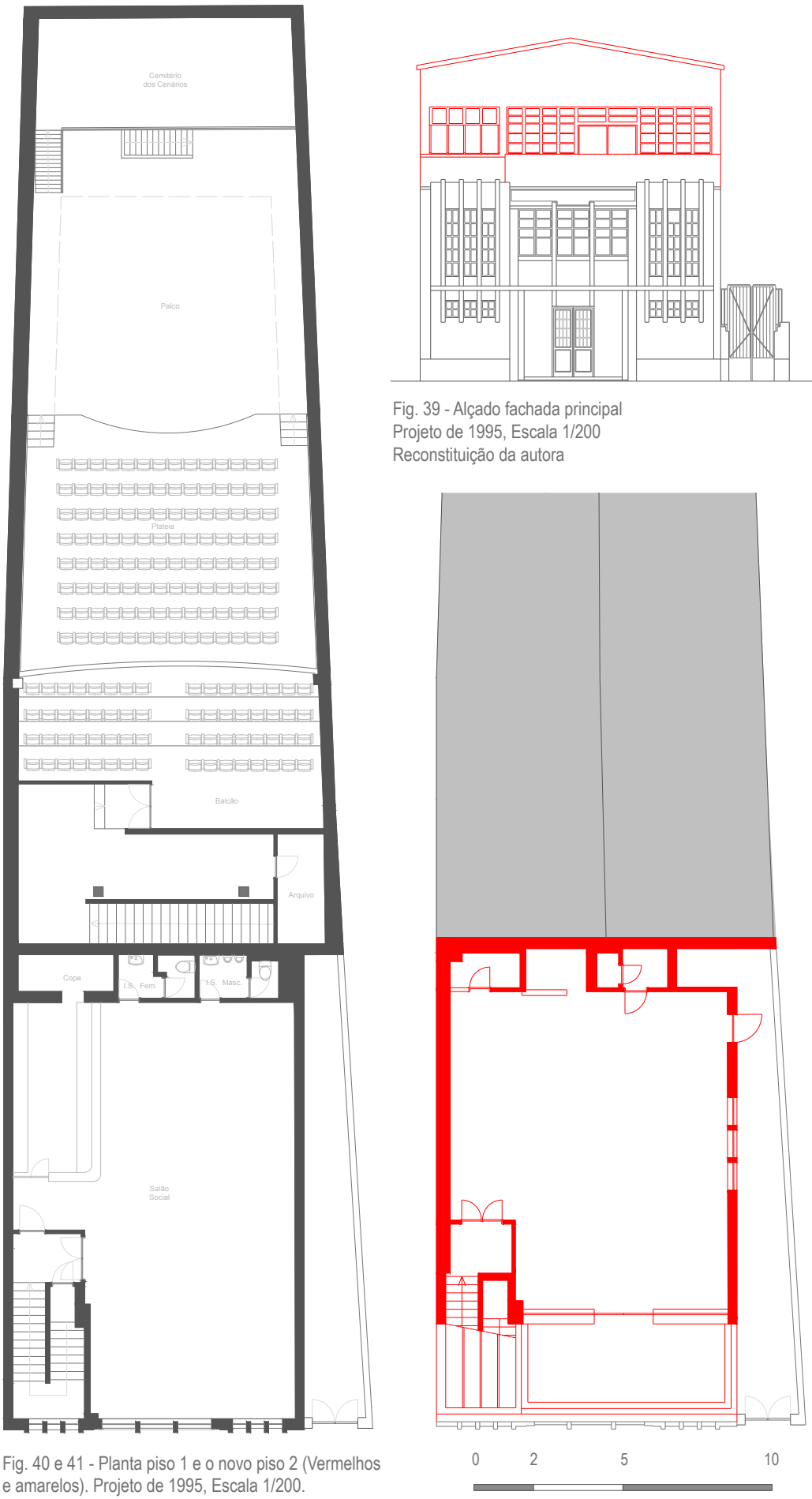


Fig. 40 e 41 - Planta piso 1 e o novo piso 2 (Vermelhos e amarelos). Projeto de 1995, Escala 1/200.
Reconstituição da autora.



Fig. 42 - Fotografia da fachada principal do GDBRT em 1986



Fig. 43 - Fotografia da fachada principal do GDBRT - entre 1990 e 1995

2000:

Neste ano, foi apresentado à CMG um projeto de uma escada de emergência no edifício da sede. Apesar deste projeto ter sido licenciado pela CMG, não foi construído. O projeto anterior, de 1995, tinha já projetado uma porta de emergência, a contar com a construção desta escada. Contudo, dado que este projeto não foi construído, esta porta a abrir para o "vazio" torna-se uma das maiores inseguranças nas instalações do Grupo.

2018:

Em 2018, e sem qualquer registo em projeto, tendo apenas por base alguns ensaios realizados, pintaram todo o edifício pelo exterior com as cores do Grupo.

2019:

As alterações que fizeram no ano de 2019, apesar de terem sido feitas com conhecimento da CMG, tendo esta, inclusivamente, bem como a JFRT, participado financeiramente, não se encontram registadas em projeto. Estas alterações focaram-se mais na zona do Teatro com o objetivo principal de criar uma régie. Até à data, a régie era improvisada no último degrau do balcão com uma mesa, o que retirava alguma visibilidade aos lugares próximos da mesma, e não cumpria perfeitamente o seu objetivo de dar apoio às peças de teatro.

A nova régie fica no antigo espaço de bar – inutilizado à data - e junto da mesma colocaram uma pequena zona de arrumos. Na parede virada às instalações sanitárias, que é onde se encontra o vestíbulo, criaram uma parede de exposição de alguns troféus do Teatro do GDBRT. As paredes novas para a construção da régie foram feitas em *pladur* com isolamento de lã de rocha e revestidas com alcatifa no interior.

O pavimento nesta zona teve de ser elevado e, para isso, foi colocada uma camada de betão que ficou à vista.

Para além desta alteração, o Grupo mudou também as cadeiras da plateia e do balcão do teatro, e foi criado no piso -1 uma sala de guarda-roupa. A parede criada para a delimitação deste espaço é uma divisória de alumínio e madeira de 0.04m.

Finalmente, mudaram as portas de entrada - quer do Teatro, quer da sede. Estas portas são de chapa de aço galvanizado e personalizadas para as instalações do Grupo, como é possível aferir pelas figuras a seguir apresentadas.

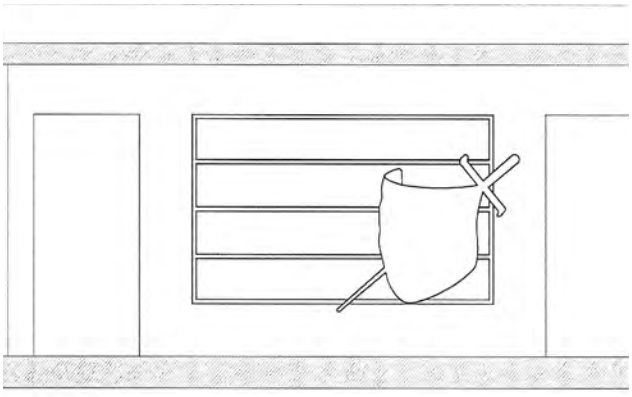


Fig. 44 - Desenho do alçado da nova parede de exposição, sem escala

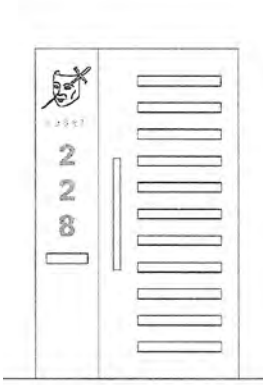


Fig. 45 - Desenho da porta da sede
Sem escala



Fig. 46 - Alçado da Fachada principal do projeto de 2019
Escala 1/200
Reconstituição da autora.

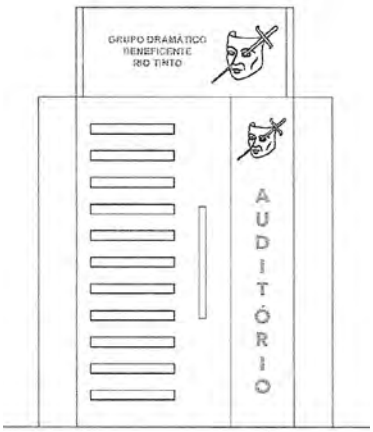
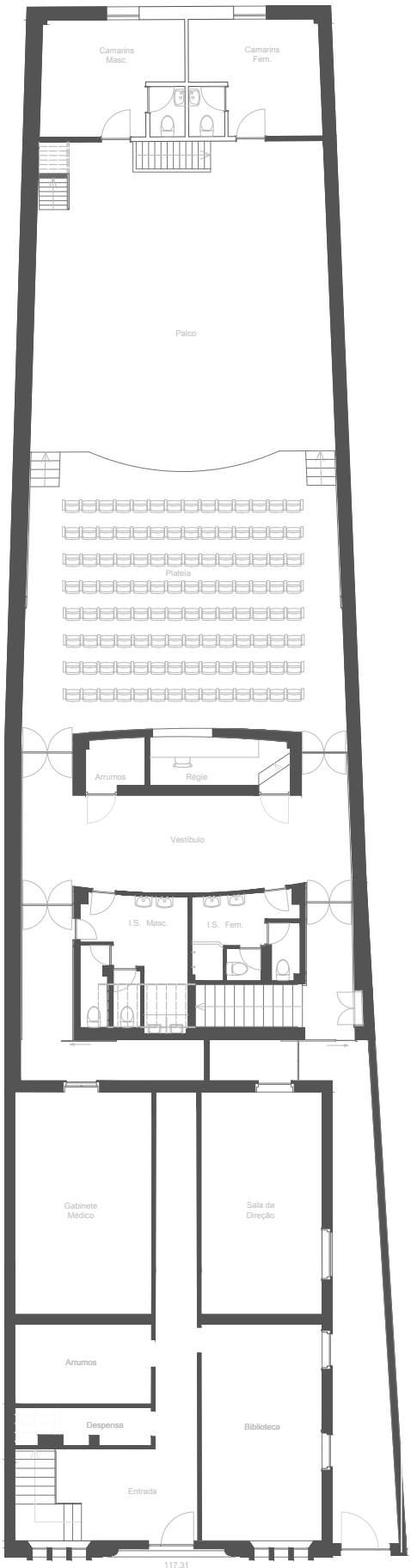


Fig. 47 - Desenho da porta do auditório
Sem escala





Fig. 48 - Fotografia da fachada principal antes da pintura exterior de 2018



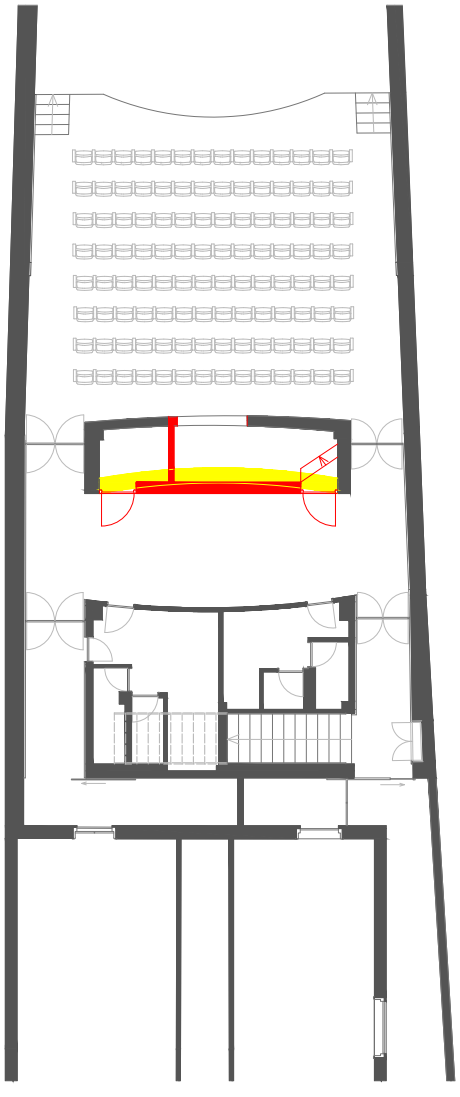


Fig. 49 e 50 - Planta r/c e Planta de Vermelhos e Amarelos Projeto de 2019, Escala 1/200
Reconstituição da autora.

"O "aqui e agora" onde se situa o corpo é o ponto zero, de forma que, consequentemente, um "lá" surge. Através da percepção dessa distância, ou melhor, da experiência dessa distância, o espaço ao redor do corpo, se manifesta como algo dotado de diversos valores e significados. O mundo que surge diante da sensibilidade humana e a condição e que se encontra o corpo do homem assim se tornam interdependentes. O mundo intermediado pelo corpo é um espaço vívido e vivido."

- Tadao Ando [17]

II - O QUE É

17- DAL CO, Francesco. ***Tadao Ando: Complete works,*** Londres: Phaidon, 1996, pág.453.

SITUAÇÃO SOCIAL E CULTURAL DE RIO TINTO

De acordo com os Censos de 2011, Rio Tinto possui 50 713 habitantes, mantendo a sua tendência de crescimento.

Com o passar do tempo, as várias unidades industriais foram fechando e as que atualmente se podem encontrar não possuem grande expressividade, nem do ponto de vista da empregabilidade, nem da sua dimensão.

Hoje, Rio Tinto afigura-se como um dos principais dormitórios da cidade do Porto, na medida em que a maioria da sua população ativa se desloca para esta cidade para aí exercer a sua profissão. Este facto leva ao aumento dos movimentos pendulares e a engarrafamentos nas principais artérias da cidade.

Por conseguinte, a chegada do Metro a Rio Tinto, em 2011, veio constituir mais um elemento de valorização para esta cidade, pois permitiu a reconfiguração de várias zonas, bem como o aumento de conforto e segurança para a população.



Fig. 51 - Vista aérea da Cidade de Rio Tinto - 2019

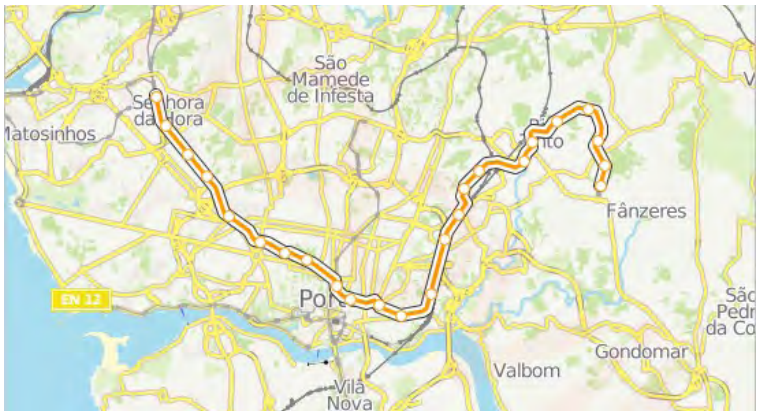


Fig. 52 - Mapa com indicação da linha de metro que passa por Rio Tinto

Orientando o nosso olhar para a organização do património construído, como podemos confirmar na figura 53, consegue constatar-se uma grande desordem a nível arquitetónico, resultado da apropriação efetuada pelas pessoas que foram chegando à cidade, na medida em que as construções eram feitas mediante as suas possibilidades e necessidades, sem regras ou ordenamento.

"Hoje, uma das maiores freguesias do País, não sendo dotada de grandes recursos naturais que a distingam, valoriza-se pela riqueza da sua comunidade das quais se podem destacar as suas associações, a comunidade escolar, o tecido empresarial entre muitas outras áreas sociais." [18]

Desde o final do século XIX, os habitantes de Rio Tinto tentam contrariar o espírito individualista, que se segue até aos dias de hoje, com um movimento associativo que continua muito presente na cidade.

No entanto, independentemente de existirem muitas teorias que defendem as virtualidades associadas ao associativismo, o impacto do papel positivo desempenhado pelas associações na sociedade continua a ser questionado.

18- FONSECA, Nuno. in ***Rio Tinto***, [na qualidade de Presidente da Junta de Freguesia de Rio Tinto], Edição: Junta de Freguesia de Rio Tinto, 2019, pág.3.

Como é que se pode afirmar que as associações são espaços que promovem o desenvolvimento cívico e democrático, quando o número de participantes é tão reduzido, sobretudo se estamos a falar de um envolvimento ativo? Como é que se pode falar das potencialidades que as mesmas oferecem se o número de pessoas que participam tende a diminuir?

Todavia, segundo José Viegas, a resposta a estas contradições, surge por avaliar as associações não pelo envolvimento dos seus membros, mas pelo impacto social que as mesmas possam ter no espaço público e pelo papel mediador que efetuam entre os cidadãos e os órgãos do poder político.

Atualmente, existem cerca de 70 associações com diferentes propósitos: culturais, desportivos, socioeducativos, solidariedade social, entre outras - como se pode confirmar na figura a seguir apresentada.
O que destaca o Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto das demais associações existentes na cidade é o facto de possuir a única sala de Teatro ativa.



Fig. 53 - Mapa com indicação das associações em Rio Tinto.

Associações Socioeducativas

Associações Solidariedade Social

Associações Desportivas

Associações Culturais



Fig. 54 - Esquisso da Fachada do edifício do GDBRT com envolvente (2020)

ESTADO ATUAL DO GDBRT

Nos dias de hoje, a associação, mantém-se em funcionamento com os mesmos objetivos que nortearam a sua fundação. O GDBRT mantém quer a sua vertente de âmbito mais cultural, com o grupo de teatro ativo, quer o seu caráter beneficente. Com efeito, a atual situação pandémica, é exemplo disso mesmo, e veio mais uma vez demonstrar a solidariedade verificada com os mais desfavorecidos. Por diversas vezes, a associação levou a cabo iniciativas no sentido da recolha de alimentos para distribuir e ajudar as famílias mais carenciadas da comunidade.

Hoje, os sócios, na sua grande maioria do sexo masculino, privilegiam maioritariamente os jogos de mesa e bilhar, encontrando-se a associação bem apetrechada para a prossecução destas atividades lúdicas.

A fachada do edifício não deixa antever o que vai para além dela. O seu exterior aparenta uma imagem de um edifício que não carece de reabilitação, mas assim que entramos no mesmo, rapidamente percebemos que as suas instalações apresentam vários espaços degradados sobretudo pela falta de utilização.

Apesar da vontade da direção em manter a associação viva, a degradação das suas instalações pode vir a comprometer a sua continuidade.



Fig. 55 - Fotografia da fachada atual - 2021

Quando entramos no edifício pela porta existente na fachada principal encontramos o hall (fig. 56), um espaço pequeno, onde se encontra unicamente um acesso vertical que nos leva ao piso superior e uma porta com acesso vedado ao público. Ao passarmos esta porta, deparamo-nos com um corredor sombrio (fig. 57), repleto de salas (fig. 58 e 59) sem qualquer utilidade ou uso atual, com a exceção da sala de direção (fig.60). Todas elas se apresentam bastante degradadas, incluindo a sala de direção, cuja funcionalidade se vê comprometida dada a quantidade de objetos desorganizados e sem qualquer serventia, impossibilitando que consiga cumprir com os seus propósitos.

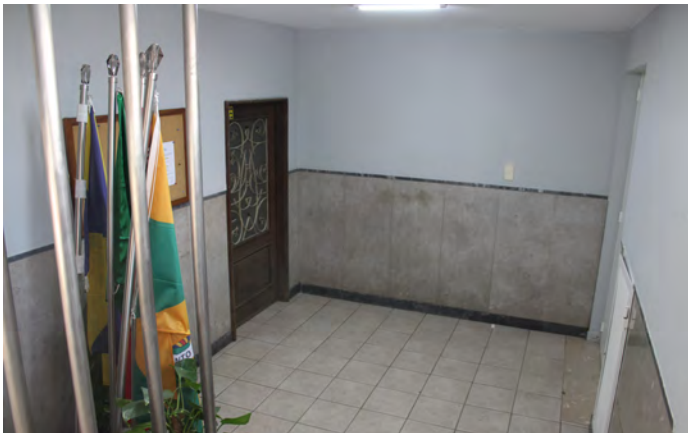


Fig. 56 - Fotografia do Hall de entrada

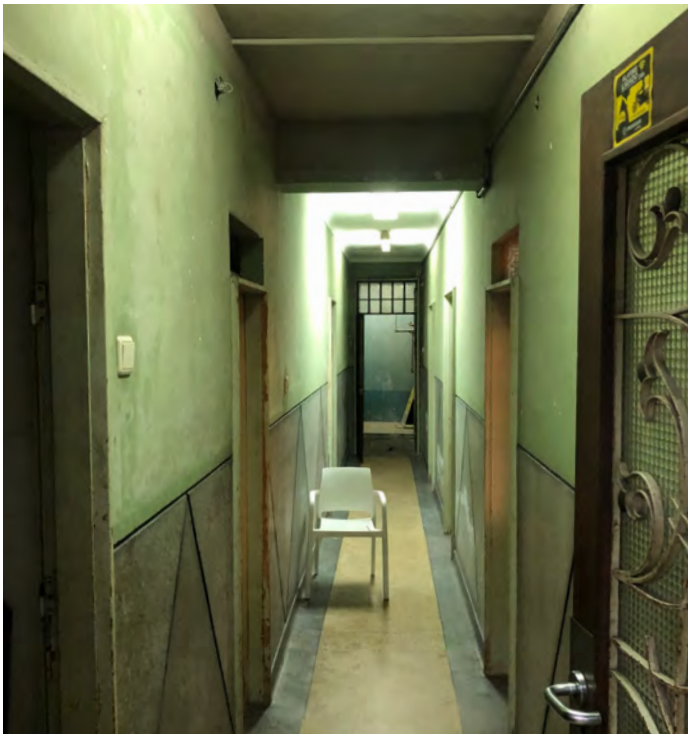


Fig. 57 - Fotografia do corredor com diversas salas



Fig. 58 - Fotografia sala s/uso



Fig. 59 - Fotografia da sala s/uso

Seguindo o corredor, vamos dar a um outro corredor que faz ligação com o edifício dedicado ao teatro do grupo. Esta ligação, ao estar inserida numa zona de acesso privado, apenas serve os dirigentes da associação, não tendo qualquer tipo de utilização pública.



Fig. 60 - Fotografia da sala de direção

Quando passamos ao primeiro piso, encontramos o salão social (fig. 61 e 62). Este espaço é o mais utilizado pelos sócios do grupo e, como podemos perceber pelas fotografias, é um espaço que acaba por cumprir a sua função. No entanto, desde logo é possível constatar uma série de anomalias, dos quais se pode destacar a existência de um tubo de extração de ar no meio de uma janela (fig. 63). Esta foi a solução que "encontraram" para dar resposta ao facto de alguns sócios fumarem dentro da sala.

Este tipo de "desenrasque" é visível em outras soluções que podemos encontrar no edifício, havendo uma certa tendência para resolver os problemas da forma mais fácil, sem equacionar o que essa decisão acarreta para as instalações em termos de funcionalidade ou imagem. Ainda neste espaço, existe um bar, (fig. 64), apoiado por uma copa cuja dimensão é de tal forma reduzida que não permite um espaço para arrumos, e instalações sanitárias separadas por sexos.



Fig. 61 - Fotografia do salão social



Fig. 62 - Fotografia do salão social



Fig. 63 - Fotografia do tubo de extração na janela



Fig. 64 - Fotografia do bar

Quando subimos (fig.65) para o piso superior existe uma sala mais recente (fig. 66, 67 e 68) que é utilizada para diversas atividades: aulas de dança, eventos pontuais que cumprem necessidades individuais de alguns associados, ou então para algumas iniciativas do grupo como a noite de fados, ou comemoração de festas tradicionais (S. João, Carnaval).

Esta sala é servida por um pequeno bar e instalações sanitárias. A grande virtualidade deste espaço, é possuir uma varanda que lhe permite receber uma forte iluminação natural. No entanto, nesta mesma sala é possível visualizar uma porta, cujo objetivo inicial seria o de servir como saída de emergência, mas que não chegou a concretizar-se, levando a que a mesma não possa ser aberta uma vez que não se encontra nada diante dela, representando um enorme perigo, dada a altura a que se encontra do solo.

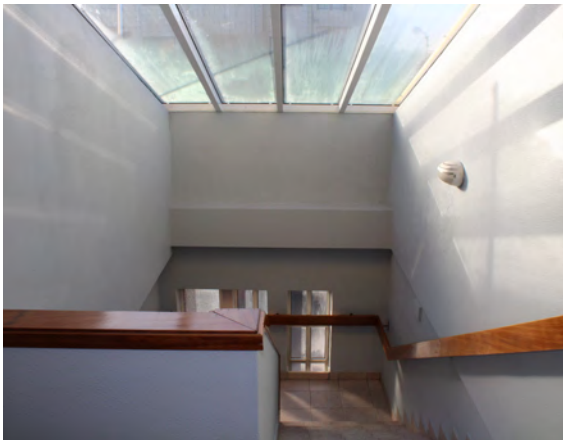


Fig. 65 - Fotografia do acesso ao piso 2



Fig. 66 - Fotografia da sala de convívio piso 2

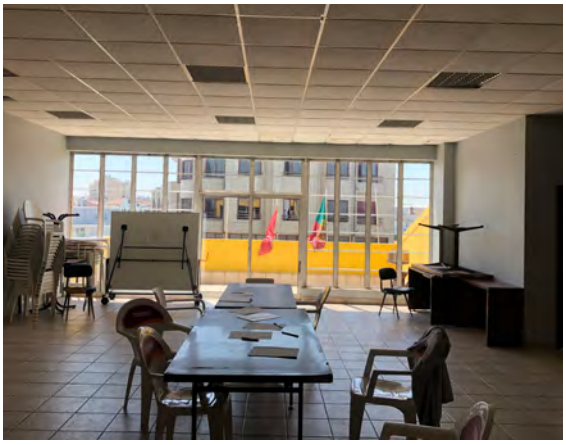


Fig. 67 - Fotografia do acesso ao piso 2 com vista para a varanda



Fig. 68 - Fotografia da sala de convívio piso 2 em direção ao pequeno bar e portas das instalações sanitárias

Para ter acesso à outra ala onde se encontra o teatro temos de entrar pela porta que se encontra ao lado da fachada lateral (fig. 69). Apesar da existência de uma ligação interior (fig.70) de uso limitado aos dirigentes, os dois volumes funcionam separadamente não tendo sido pensados como um só, sendo possível ver a sua separação na planta da cobertura. Este aspeto apresenta-se como um obstáculo na funcionalidade e continuidade dos espaços, impedindo que se possa usufruir das instalações como desejável, na medida em que a ligação entre ambos, implica a saída de um volume e a entrada no outro.

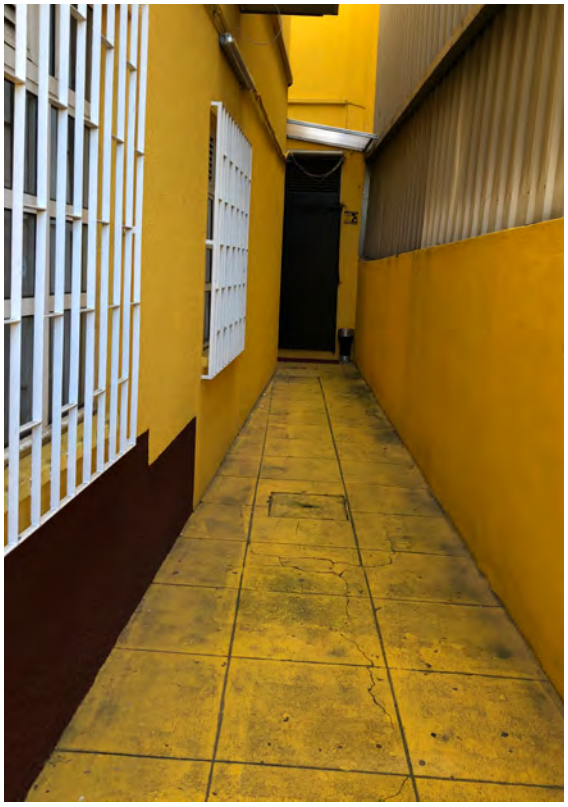


Fig. 69 - Fotografia do acesso ao teatro



Fig. 70 - Fotografia do acesso ao teatro pelo interior (uso reservado aos dirigentes)

Como se consegue confirmar na figura 69, o acesso ao teatro realiza-se por um corredor exterior sem qualquer cobertura até à entrada do Teatro, que se efetua por uma porta de correr em ferro.

No interior deste volume, e, à semelhança do que sucede no edifício da sede, a entrada apresenta-nos apenas um acesso vertical (fig. 71 e 72) e um corredor que nos conduz a um espaço com acesso às instalações sanitárias. Estas (fig. 73 e 74), dado o estado degradado em que se encontram, não dão ao utilizador uma sensação de conforto, transmitindo inclusivamente uma sensação de falta de higiene, o que leva a que nos dias em que se utiliza este espaço, poucas pessoas se servem delas, na medida em que se sentem desconfortáveis.

Nesta tentativa de foyer (fig. 75) onde se encontram as instalações sanitárias, foi recentemente colocado um expositor com o intuito de destacar alguns troféus com o símbolo do dramático. A ideia de criar este expositor, surge na sequência da criação de uma régie, inexistente até à data. O acesso à régie realiza-se por uma porta que se encontra do lado direito do expositor. Ainda neste espaço encontramos outra porta de acesso a uns arrumos de material de apoio ao teatro.

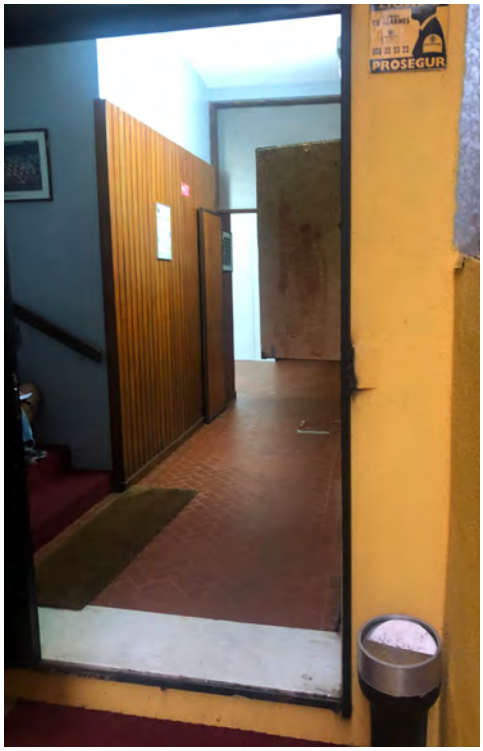


Fig. 71 - Fotografia do acesso ao teatro



Fig. 72 - Fotografia do acesso ao teatro - vista do interior para a porta de correr de ferro.





Fig. 73 e 74- Fotografia do interior das instalações sanitárias



Fig. 75- Fotografia do Foyer, com o expositor com o símbolo do dramático

Por detrás desta estrutura onde se encontra o expositor (fig. 76) e a régie (fig.77), encontra-se a sala de espetáculos, cujo acesso se realiza através de duas portas de vai e vem, situadas em cada extremidade da mesma.



Fig. 76 - Fotografia do expositor que se encontra no foyer



Fig. 77 - Fotografia do interior da régie

A sala de espetáculos (fig. 78 e 79) é composta pela plateia e um palco elevado em relação a esta, cuja boca de cena apresenta um desenho em onda.

O acesso ao palco realiza-se por duas escadas de madeira que se encontram de cada lado.

Depois da zona do palco encontramos umas escadas de acesso ao subpalco e os camarins (fig. 80 e 81) que se encontram separados por sexos, servidos ambos por instalações sanitárias. Ora, apesar da sala de espetáculos se apresentar em condições de funcionamento, o facto dos camarins se encontrarem muito próximos da caixa do palco levanta um certo constrangimento pois impede que os atores possam usufruir dos espaços como desejável, dada a possibilidade de se ouvir ruído na sala em dia de espetáculo.

Os camarins são pequenos e encontram-se com um elevado estado de degradação em comparação com as restantes divisões deste volume.



Fig. 78 - Fotografia da sala de teatro, com vista para o palco

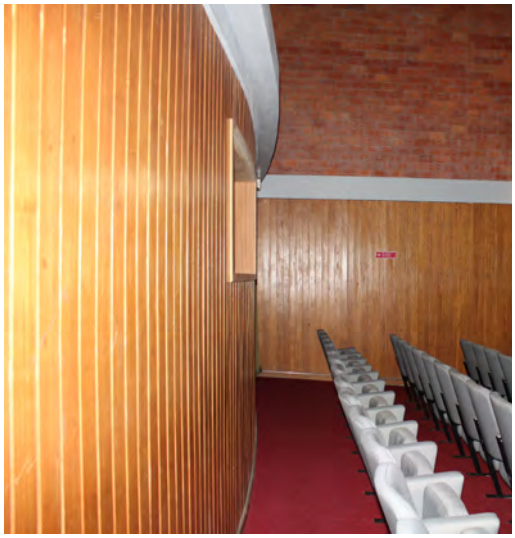


Fig. 79 - Fotografia da sala de teatro, com janela da régie





Fig. 80 e 81 - Fotografia do interior dos camarins

No subpalco (fig.82), encontra-se toda a estrutura de apoio, e ainda uma zona que foi recentemente criada com a função de guardar os figurinos que são utilizados nas peças (fig. 83). Esta solução não foi bem-sucedida pois é um espaço onde existe muita acumulação de humidade o que acaba por degradar a roupa.



Fig. 82 - Fotografia do subpalco

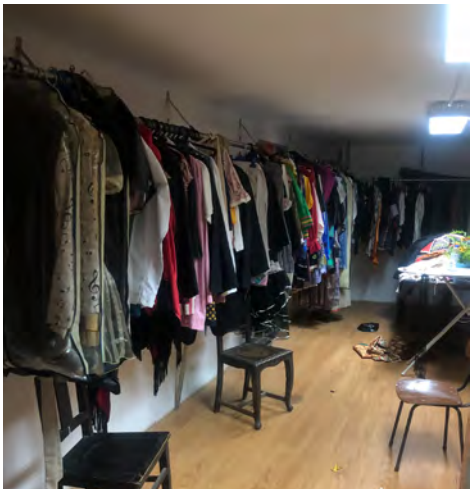


Fig. 83 - Fotografia do espaço para guardar figurinos

Passando ao primeiro piso, pelo acesso vertical (fig. 84) que se encontra no primeiro momento de entrada a este edifício, encontramos um pequeno vestíbulo (fig.85), sem grande iluminação, com um espaço de arquivo.

Passando o vestíbulo acedemos ao balcão (fig. 86 e 87) através de uma entrada lateral com o mesmo tipo de porta de vai e vem que se encontra no piso inferior.

O arquivo que se encontra neste piso, está completamente degradado, mas é aqui que se localiza um dos maiores “tesouros” da associação – a maioria do espólio existente da antiga biblioteca.



Fig. 84 - Fotografia do acesso vertical ao primeiro piso - volume teatro



Fig. 85 - Fotografia do vestíbulo



Fig. 86 - Fotografia do balcão



Fig. 87 - Fotografia do balcão



Fig. 88 - Fotografia da sala de teatro, vista do palco para a plateia e balcão



Fig. 89 - Fotografia da sala de teatro, vista do balcão para o palco

LEVANTAMENTO DO EDIFÍCIO EXISTENTE

Para um melhor entendimento do estado atual das instalações do Grupo, foi importante proceder a um levantamento do existente, com o intuito de perceber o seu funcionamento e o seu estado.

A fase de levantamento, para a prossecução deste projeto revelou-se extremamente importante, permitindo que fosse possível verificar as caraterísticas do edificado, bem como reconhecer os limites da intervenção.

Esta fase permitiu-me ver para além das "fachadas", na medida em que, para além da realização de medições, levando a um conhecimento mais detalhado face ao edifício existente. A concretização do levantamento possibilitou-me a interiorização do seu interior.

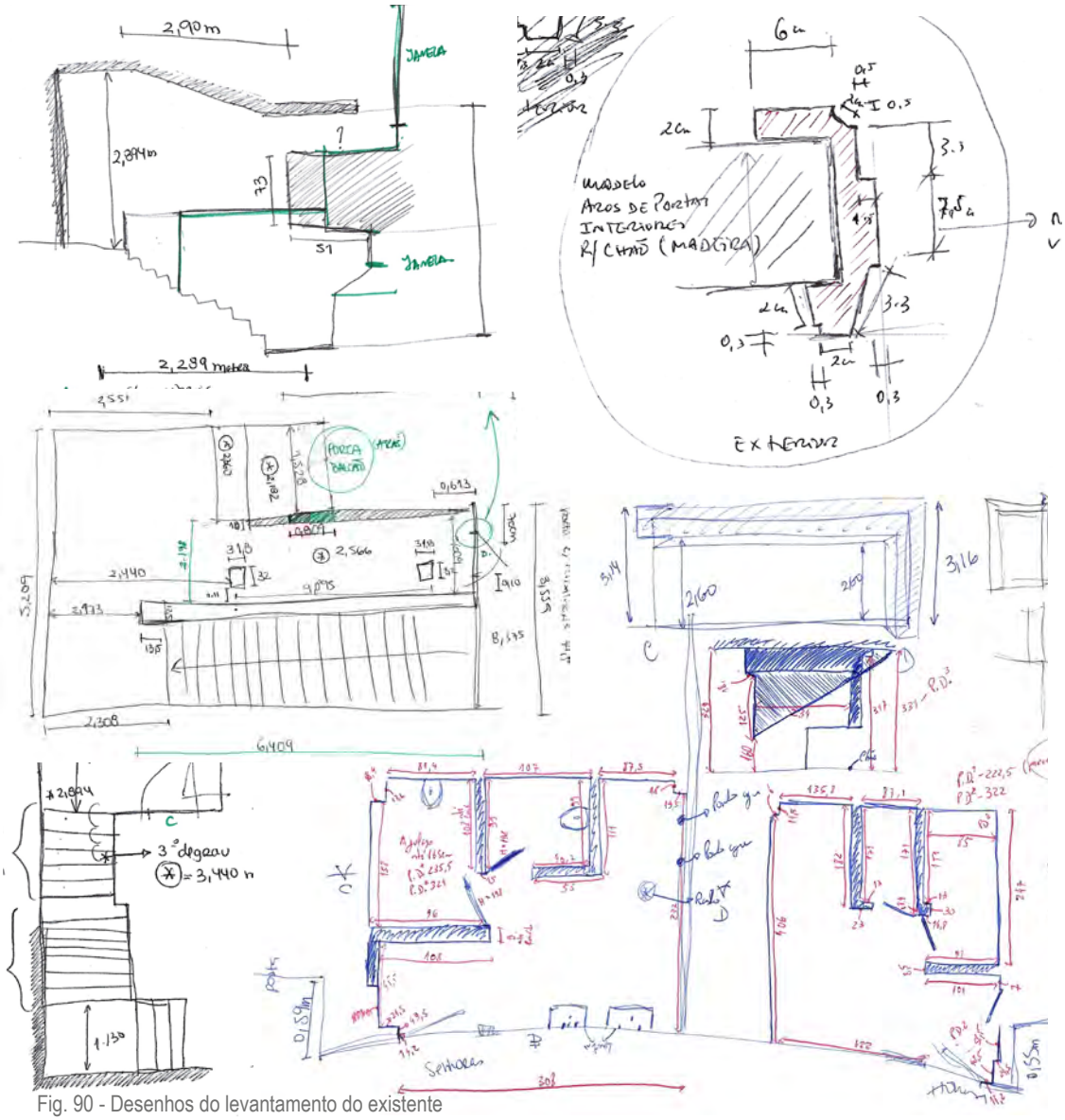
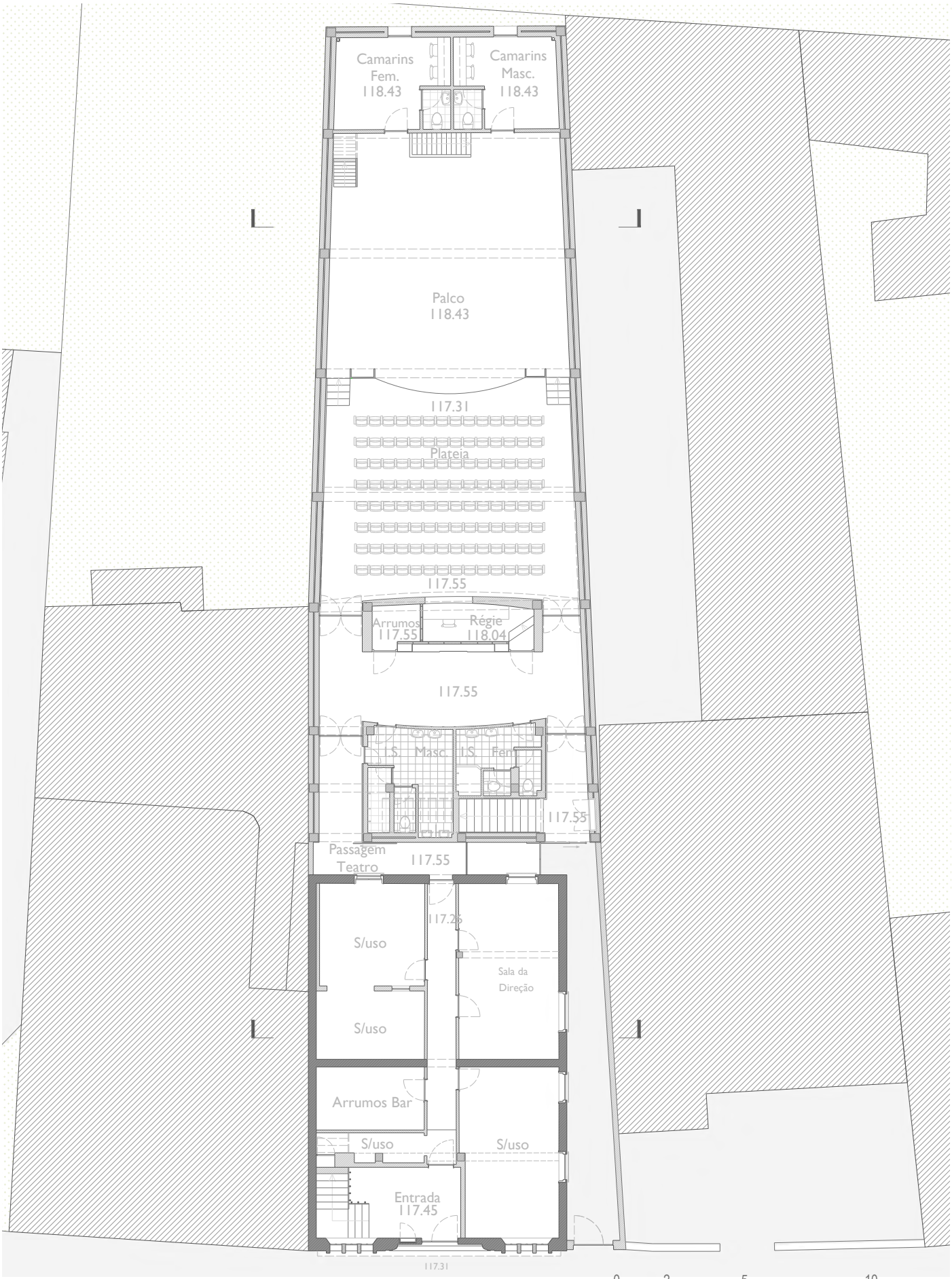


Fig. 90 - Desenhos do levantamento do existente

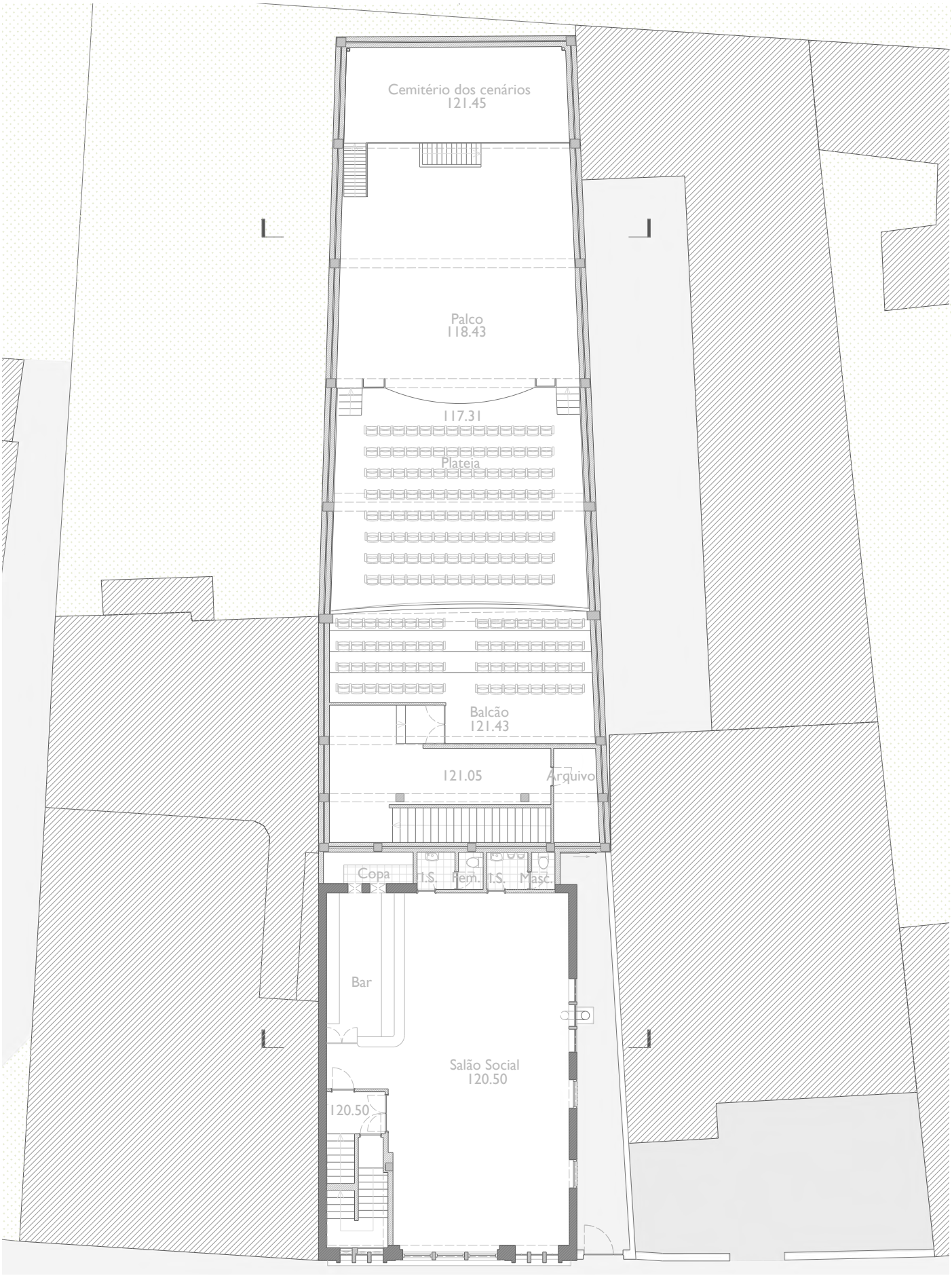


Planta de implantação, Escala 1/1000

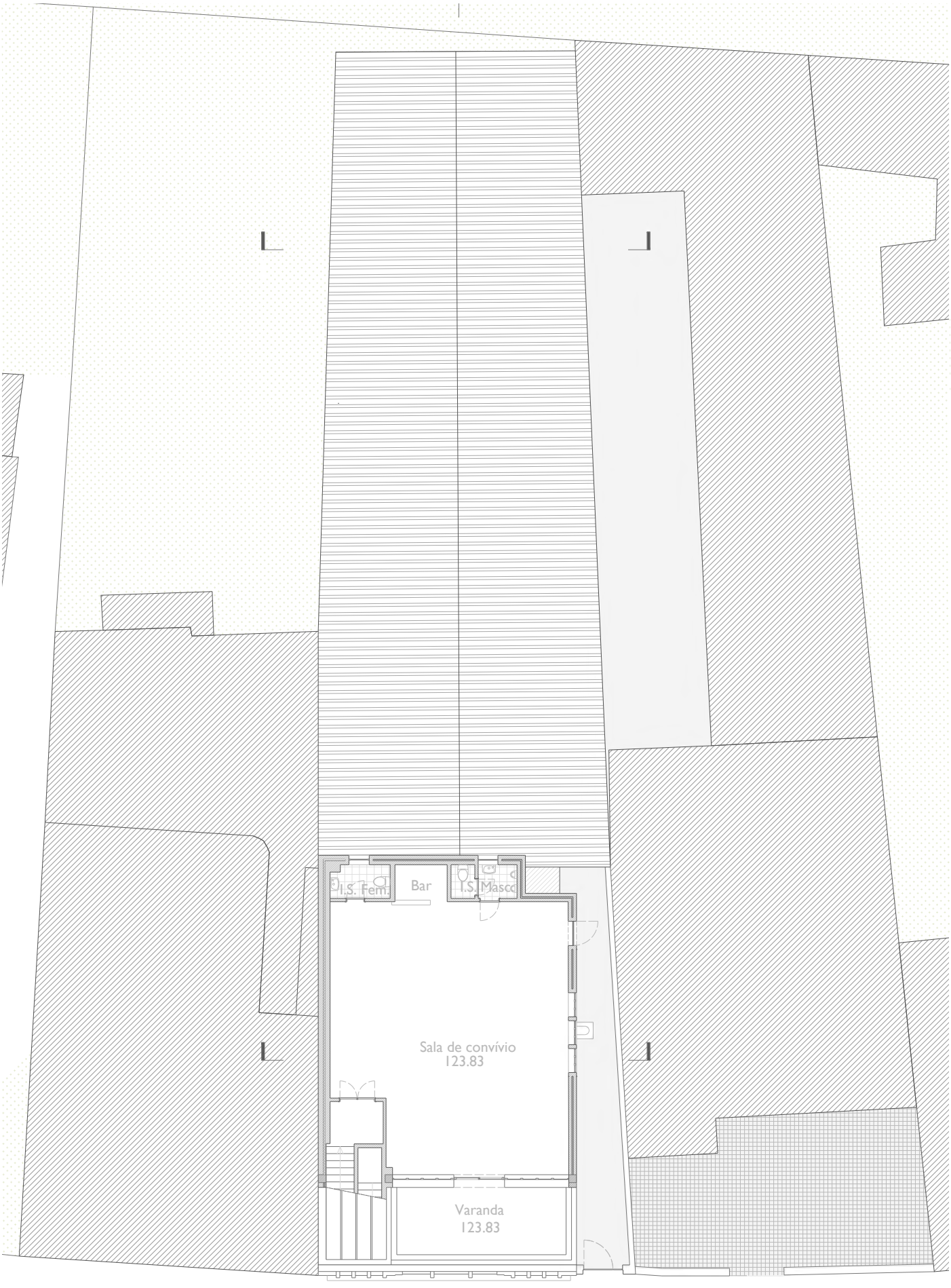
0 5 10 20 30



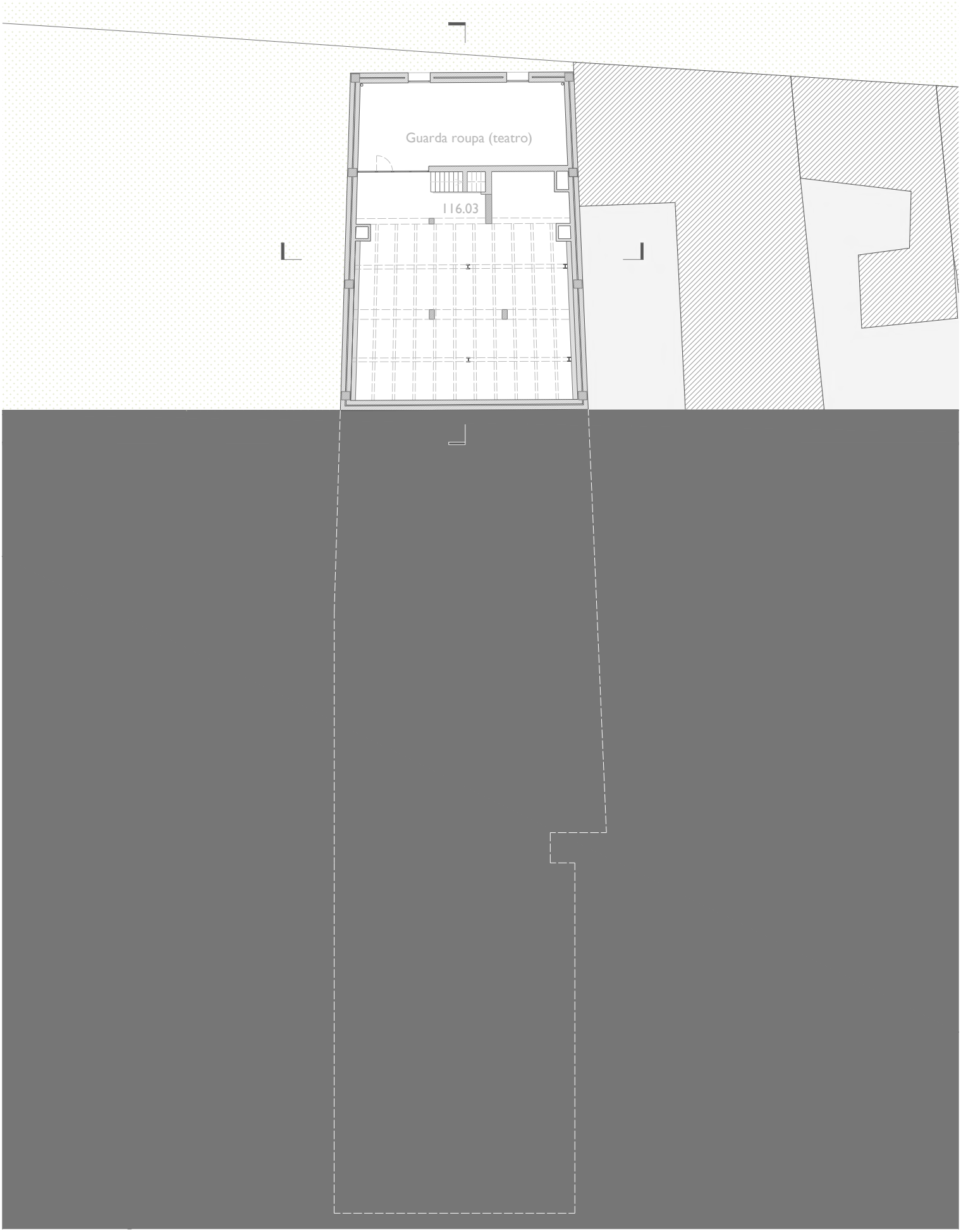
Planta Piso 0, Escala 1/200



Planta Piso 1, Escala 1/200



Planta Piso 2, Escala 1/200



Planta Piso -1, Escala 1/200

0 2 5 10



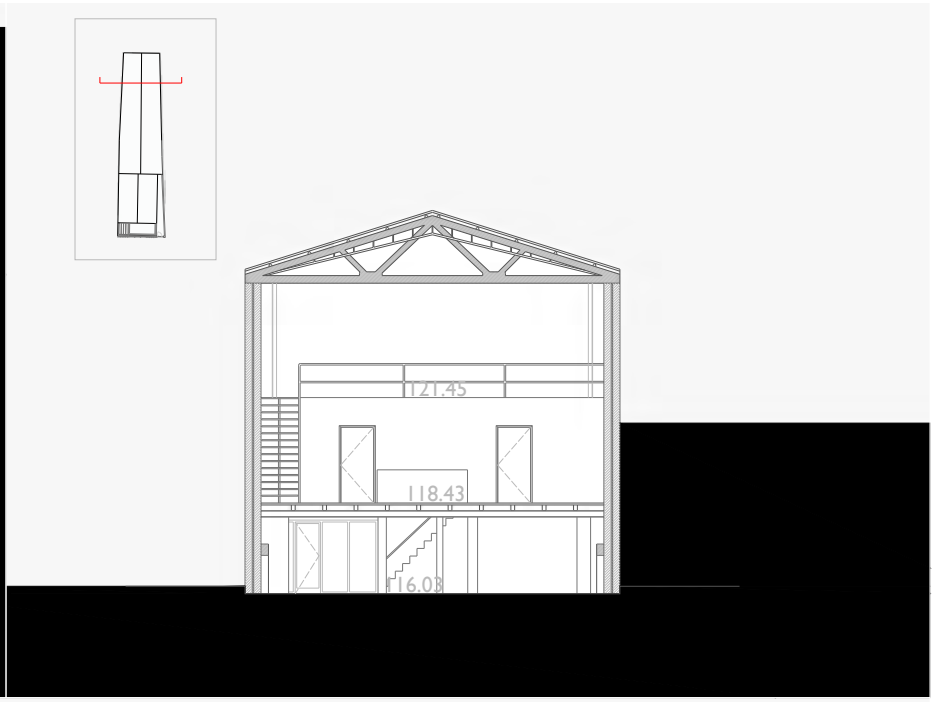
Alçado Fachada Principal, Escala 1/200

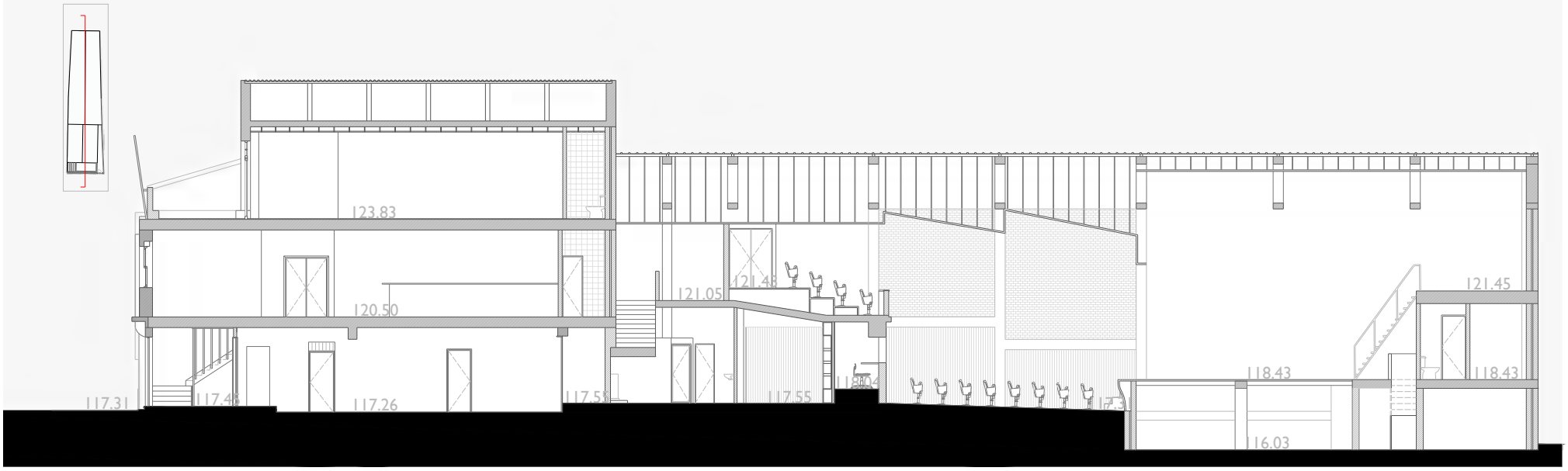


Alçado Lateral, Escala 1/200

0 2 5 10







Cortes, Escala 1/200

0 2 5 10

Finalizada esta viagem pelo edifício do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto é possível constatar que o mesmo apresenta vários espaços com um elevado estado de degradação. O levantamento realizado bem como as fotografias permitem-nos perceber que estamos perante um edifício altamente comprometido no que diz respeito à funcionalidade, o que impede o seu uso da forma desejável.

Foi a constatação dos diversos problemas expostos que desencadeou a vontade de dotar o edifício do GDBRT de valências que o permitam transformar-se numa associação que melhor consiga servir a comunidade riotintense.

"É certo que o projeto parte sempre de uma ideia intuída, independentemente do conhecimento mais ou menos profundo de objetivos e de condicionantes. Mas dessa intuição só pode nascer uma subjetiva (imperfeita, ou incompleta) partitura. No desenvolvimento dos temas se vai conformando um apoio interior, subjacente, ao qual sempre se regressa, mesmo se por oposição."

- Álvaro Siza Vieira [19]

II - O QUE PODE VIR A SER

19 - VIEIRA, Álvaro Siza. "Pedem-me para falar do Chiado" in ***01 Textos***, Porto: Civilização Editora, 2009, pág. 53.

OS PRIMEIROS ESBOÇOS

A presente proposta parte do desejo de realizar uma intervenção que desse uma nova vida ao edifício do GDBRT.
Tal como oportunamente referido, a associação mantém-se ativa. Não obstante, com o passar dos anos, o edifício acabou por se ir degradando e começou a apresentar problemas, quer por falta de manutenção quer pela inutilização de alguns espaços que deixaram de servir as necessidades do Grupo.
Os primeiros esboços, que vieram a ser o ponto de partida para o projeto, foram-se formando ainda durante a fase de levantamento das instalações existentes.

"Começo um projeto quando visito um sítio (...) Não quer dizer que muito fique de um esquisso. Mas tudo começa." [20]

Antes de dar início ao desenvolvimento da proposta, e com vista a realizar uma intervenção adequada, considerou-se necessário não só respeitar a memória do edifício e os objetivos que ele serve, bem como perceber quais as expectativas dos dirigentes do grupo. Importava antes de mais entender o que está a comprometer o funcionamento do grupo, de maneira a perceber a realidade atual, servindo de bússola para o ensaio que se viria a projetar. Assim, fizemos uma pequena entrevista [21] com a direção do grupo, uma vez que a atual situação pandémica não permitiu que realizássemos o inquérito por questionário aos sócios.

"Um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser - coisas talvez opostas, mas nunca sem relação." [22]

Neste sentido, o desafio seria o de equilibrar estas vontades/desejos dos utilizadores das instalações, com a máxima rentabilização do espaço, tendo como intuito dar resposta às reais necessidades de toda a comunidade de Rio Tinto.

20- VIEIRA, Álvaro Siza. "Oito Pontos" in ***01 Textos***, Porto: Civilização Editora, 2009, pág.27.

21 - Entrevista em anexo.

22 - VIEIRA, Álvaro Siza. "Oito Pontos" in ***01 Textos***, Porto: Civilização Editora, 2009, pág.27.

Para a direção do grupo era importante pensar em espaços que pudessem servir todas as idades, tornando-se um edifício atrativo deste ponto de vista, na medida em que atualmente 90% dos sócios que frequentam o GDBRT se encontram entre os 50/60 anos.
A vontade de resgatar a biblioteca, a criação de uma sala polivalente que pudesse ser adaptável a diversas atividades, era também algo que ambicionavam. Outro aspeto não menos importante era o desejo de tornar o edifício da associação num lugar inclusivo, que permitisse acesso também às pessoas com mobilidade reduzida.

A intervenção relativamente à entrada para o Teatro viria a demonstrar-se uma das principais prioridades apontadas pelos dirigentes. Ao ser entendido como um fator distintivo face às demais associações, motivo pelo qual poderia atrair mais públicos, o acesso que o serve em nada o destaca. Ao surgir como uma entrada lateral à entrada principal da associação, afigurando-se mais como um anexo, do que uma sala de espetáculos, a sua visibilidade é inexistente. Adicionalmente, em dias de espetáculo, os sócios vêm-se obrigados a ficar no passeio à espera, uma vez que não existe nenhum espaço de sociabilização que os possa acolher.

O ensaio deste projeto inicia-se assim pela procura de um programa especificamente ajustado às necessidades expostas pela direção do grupo, procurando dar resposta a todas as suas vontades, mas com ambições de que seja uma proposta com uma solução versátil de modo a que “amanhã” ainda pudesse ser vista como aliciante.

Conforto, funcionalidade, inclusividade, memória e flexibilidade foram as palavras-chave que estiveram nas fundações deste ensaio.

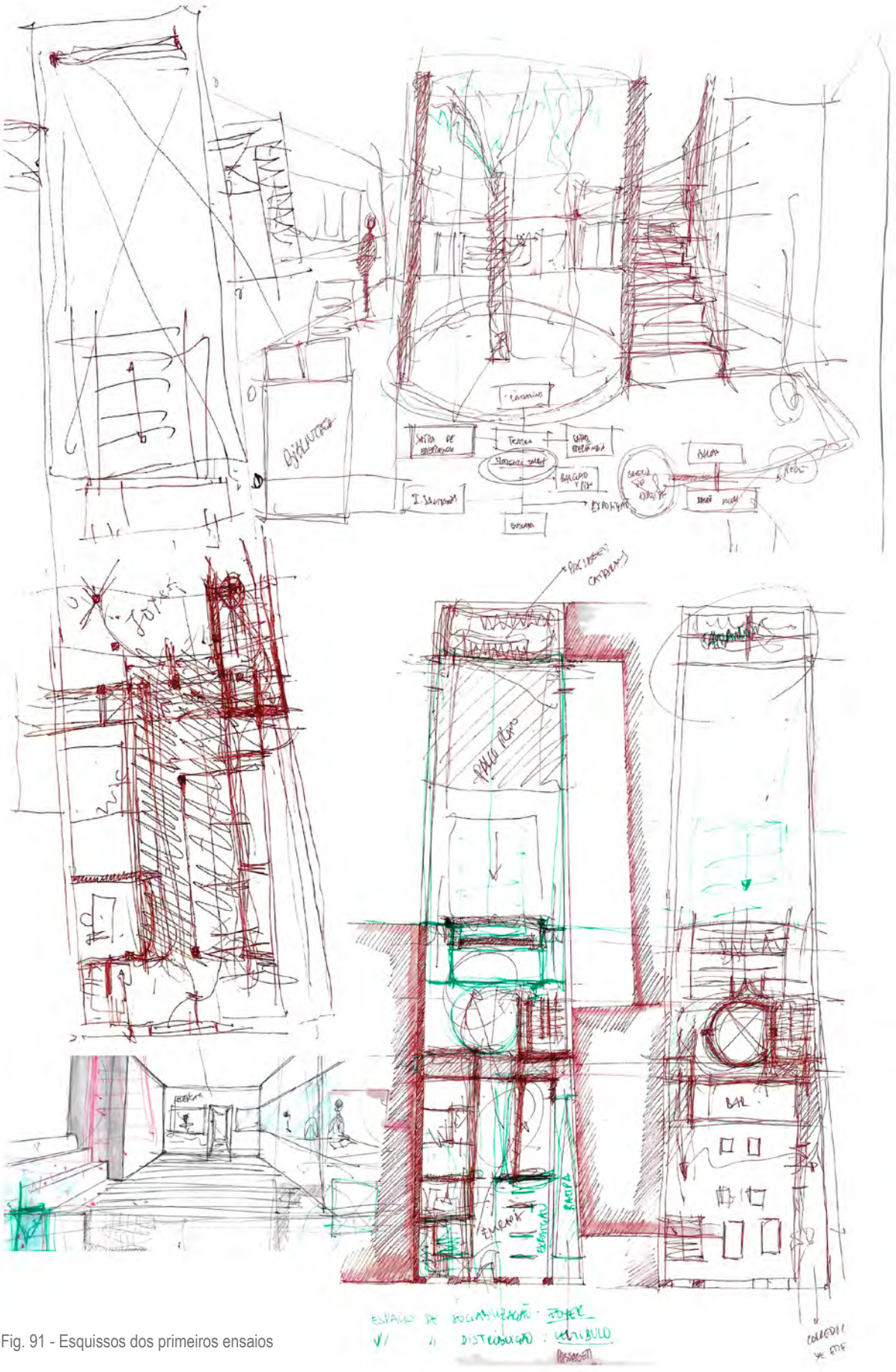


Fig. 91 - Esquissos dos primeiros ensaios

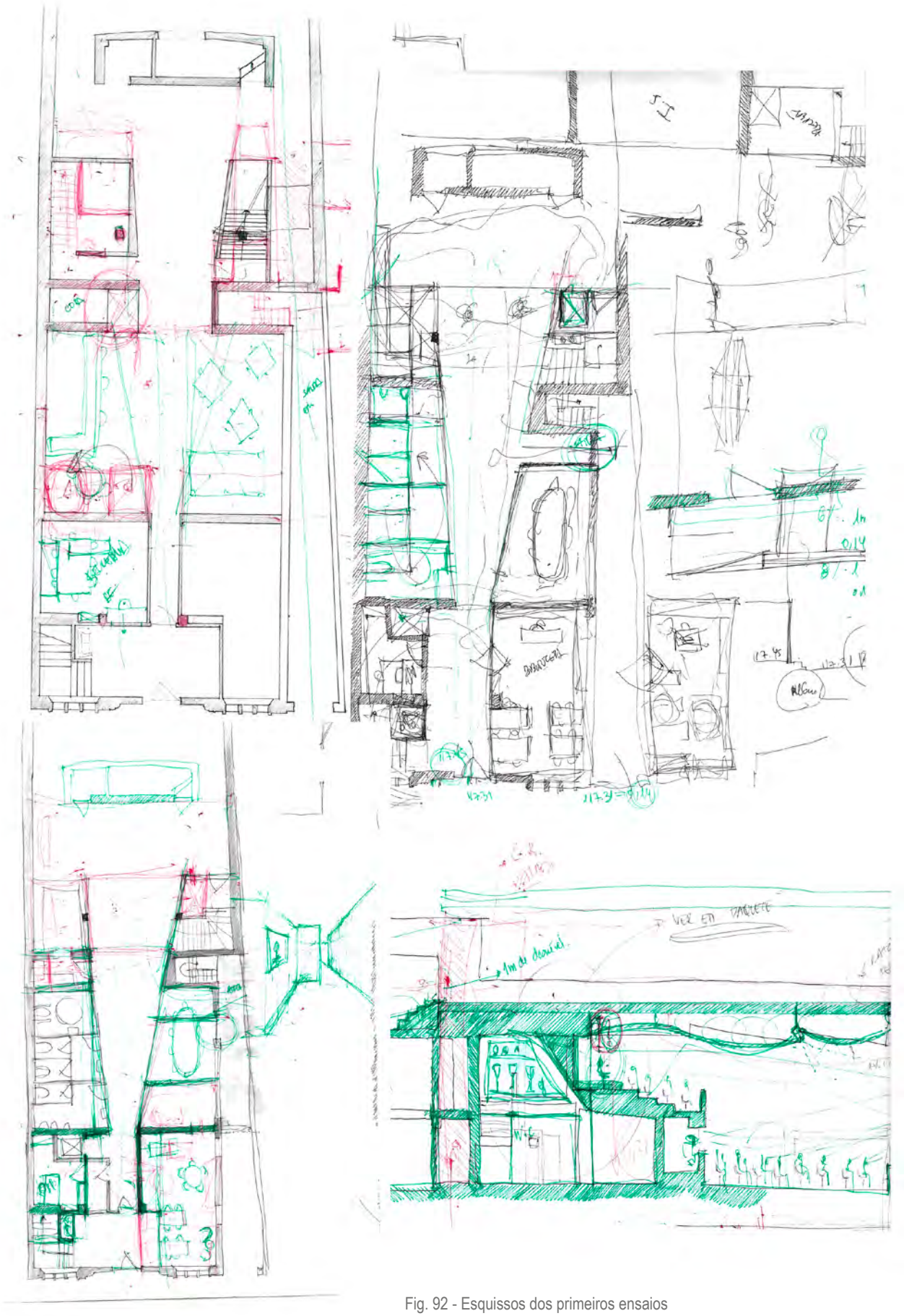


Fig. 92 - Esquissos dos primeiros ensaios

"É importante não só para manter a imagem do edifício, só conservar a imagem exterior - aquela que é normal a própria população aceitar - (...) no fim mantêm-se as fachadas que dão ideia da traça original. Para além dessa imagem exterior é importante que os edifícios mantenham uma parte da sua identidade através da preservação dos elementos construtivos do seu interior, em particular dos elementos estruturais." [23]

Foi neste contexto que surgiram os primeiros esboços para este ensaio, onde se assumiu uma forma de intervir mais contida, tentando respeitar todas as vontades do grupo, mantendo quer a sua fachada quer elementos que, para eles, se revestiam de enorme importância, na medida em que representavam a identidade da Associação.

Em razão do exposto, estas propostas incidiram sobretudo na dignificação da entrada do teatro, que agora passaria a fazer-se pela entrada principal e na concentração das principais funções da Associação no piso à cota da entrada.
Neste piso encontrávamos para além do acesso ao teatro, a receção, a biblioteca, o salão social, assim como o bar e instalações sanitárias de apoio ao mesmo. No piso 1, foi projetado um salão de competição de bilhar, assim como, a sala de direção. No piso 2, podíamos encontrar a sala polivalente, e um pequeno pavilhão, com o intuito de resgatar algumas antigas atividades do grupo. O espaço do teatro nesta primeira proposta permaneceu sem qualquer intervenção, uma vez que o Grupo assim o desejava.

A concretização desta proposta veio expor muitas incoerências. A grande concentração de atividades no piso 0 comprometia a funcionalidade das mesmas, provocando neste espaço imenso ruído. Por outro lado, ao estar a cingir a proposta às ideias dos seus dirigentes, estava a estrangular o processo criativo, e todas as ideias que havia projetado inicialmente.

23 - APPLETON, João. in programa "A Reabilitação de Edifícios Antigos", da série ***Obra de Arte II***, transmitido em 2008 no canal da RTP3, consultado nos arquivos da RTP.

Impunha-se pensar no espaço como um meio de explorar ideias mais funcionais, mais contemporâneas, onde o objeto de estudo fosse entendido como um todo.

Se, numa primeira fase, colocar de parte o recurso a referências e "mergulhar" nas vontades e ideias dos dirigentes do Grupo fez com que a proposta nascesse, agora, mais do que nunca, o recurso a referências afigura-se como essencial para a concretização de uma proposta adequada. Assim, apesar destas primeiras ideias não terem funcionado, conduziram a um processo de autocrítica que se viria a revelar determinante para o desenvolvimento deste ensaio. Era também urgente definir e desenhar o programa para as instalações.

"Temos que usar a experiência naquilo que ela nos garante, mas também libertar-nos dela, naquilo que prende." [24]

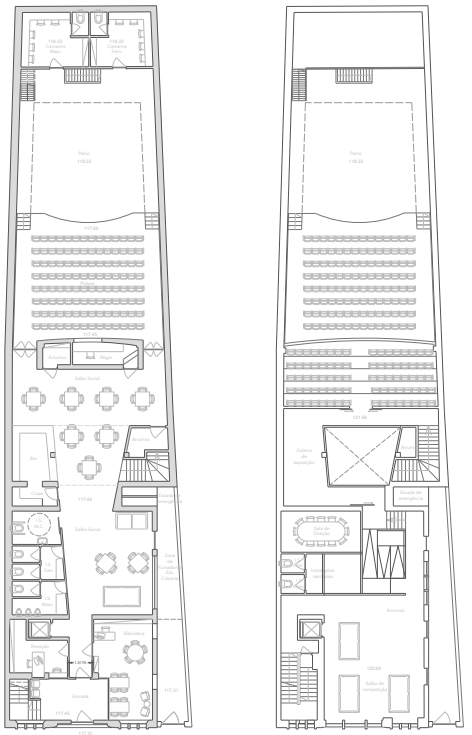


Fig. 93 e 94 - Plantas dos primeiros ensaios, Escala 1/500

0 2 5 10

24 - VIEIRA, Álvaro Siza. "Aprender a ver - Entrevista com Álvaro Siza" in ***Revista dos Antigos Alunos da Universidade do Porto nº9***, 2003, pág.28.

DEFINIÇÃO DE UM PROGRAMA

Com o desenvolvimento dos primeiros esboços senti a necessidade de definir o programa para o edifício, pois estava a cingir-me demasiado às ideias dos dirigentes do grupo e, se outrora, essa conversa foi importante enquanto linha orientadora, agora estava a tornar-se limitadora para o desenvolvimento deste ensaio.
A escolha deste objeto de estudo resulta de um interesse pessoal no edifício motivado pelo facto de já ter sido utilizadora do mesmo e por se encontrar situado na minha cidade natal. Ora, *per si*, esta circunstância permite que tenha total liberdade na elaboração do projeto, dado que não existe qualquer contenção derivada de um pedido para a sua reestruturação.

Não obstante, e apesar desta liberdade, é necessário ter presente a memória do edifício e a importância que este teve e tem na sociedade de forma a realizar uma intervenção adequada, compreendendo assim a circunstância atual para qual se está a projetar.

Assim, as duas atividades principais do grupo afiguram-se como inevitáveis de manter, o salão social e o teatro que foi considerado por muito tempo o melhor das redondezas. Ainda que se ambicione manter estas duas salas no novo ensaio da proposta, as duas terão algumas alterações com vista a promover a continuidade dos espaços, bem como a funcionalidade dos mesmos.
Outro espaço que se afigurou como importante incluir no programa foi a biblioteca, que para além de ser uma atividade que os dirigentes pretendiam recuperar, surge como um espaço indispensável para atrair as pessoas mais novas da comunidade riotintense, dada a sua proximidade à principal escola da cidade. Adicionalmente, o facto de não existir nenhuma biblioteca em Rio Tinto, permite que a sua concretização constitua mais um aspeto diferenciador da Associação das demais coletividades de Rio Tinto.

Estas duas atividades foram a base e os pilares do presente programa, na medida em que o mesmo se vai desenvolvendo em torno das mesmas, servindo de complemento para estes espaços.

A projeção da sala de espetáculos, conduziu à necessidade de incluir os camarins, o subpalco com a sua estrutura de apoio, o bengaleiro, a régie e a criação de um foyer. Para o salão social, também foi importante pensar num bar de apoio à sala com uma copa e arrumos, e a criação de uma sala de competição de bilhar, separada do salão, mas que permitisse uma relação direta entre os dois espaços.

Neste novo ensaio, o importante era que estes espaços se relacionem num edifício só, ao invés do que acontece atualmente, onde as duas atividades principais aparecem separadas em dois diferentes volumes.
Assim, as implantações dos dois volumes foram agora pensadas como um só, permitindo que a continuidade entre as suas principais atividades se realizasse de forma confortável e funcional.

A INFLUÊNCIA DAS REFERÊNCIAS

Definido o programa, e antes de partir para o esboço de novas propostas, senti a necessidade de deambular por algumas referências com o intuito de colher inspiração e consolidar as escolhas realizadas.

Neste sentido, privilegiaram-se referências que apresentassem soluções polivalentes para este tipo de espaço culturais. De notar que todas as escolhas recaíram sobre obras desenvolvidas por arquitetos portugueses, sendo duas das mesmas, projetos de reabilitação.

De seguida, proceder-se-á à sua apresentação por ordem cronológica, da mais antiga para a mais recente.

TEATRO - ESTÚDIO MÁRIO VIEGAS

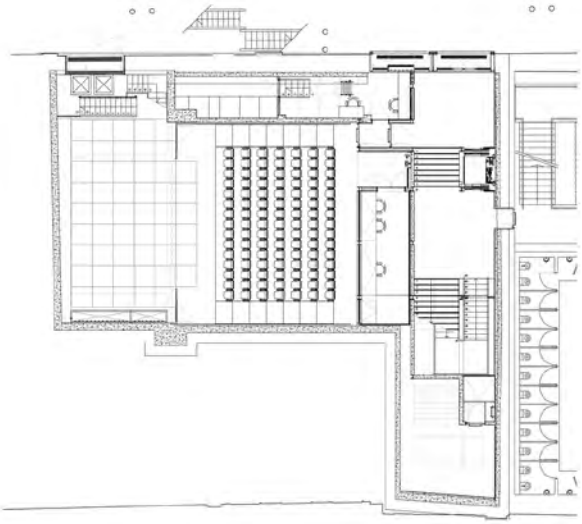
O Teatro-Estúdio Mário Viegas constitui a segunda fase da reabilitação do Teatro Municipal de São Luiz, e corresponde a um projeto de reabilitação do Arquiteto José Romano, de 2002, encomendado pela Câmara Municipal de Lisboa.

Na área que agora é ocupada pela "black box" - designação da atual sala do teatro-estúdio - do São Luiz existia uma sala de teatro improvisada que também possuía a função de escritório e bilheteira ao mesmo tempo. Tratava-se de um espaço que se encontrava comprometida no que diz respeito à sua funcionalidade, na medida em que nem camarins tinha. Entre o teatro-estúdio e o teatro municipal de São Luiz existe uma ligação através de uma rua semipública, que nas palavras de José Romano se apresenta como *"um rasgo e ao mesmo tempo uma costura que interliga todo o equipamento; transparente e monumental, é um caminho que é necessário abrir ao público pela mais-valia "sensassorial" que representa."* [25]

O intuito do teatro-estúdio não era ser mais uma sala de teatro, mas sim uma sala polivalente, *"experimental, dotada de mecanismos que permitem diferentes configurações e usos, admitindo e incentivando a exploração de novas linguagens e códigos estéticos."* [26], segundo o arquiteto.

25 - "Arquitetura e vida - Teatro - Estúdio Mário Viegas" Lisboa : 2003, pág. 5.

26 - ibidem., pág. 6.



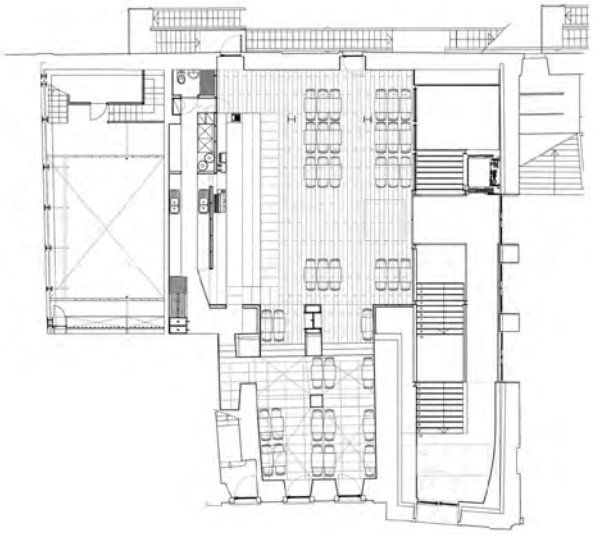


Fig. 95 e 96 - Plantas do Piso 0 e Piso 1

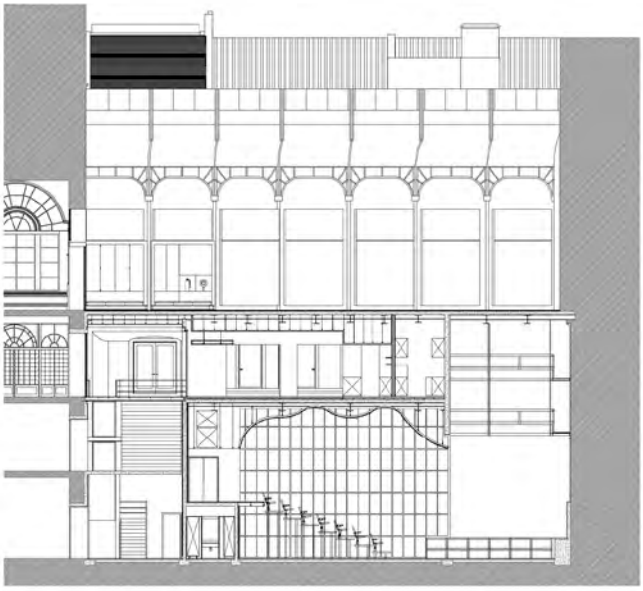


Fig. 97 - Corte Longitudinal

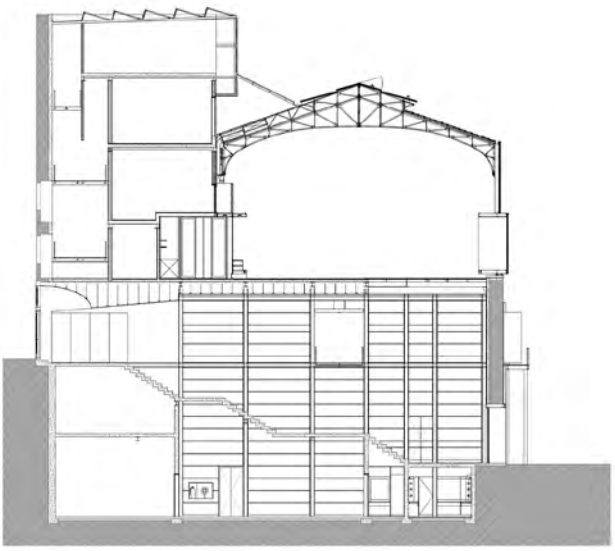


Fig. 98 - Corte Transversal



Fig. 99 - Fotografia da fachada principal



Fig. 100 - Fotografia do interior da sala de espetáculos



Fig. 101 - Fotografia da sala de espetáculos virada para a plateia



Fig. 102 - Fotografia da sala de espetáculos virada para o placo

Esta liberdade de reconfiguração vai além da sala e dos camarins, permitindo que este espaço assuma novas configurações mediante as necessidades de cada produção.

O projeto conseguiu transformar um paralelepípedo numa "caixa de surpresas", dadas as múltiplas possibilidades de configuração que assume, assente num conjunto diversificado de infraestruturas técnicas. No meu ponto de vista, o resultado alcançado denota uma grande genialidade quanto às escolhas realizadas, sendo surpreendente a desproporção entre as reduzidas dimensões da sala e a quantidade de infraestruturas que nela se podem encontrar.

Para além de ter servido como suporte a toda a parte técnica, nomeadamente a solução encontrada para o teto que nos apresenta um ripado ondulado de viroc que serve de suporte e alimentação de projetores de luz e outros equipamentos, esta referência, foi muito enriquecedora enquanto para o desenvolvimento de um espaço polivalente, multifuncional com vista a permitir a realização de vários géneros de espetáculos.

TEATRO CONSTANTINO NERY

O teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery situado na Avenida de Serpa Pinto, foi inaugurado a 10 de junho de 1906. Em funcionamento até aos anos 80, começou a entrar em decadência no final dos anos 70, tendo sido adquirido pela Câmara Municipal em 2001, que promoveu um concurso internacional com vista à recuperação das suas tão degradadas instalações.

O projeto vencedor foi o dos arquitetos Alexandre Alves da Costa, Sérgio Fernandez e Miguel Ribeiro do atelier 15 que apresentou uma proposta que defendia a reconstrução total, mantendo apenas a fachada e volumetria originais, este projeto ficou concluído em 2008.

"Trata-se de uma remodelação, o que pressupõe a legitimação de uma memória que deverá ser preservada. Mas de que memória se trata? Com a consciência de que a memória é, também, uma construção presente, consolidamos fisicamente a fachada existente e consolidamos afetivamente a recordação, criando os espaços para os renovados prazeres do espetáculo que nos lembrarão os antigos, assim estabelecendo a ponte que desejamos, entre o passado e o futuro." [27]

Este projeto veio a constituir a principal referência deste trabalho, na medida em que transformou um teatro convencional, num espaço dinâmico, polivalente, adaptável a diversas atividades, sendo este um dos desafios que me colocara desde início, no sentido de dotar de funcionalidade o

27 - Arquitetos do projeto in "Memória descritiva do Teatro Constantino Nery".

espaço do Teatro.

O átrio do Teatro Constantino Nery, com ligação ao foyer foi sem dúvida outra fonte de inspiração. A elegância e grandiosidade do seu pé-direito duplo funciona como um efeito surpresa, não sendo possível do seu exterior, adivinhar o que esconde o seu interior. A partir do átrio conseguimos aceder a todos os espaços do teatro. No piso superior ao é possível encontrar uma pequena sala polivalente para conferências, exposições e pequenos concertos.

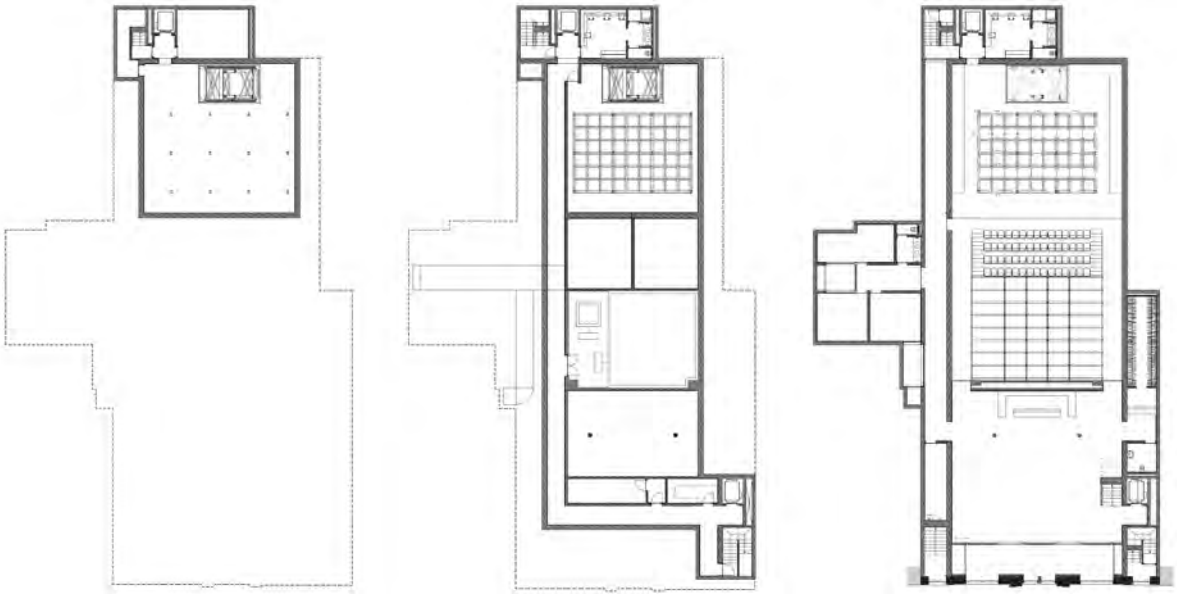


Fig. 103, 104 e 105 - Planta Piso -2, Piso -1 e Piso 1

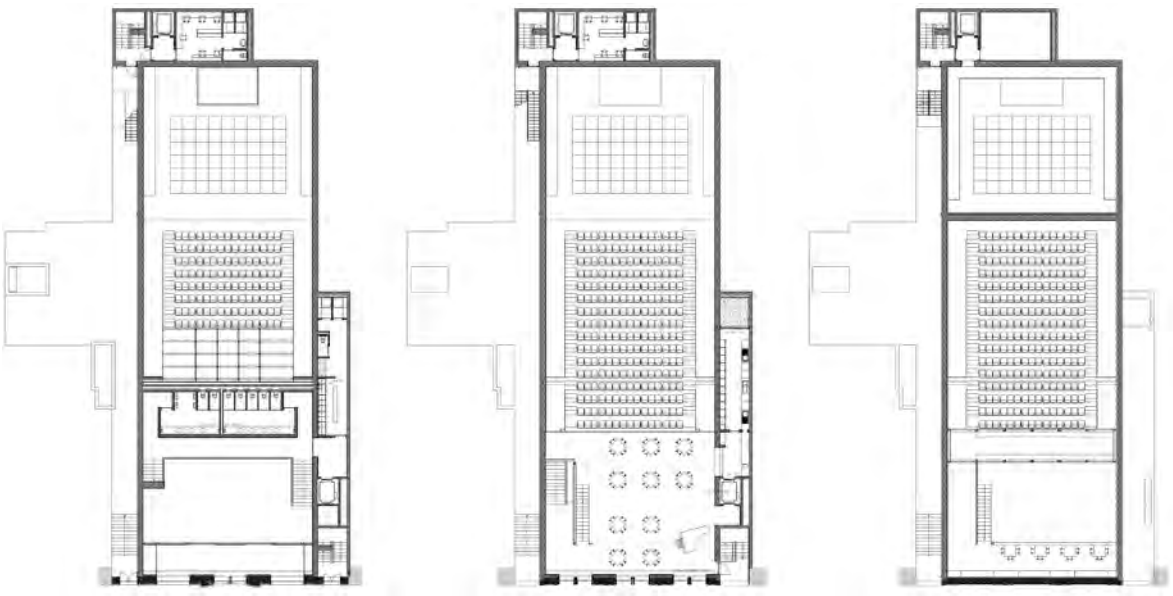


Fig. 106, 107 e 108 - Planta Piso 2, Piso 3 e Piso 4

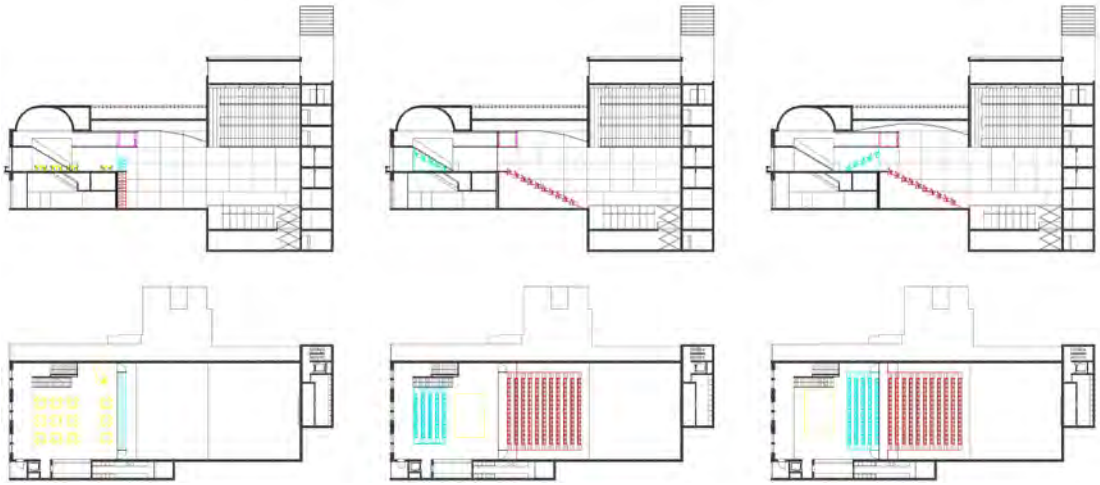


Fig. 109 - Esquemas de possibilidades da configuração da sala de espetáculos

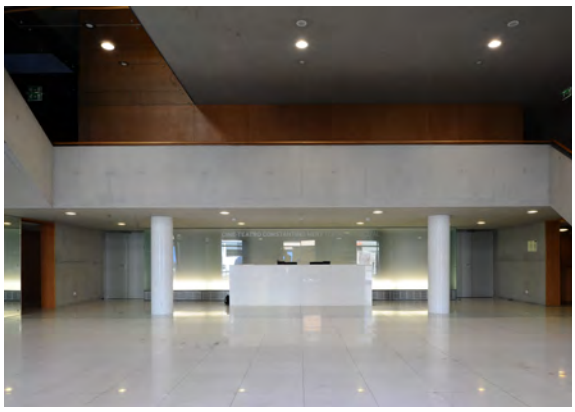


Fig. 110 - Fotografia do átrio de entrada



Fig. 111 - Fotografia da sala de espetáculos com vista do palco



Fig. 112 - Fotografia da sala de espetáculos com vista da bancada retrátil aberta

A sala de espetáculos passa assim, a enquadrar-se no grupo das salas polivalentes em auditórios. Destaca-se a sala num só volume, sem proscénio, com uma bancada retrátil dividida por 4 módulos, com uma lotação de 240 lugares, o que permite reconfigurar a sala de acordo com o tipo de espetáculo a apresentar.
Com efeito, a mobilidade da bancada torna possível a montagem da cena em arena, em sala contraposta à italiana e se totalmente recolhida, o espaço transforma-se num amplo salão. O palco tem uma mesa elevatória, assim como todas as estruturas necessárias para dar apoio às várias artes cénicas.

Neste projeto os arquitetos propuseram também uma ampla sala de ensaios, situada sobre a torre de cena, criando uma excelente vista sobre a orla marítima de Matosinhos.
Uma curiosidade deste projeto é que no cimo da torre com 14 metros de altura, colocaram uma luz, que tinha como propósito funcionar como um farol dado a sua proximidade com a orla marítima. Curiosamente, e para admiração dos arquitetos, os pescadores utilizam mesmo esta luz para se guiarem, uma vez que, e não de forma propositada esta luz fica mais alta e tem mais presença do que o próprio farol existente na Capela do Santo Amaro.

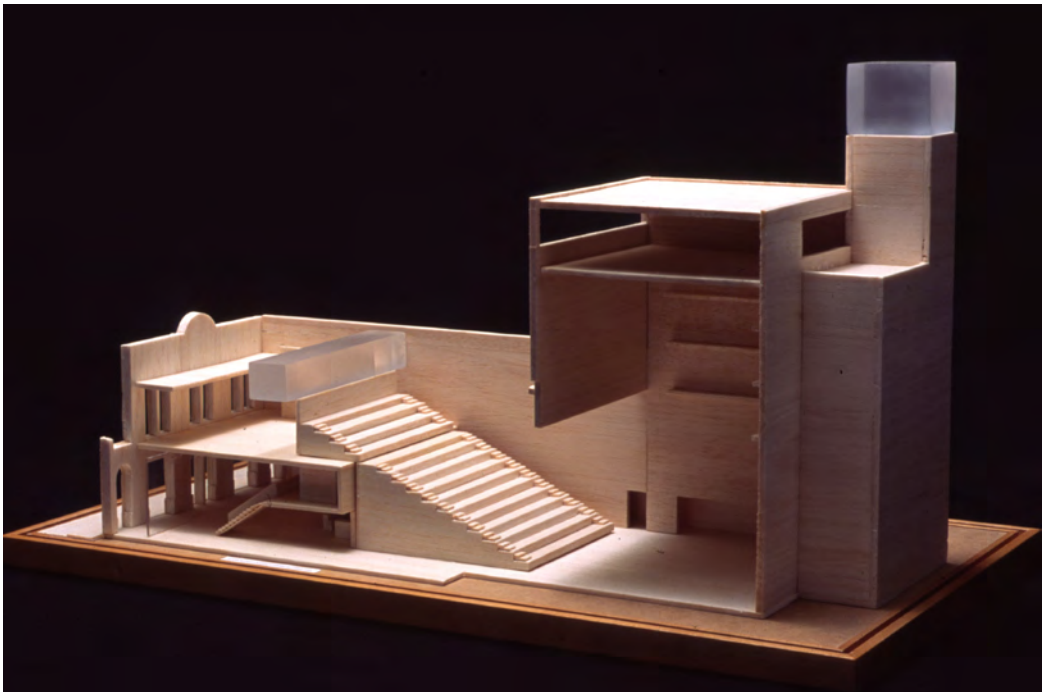


Fig. 113 - Fotografia da maquete de estudo do teatro

AUDITÓRIO MUNICIPAL DE CINFÃES

O auditório Municipal de Cinfães, designado por Auditório Municipal Maestro Pereira Pinto, foi uma encomenda da Câmara Municipal de Cinfães aos Arquitetos Luís Soares Carneiro e Carlos Guimarães. A autarquia, com o intuito de apostar nas suas raízes e tradições culturais, encomenda um edifício com um formato multiuso que estivesse preparado para receber os mais diversos eventos. Esta construção foi concluída em 2013.

A dinâmica e flexibilidade deste auditório são sem dúvida pontos de referência para o ensaio desta proposta, uma vez que, em caso de necessidade, o auditório pode assumir uma configuração totalmente ampla, aquando da recolha da bancada e do palco. Esta sala principal tem uma capacidade de 215 lugares sentados, incluindo os lugares da plateia e os dos dois camarotes. No entanto, quando está desprovida da estrutura do palco e da bancada, a sua capacidade permite acolher 500 pessoas.

O auditório é composto também uma receção, um foyer, uma sala de ensaios, um bar, camarotes, instalações sanitárias, arrumos e as áreas técnicas, assim como, corredores internos de circulação que são necessários ao bom funcionamento do mesmo.



Fig. 114 - Fotografia da fachada do auditório

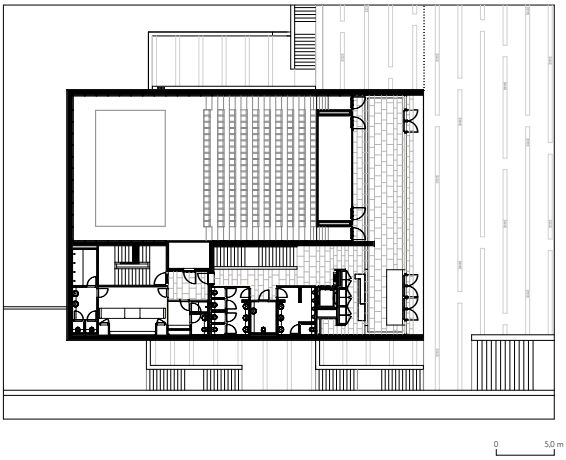


Fig. 115 - Planta Piso 0

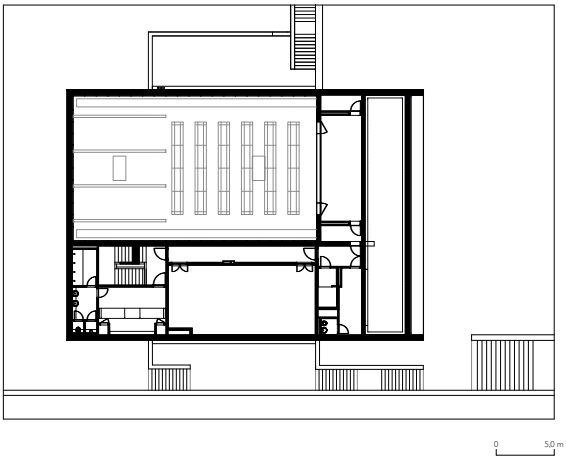


Fig. 116 - Planta Piso 1

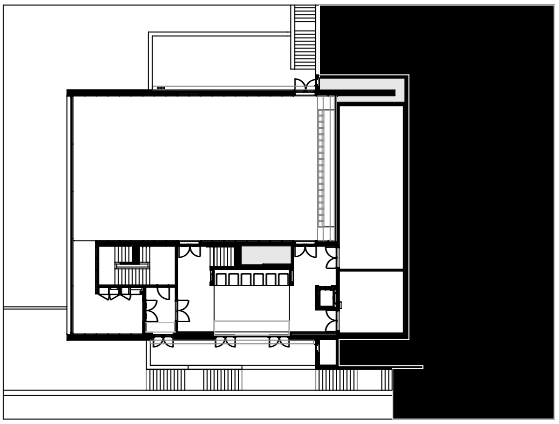


Fig. 117 - Planta Piso -1

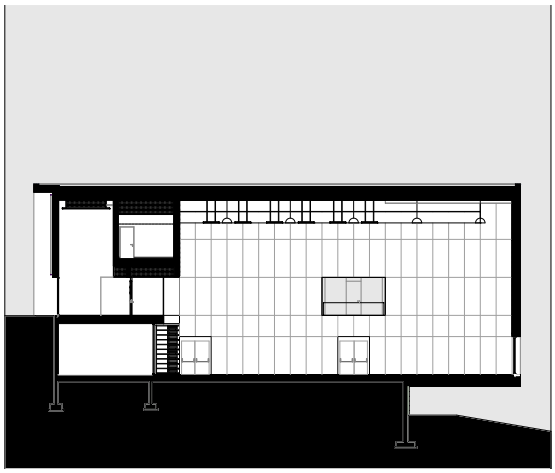


Fig. 118 - Corte pela sala/auditório



Fig. 119 - Fotografia do auditório com vista para o palco



Fig. 120 - Fotografia do auditório com vista para a bancada

TEATRO- AUDITÓRIO LLINARS DEL VALLÈS

O teatro-auditório de Llinars del Vallès, em Espanha, foi construído em 2015 a pedido da Câmara Municipal de Barcelona e resulta de uma colaboração entre o Arquiteto Álvaro Siza Vieira e o atelier espanhol Aresta. O objetivo era criar um espaço dedicado às artes, com grande versatilidade para as mais variadas atividades artísticas, culturais e sociais

O teatro é formado por dois volumes, um com o auditório com capacidade para 300 lugares, e um outro dedicado aos espaços que serve o mesmo. A articulação destes espaços faz-se a partir do "coração" das atividades, a caixa cénica, e os diferentes tipos de utilizadores do edifício, são organizados em função deste ponto.
O volume do auditório tem 3 pisos. Um deles, enterrado, onde se encontra todo o equipamento técnico e a estrutura do placo e dois pisos acima do solo. No outro volume encontram-se os camarins, uma sala de ensaios, arrumos, assim como, uns gabinetes administrativos. As escadas e espaços de serviço encontram-se fora destes dois volumes principais, criando uma narrativa de sombras sobre as paredes exteriores em tijolo à vista.

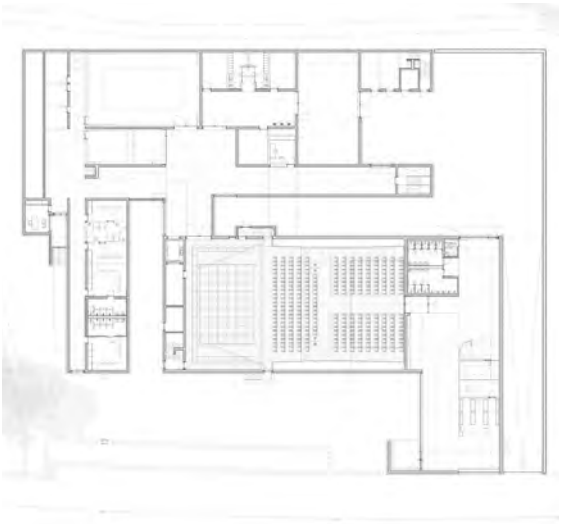
Este projeto referência, permitiu, inspirar-me na articulação dos dois volumes, onde se projetou pensando na sua continuidade e funcionalidade. Outro elemento que me inspirou bastante neste projeto foi o desenho do teto do teatro, na medida em que permite conferir uma melhor acústica à sala de espetáculos.



Fig. 121 - Fotografia do auditório - os dois volumes



Fig. 122 - Fotografia do auditório com vista do palco para a plateia



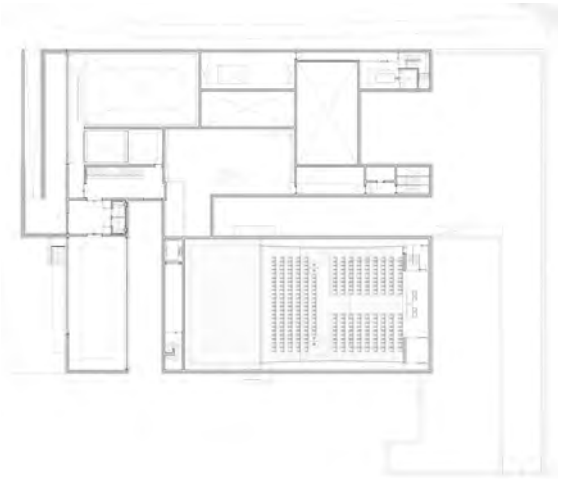


Fig. 123 e 124 - Planta Piso 0 e Piso 1

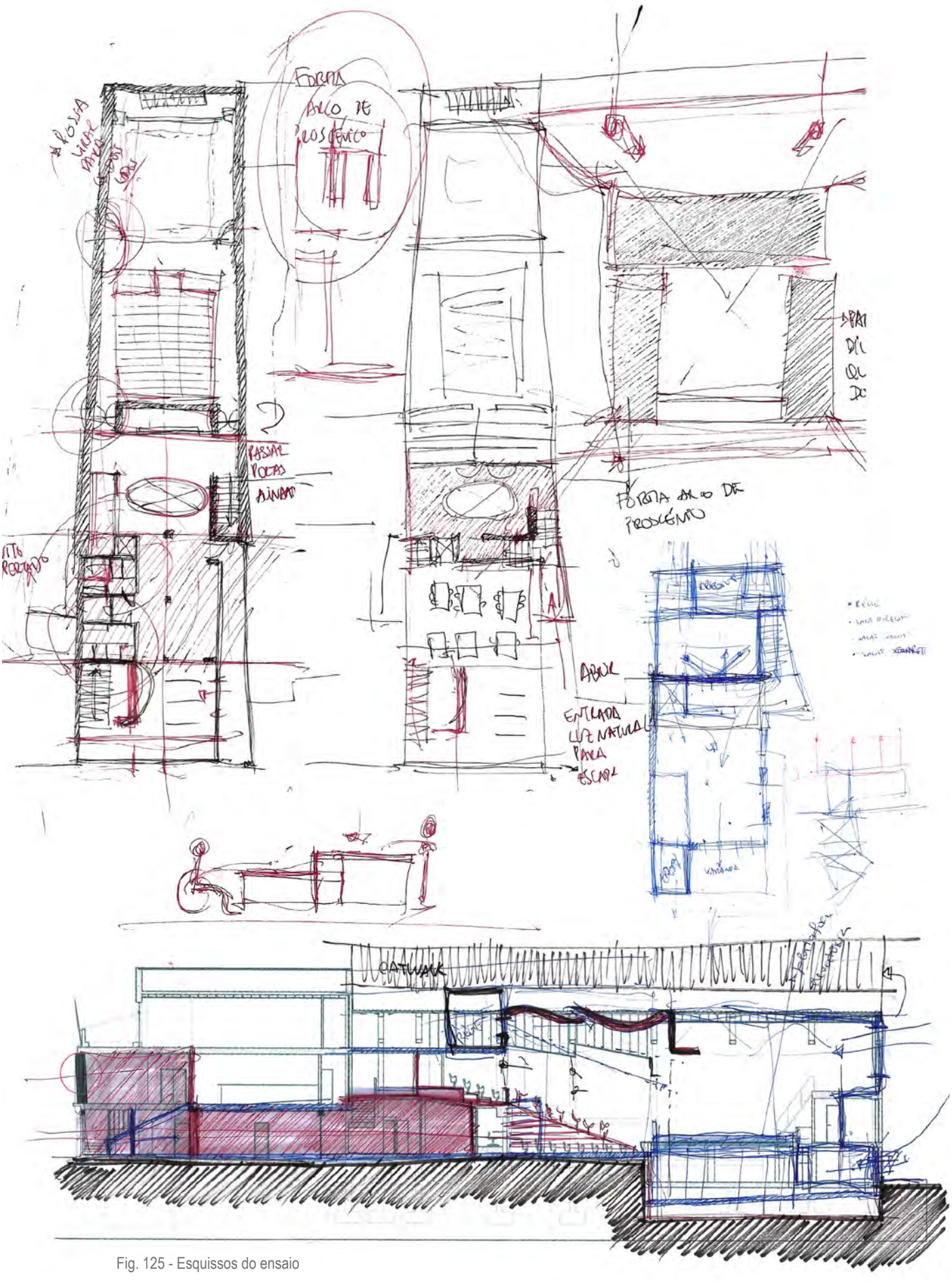


Fig. 125 - Esquissos do ensaio

ENSAIO DA PROPOSTA DE ARQUITETURA

Findo este percurso pelas várias referências e imbuída de uma atitude mais criativa e libertadora , eis que surge um novo ensaio. A ideia de um edifício contínuo, integrado, onde fossem esbatidas as diferenças entre os dois volumes existentes, assumiu-se, agora, como principal objetivo.
À semelhança da proposta anterior a fachada principal manteve-se intacta de modo a preservar a memória do edifício perante a comunidade.



Fig. 126 - Alçado fachada principal , Escala 1/200



A entrada, quer para o teatro quer para a sede, faz-se pela entrada principal do edifício, com a exceção das pessoas com mobilidade reduzida, cujo acesso foi projetado pela porta lateral, através de uma rampa que permite vencer o desnível entre a cota do passeio e a cota do piso 0.
As janelas laterais existentes, agora localizadas no átrio, foram rasgadas até ao pavimento, possibilitando assim, a entrada direta para este espaço. Esta opção permitia que a fachada principal se mantivesse intacta e, assim, garantir a memória do edifício. Optou-se, assim, por alinhar este piso todo pela cota de entrada (117.45).

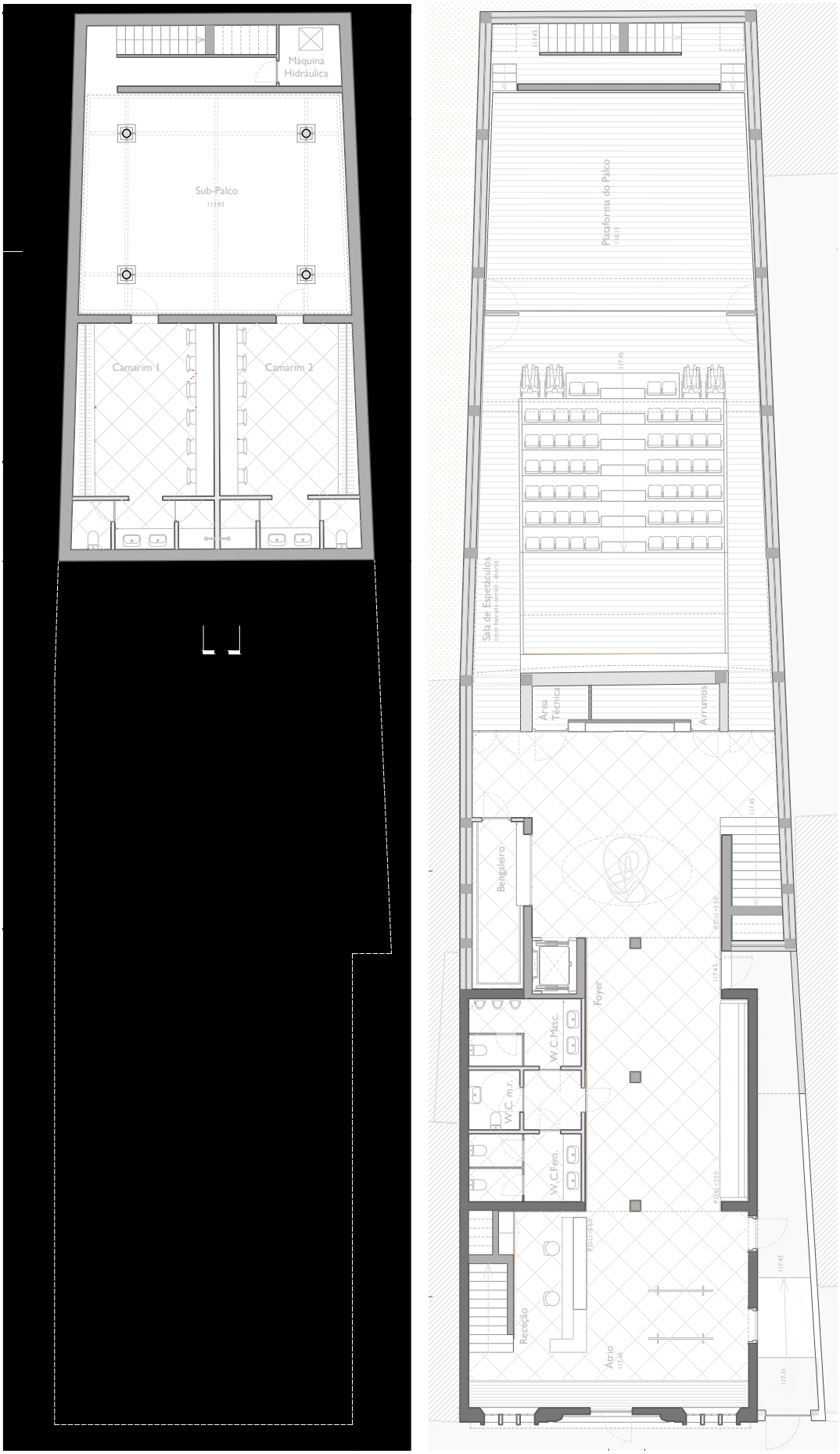


Fig. 127 e 128 - Planta Piso -1 e Piso 0, Escala 1/200

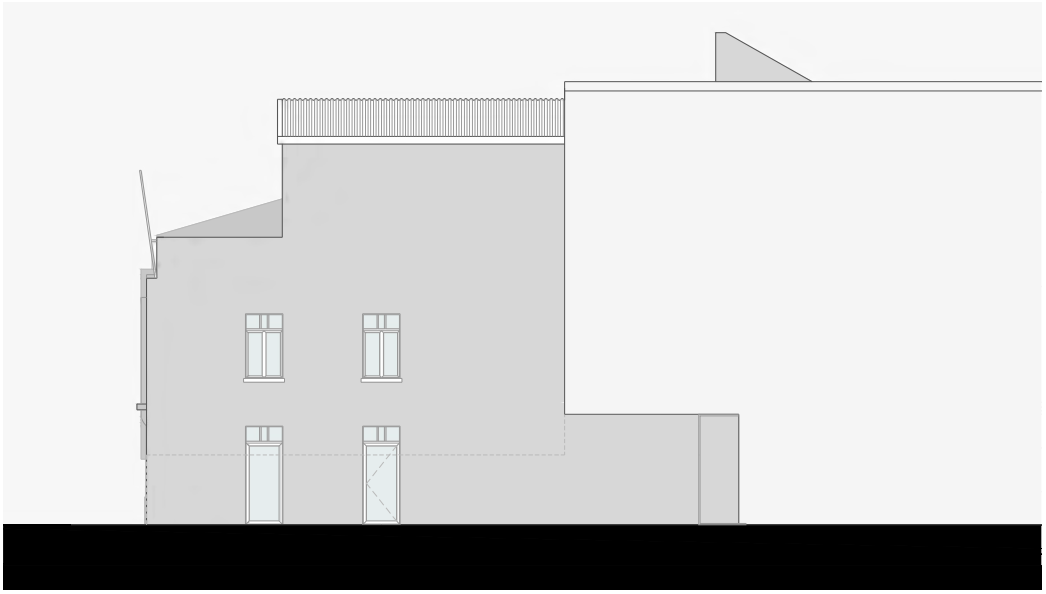


Fig. 129 - Alçado lateral , Escala 1/200

Quando entramos no edifício deparamo-nos com um átrio com um pé-direito duplo, um espaço que se apresenta como grandioso, inundado com luz natural. Aqui encontra-se a receção, uma zona dedicada a painéis de exposições e umas escadas que dão acesso à biblioteca. Neste piso, também se projetou um espaço amplo, que serve de foyer – um espaço de sociabilização. É possível vislumbrar, ao fundo, desde a entrada do edifício, um expositor de troféus do Grupo com o símbolo do dramático.



Fig. 130 - 3D do Átrio de entrada

O caminho do átrio até ao foyer é definido pelos diferentes pés-direitos que acabam por dividir os diversos momentos e espaços que existem, sem que seja necessária a utilização de barreiras físicas. Após o átrio encontramos um espaço com um pé-direito mais baixo e mais escuro, onde se encontra o acesso às instalações sanitárias e uma zona de espera, e, logo de seguida, voltámos a um espaço com um pé-direito mais alto e amplo onde se encontra o foyer.
No centro deste espaço, podemos encontrar uma abertura oval com um candeeiro escultórico (fig. 131) que está suspenso no piso superior e que tem como função marcar a entrada para a sala de teatro, dando desde logo início ao espetáculo.

"Lo que uno llama espetáculo se inice antes de entrar a la sala, sino el edifício mismo, o sea, una cierta sorpresa y no sea una cierta banalidad o secuencia repetida de algo que ya se ve desde afuera." [28]



Fig. 131 - 3D do Foyer, com expositor com símbolo do dramático e abertura oval com candeeiro escultórico

28 - Smiljan Radic, in entrevista sobre o Teatro Regional del Bio Bio.



Fig. 132 - Fotografia da maquete de estudo, escala 1/100

É também no espaço do foyer que encontramos os acessos verticais: o elevador e a escada que servem os restantes pisos. Estes foram estrategicamente colocados de modo servirem as diferentes cotas que existem entre os dois edifícios, e por ser o ponto de encontro das mesmas. É aqui que também se encontra o bengaleiro de apoio ao teatro.

Depois de percorrido o foyer chegamos à sala de espetáculos, assumindo-se nesta proposta uma postura completamente diferente da proposta anterior. Se antes se havia respeitado a vontade do grupo, no sentido de não intervir neste projeto da autoria do Arquiteto António Lobão Vital, agora impunha-se a revitalização deste equipamento cultural, mantendo as suas principais funções, mas dotando-o de uma infraestrutura que não o limitasse apenas a atividades de representação. Fortemente influenciada pelas referências consultadas, projetou-se um espaço que permitisse servir diversas atividades para além do teatro, como dança, bailes, espetáculos, conferências, congressos e demais eventos socioculturais, funcionando como um espaço polivalente.

A primeira grande decisão foi a opção por uma bancada retrátil que subisse até à altura do balcão existente, e que permitisse que facilmente a sala se assumisse como um espaço amplo. Quanto ao palco, pensou-se numa estrutura com um sistema de elevação hidráulica que elevaria o mesmo consoante as pretensões de cada atividade.
Ainda que algo radicais, estas duas alterações possibilitam dotar este espaço de flexibilidade, dando-lhe uma grande variabilidade de usos.

"Hoje, intervir no património arquitectónico é também um acto de coragem e de cultura que devem unir-se numa homenagem àqueles que foram capazes de produzir o património de que hoje nos orgulhamos; estejamos certos que esses, se hoje continuassem a projectar e a construir não deixariam de usar, com parcimónia, com sabedoria, mas também com vontade, os materiais e as técnicas de que hoje disporiam." [29]

De forma que este novo espaço performativo mantivesse elementos alusivos à sua memória, as suas paredes laterais mantiveram-se inalteradas, com a sua estereotomia de tijolo à vista na parte superior e com ripas de madeira, na parte inferior.

Na bancada retrátil foram integrados lugares para as pessoas com mobilidade reduzida, permitindo incluir estes públicos na plateia. As cadeiras escolhidas para esta bancada são de cor vermelha, numa certa alusão à luxúria associada aos antigos teatros.

Apesar de se projetar uma sala polivalente, dada a importância que o Teatro assume na história da associação, decidi que iria manter elementos característicos de uma sala de teatro, na medida em que esta será sempre a sua principal função.

Outra intervenção que podemos encontrar, cuja inspiração se fica a dever ao projeto de referência projetado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira, corresponde ao desenho do teto do Teatro.

Pretendia-se dotar a sala de uma melhor acústica devido ao seu desenho de curva e contracurva, e permitir a colocação de projetores em vários pontos da sala, e não apenas na teia em cima do palco.

Colocaram-se também umas divisórias laterais, que juntamente com o novo desenho do teto, definem o arco de proscénio da sala de espetáculos. Estas divisórias podem ser recolhidas quando necessário. (fig. 133)

Atrás do palco, encontra-se o acesso para o subpalco, agora completamente enterrado, consequência do alinhamento do piso superior à cota do piso de entrada. Neste piso encontra-se toda a estrutura de apoio ao palco, como o sistema de elevação composto por 4 pilares hidráulicos, assim como os camarins separados por sexos e servidos com instalações sanitárias. Existe ainda um compartimento fechado, com acesso técnico, para colocar a máquina que suporta todo este sistema de elevação.

29 - APPLETON, João. "Reabilitação Urbana e Tecnologias de Intervenção" in ***Arquitetura Ibérica***, Caleidoscópio, nº19, 2007, pág. 17.



Fig. 133 - 3D da Sala de espetáculos - virada para a plateia com bancada retrátil aberta



Fig. 134 - 3D da Sala de espetáculos - virada para o palco.



Fig. 135 - 3D da Sala de espetáculos - bancada, palco e divisórias recolhidas. Sala ampla.

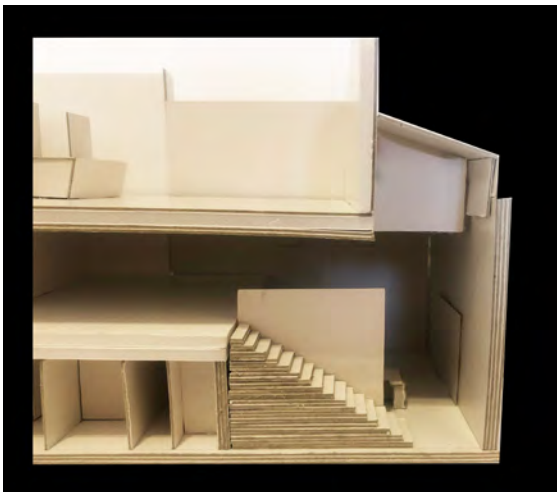


Fig. 136 - Fotografia da maquete, escala 1/100
(Iluminação da clarabóia existente na escada de acesso 1º Piso)

O acesso ao piso 1 pode ser feito através de dois pontos distintos. As escadas do átrio conduzem-nos à biblioteca que se debruça sobre o átrio de entrada. Estas escadas são iluminadas, no seu início, pela claraboia existente. A escolha de manter esta claraboia prende-se com o facto de trazer qualidades à nova proposta, pois para além de dotar o átrio de ainda mais luz natural, acaba por marcar o início da escada.

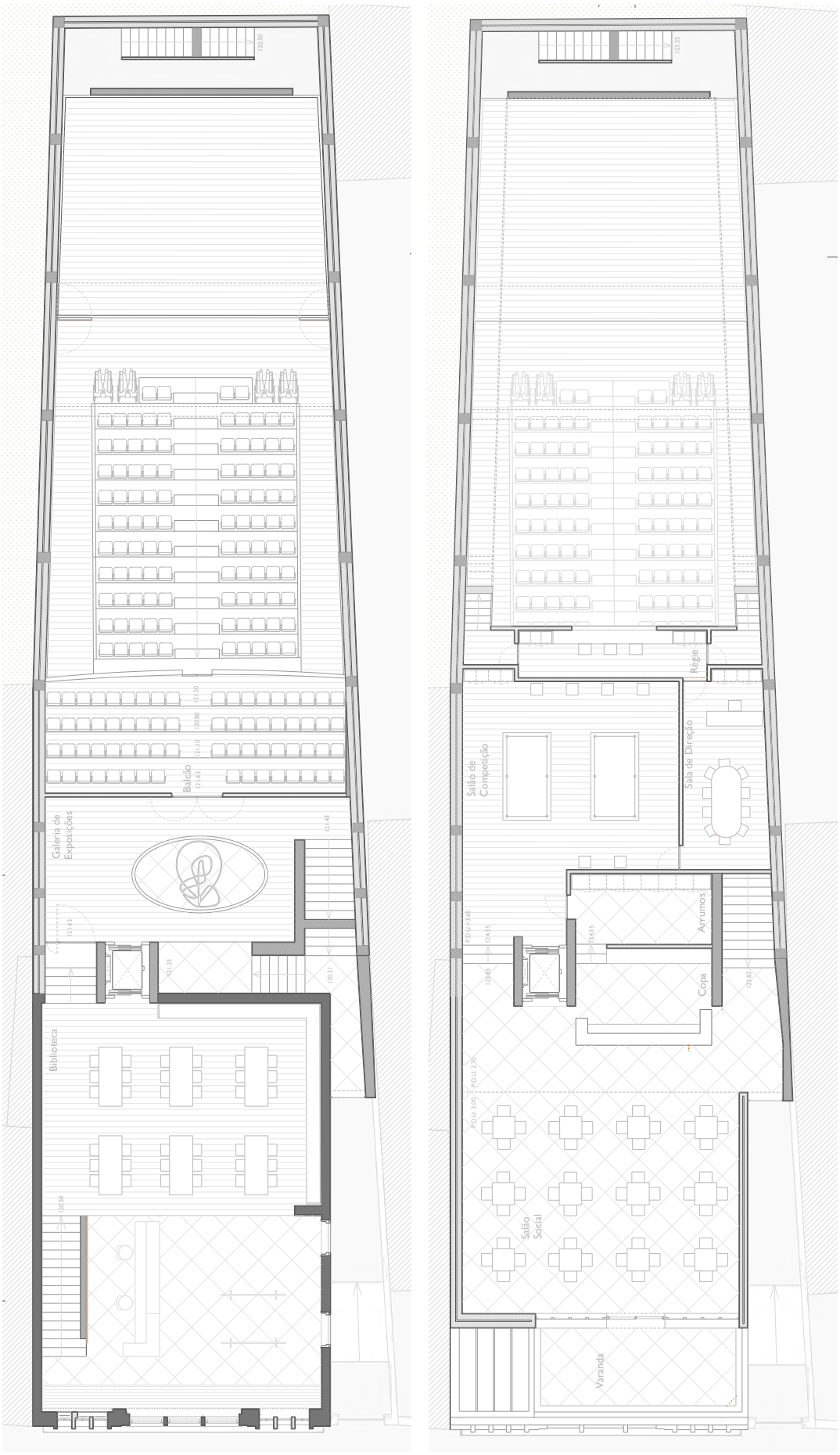


Fig. 137 e 138 - Planta Piso 1 e Piso 2, Escala 1/200

O outro acesso realiza-se pela escada que se encontra no foyer.

Esta, leva-nos a uma galeria de exposição (fig. 140) que é onde se encontra a guarda da abertura oval e, permite também aceder ao balcão do teatro.

O balcão não sofreu grandes intervenções, tendo sido apenas reconfigurada a sua entrada.

Outro aspeto a referir diz respeito à possibilidade de aceder ao balcão através da bancada retrátil na medida em que se criou uma ligação entre os dois, que caso não seja necessária, se pode manter fechada. (fig.141)

O objetivo de criar dois pontos de acesso distintos para estes espaços não foi inocente. Pretendia-se que o acesso aos mesmos, permitisse desde logo diferenciar o tipo de públicos.



Fig. 139 - 3D do acesso vertical que nos leva ao 1º Piso



Fig. 140 - 3D da galeria de exposições



Fig. 141 - Fotografia da maquete, escala 1/100
(passagem entre bancada e balcão)

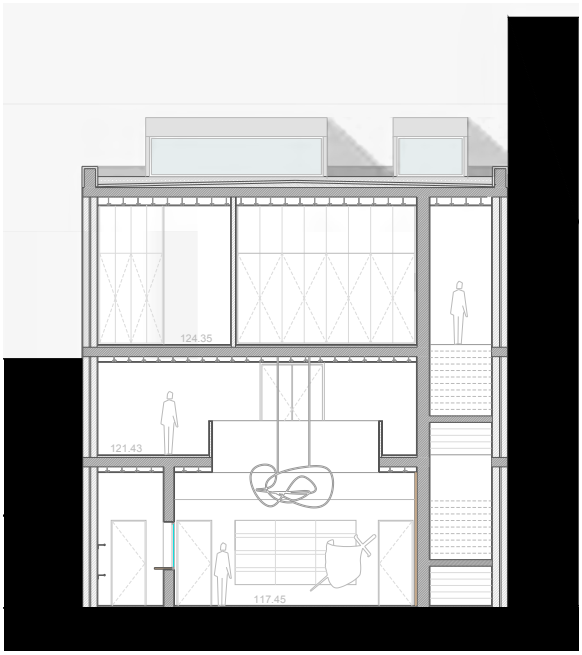


Fig. 142 -Corte que passa pela galeria de exposições
Escala 1/200

0 2 5 10

A escada localizada no átrio apenas permite o acesso à biblioteca, funcionando como um espaço mais aberto à comunidade riotintense, e não exclusivamente aos associados.

A biblioteca, que se debruça sobre o átrio acaba também por ser inundada pela imensa luz natural. Quando nos encontramos no átrio, ao direcionar o nosso olhar para a biblioteca, verificamos a existência de um vidro fosco com o nome do grupo, o que acaba por dar alguma privacidade ao espaço da biblioteca sem tirar a possibilidade de esta receber a iluminação natural que existe na entrada do edifício.



Fig. 143 - 3D da biblioteca



Fig. 144 - Corte que passa pelo átrio
Escala 1/200

0 2 5 10

A biblioteca e a galeria de exposição encontram-se as duas no primeiro piso apesar de existir uma separação entre estes dois espaços devido às diferenças de cotas existentes. Apesar desta separação, existe uma passagem, entre estes, que se destina apenas a uso dos dirigentes. A diferença de cotas, já identificada, entre estes dois espaços, foi colmatada com umas escadas. De modo a permitir o acesso de todo o tipo de públicos aos dois espaços, o elevador foi projetado para abrir nos dois sentidos.

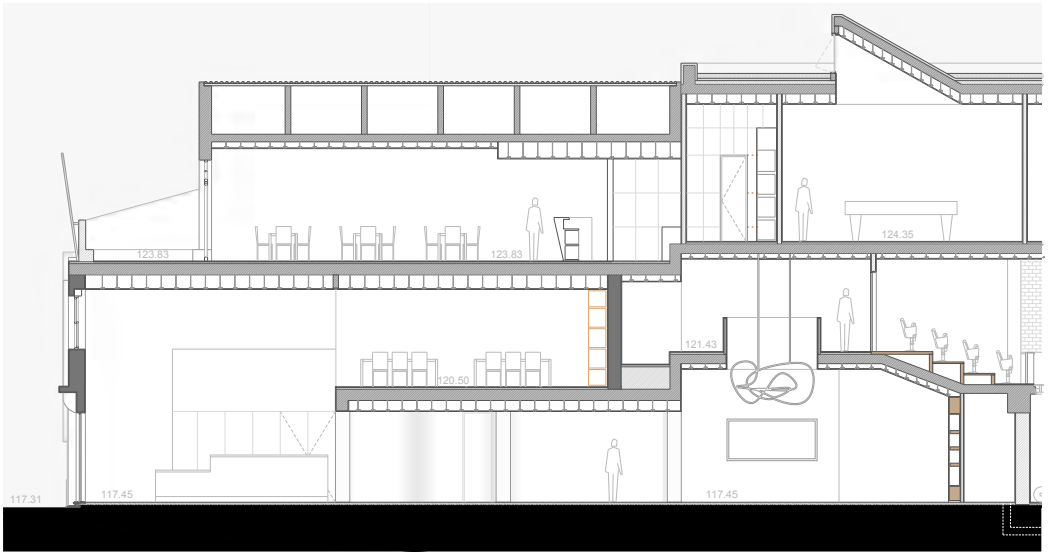


Fig. 145 - Parte do Corte A_A'
Escala 1/200

0 2 5 10

No segundo piso encontramos o salão social, servido por uma varanda - que até agora não era utilizada - e um bar com copa e arrumos. Esta escolha de passar o salão social para este piso, deve-se ao facto de este possuir um espaço exterior, que para além de dotar o espaço de mais iluminação natural, possibilita a sua utilização, nomeadamente, por parte dos fumadores.
O bar apresenta-se agora servido por uma copa mais espaçosa com acesso direto a uns arrumos.

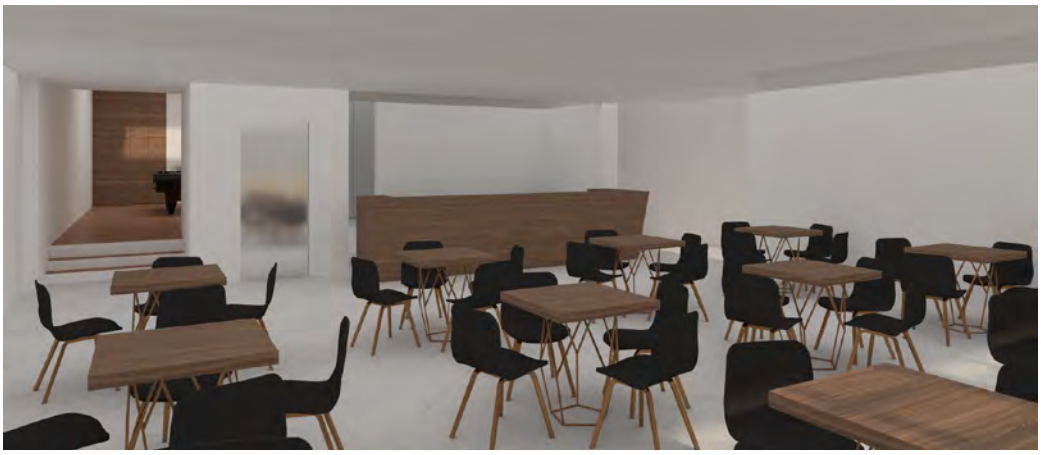


Fig. 146 - 3D do Salão social

Ainda neste piso, encontramos um salão de competição. Esta foi uma decisão difícil, pois de acordo com alguns dirigentes os dois salões não deviam estar no mesmo espaço, na medida em que a competição exige concentração. No entanto, o desnível existente entre os dois salões, vencido por uma escada de 3 degraus, permite uma separação dos espaços, sem comprometer o seu relacionamento.

O salão de competição permite a colocação de dois bilhares com as medidas adequadas à competição deste desporto, bem como, umas mesas de pé para de apoio às pessoas que estão a assistir aos jogos e ainda um armário para poderem arrumar todo o material inerente à prática desta atividade.

É também neste piso que está a sala da direção e a régie. Só através da sala de direção é possível aceder à régie, e, por sua vez, desta, podemos aceder ao catwalk que circunda a sala do teatro.



Fig. 147 - 3D do salão de competição



Fig. 148 - 3D da sala de direção

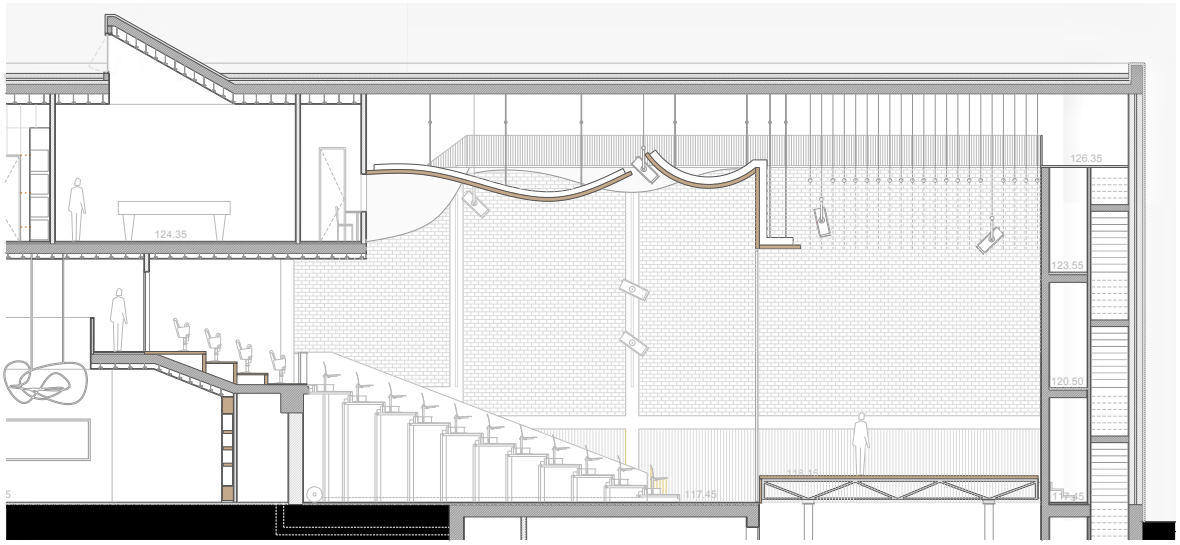


Fig. 149 - Parte do Corte A_A' (relação da régie com a sala de espetáculos)
Escala 1/200

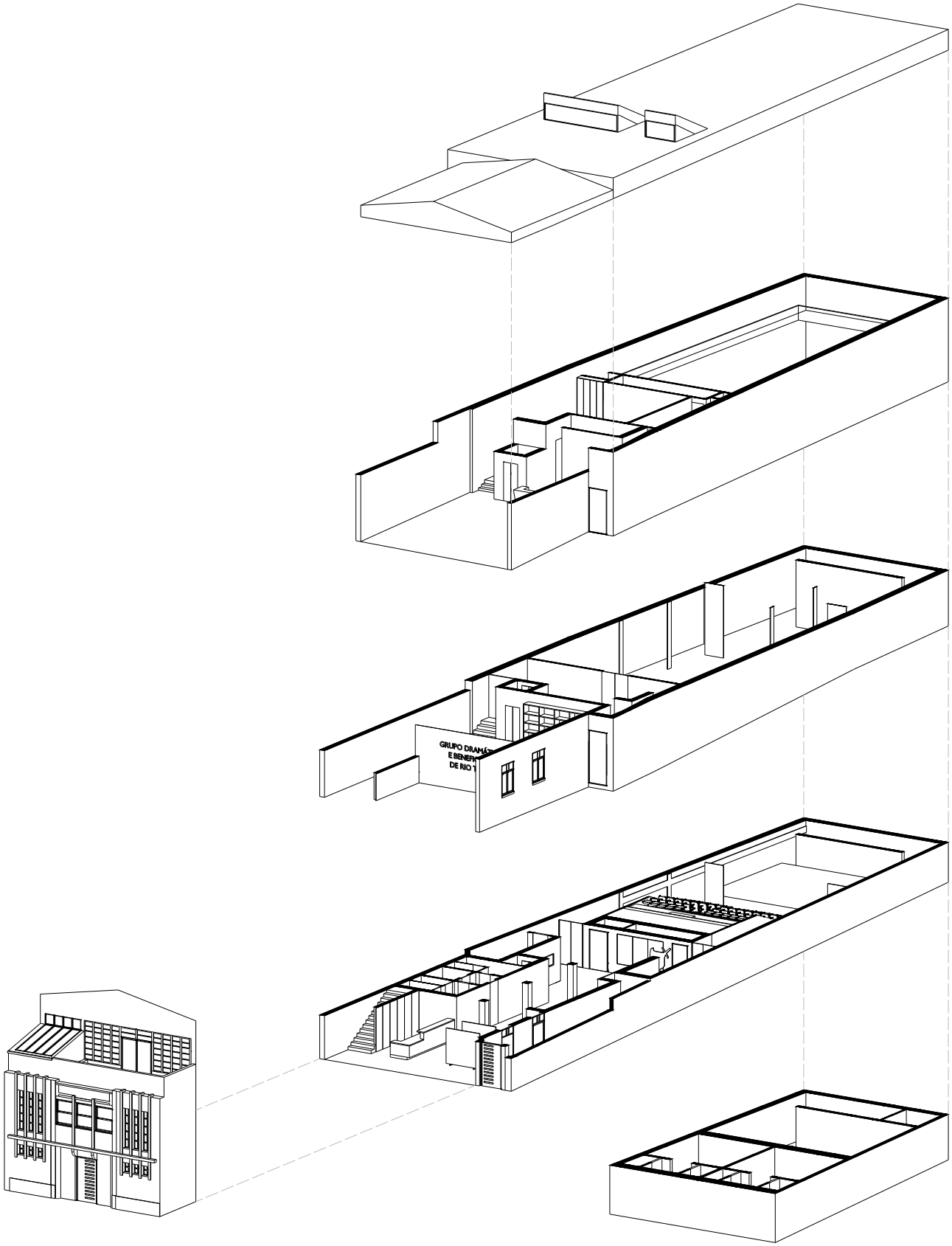


Fig. 150 - Axonometria explodida da proposta para o edifício do GDBRT
Escala 1/200

Com a criação desta régie e catwalk, o pé-direito da sala teve, inevitavelmente, de subir de cota, optando-se por criar aqui uma cobertura plana em substituição à cobertura existente de duas águas em painel sandwich. A régie está equipada com uma mesa a todo o comprimento da sala, e nas suas extremidades foram criados armários com o objetivo de guardar os equipamentos necessários ao seu funcionamento.

A sala de direção apresenta um desenho semelhante ao existente nas instalações atuais do grupo na medida em que a mesma se revelava suficiente. Nesta sala, encontrámos uma mesa de 10 lugares para as reuniões dos dirigentes, assim como um armário para arrumação de documentação. Existe também uma secretária com vista a permitir um uso mais individual, de caráter administrativo.

O facto de na atual proposta se ter projetado quer a sala de direção, quer o salão de competição em espaços desprovidos de luz natural, conduziu à necessidade de criar duas claraboias destinadas a iluminar cada um destes espaços. O tipo de claraboia escolhido foi o “shed”, também conhecido como dente de serra, e optou-se por uma orientação a sul para um maior aproveitamento da luz natural. A nível de vãos, estas foram as únicas aberturas feitas em toda a proposta, sendo que as restantes resultam dos vãos já existentes no edifício.

No que diz respeito a materialidades, as paredes exteriores e principais elementos estruturais não sofreram qualquer tipo de alteração.
Já para as novas paredes interiores, o material escolhido foi tijolo de 11 cm sendo estucadas e pintadas dos dois lados. Quanto aos pavimentos, optou-se por colocar mármore branco thassos de 0.80X.80 desde a entrada do edifício, até à sala de espetáculos, bem como, nos acessos verticais, no salão social, bar, copa, e instalações sanitárias. Na sala de espetáculos, o pavimento escolhido foi o soalho de madeira em carvalho, estendendo-se este acabamento ao palco, mas em quarteladas. Na biblioteca, galeria de exposições, salão de competição, sala de direção, e régie, optou-se por colocar um soalho de madeiras em carvalho numa tonalidade mais clara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste ensaio constituiu um desafio enorme no meu percurso enquanto estudante de arquitetura.
A escolha do objeto de estudo viria a revelar-se complicada dada a sua dimensão e implantação. Tinha sido uma escolha irracional, como oportunamente referido, mas encontrava-me num momento em que já não era permitido qualquer retrocesso, no entanto, os constrangimentos somavam-se.

A escassa informação existente nos arquivos da Câmara Municipal de Gondomar e a dificuldade encontrada para a obtenção do existente, assim como, a ausência de uma narrativa relativamente às intervenções realizadas no edifício quase me levou a optar por outro objeto de estudo, mas impediu-me a ligação emocional a este espaço.
Hoje sou consciente que o objeto de estudo nada mais deveria ter representado do que um meio para concretizar um objetivo final, o desenvolvimento de um ensaio de proposta.
Concomitantemente, a atual situação pandémica viria agravar as dificuldades encontradas, multiplicando-as: impediu a visita das referências escolhidas, impediu que visitasse o objeto de estudo tantas vezes quantas seria desejável, impediu a realização de inquéritos aos associados tal como havia pensado, no sentido de perceber a visão dos mesmos sobre o edifício.

Não obstante, o desafio de desenvolver o projeto de requalificação deste edifício foi uma experiência incrível.
A decisão de manter a fachada intacta tornou possível conservar a identidade do edifício, conservando desta forma o mesmo valor simbólico que lhe era atribuído pelos seus utilizadores. Por outro lado, a ligação criada entre os dois volumes veio responder ao principal constrangimento encontrado nesta associação. A reconfiguração de espaços, bem como a inclusão dos dois vãos no terceiro piso, trouxeram para dentro do edifício luz natural, mitigando todo o aspeto sombrio de outrora. As soluções encontradas para a sala de Teatro, permitem que, agora, o mesmo seja polivalente, possibilitando a concretização de diversas atividades que não as apenas associadas à arte da representação.

O ensaio de proposta apresentada procurou dar uso e funcionalidade aos vários espaços, capaz de atrair novos públicos e promover conforto junto dos atuais utilizadores, adaptando-o às necessidades contemporâneas.

Contudo, reconheço a existência de algumas falhas a nível legal que não foram passíveis de ultrapassar, na medida em que a envolvente se encontra construída até aos limites da sua ocupação.

Em suma, apesar deste ensaio de proposta não conseguir dar a resposta ideal em termos legais, a materialização das ideias desenvolvidas representa uma possível solução para os problemas encontrados.

PEÇAS DESENHADAS

Planta de Implantação - Escala 1/500

Planta Piso 0 - Escala 1/100

Planta Piso 1 - Escala 1/100

Planta Piso 2 - Escala 1/100

Planta Piso 2.1 - Escala 1/100 (piso catwalk)

Planta Piso -1 - Escala 1/100 (subpalco)

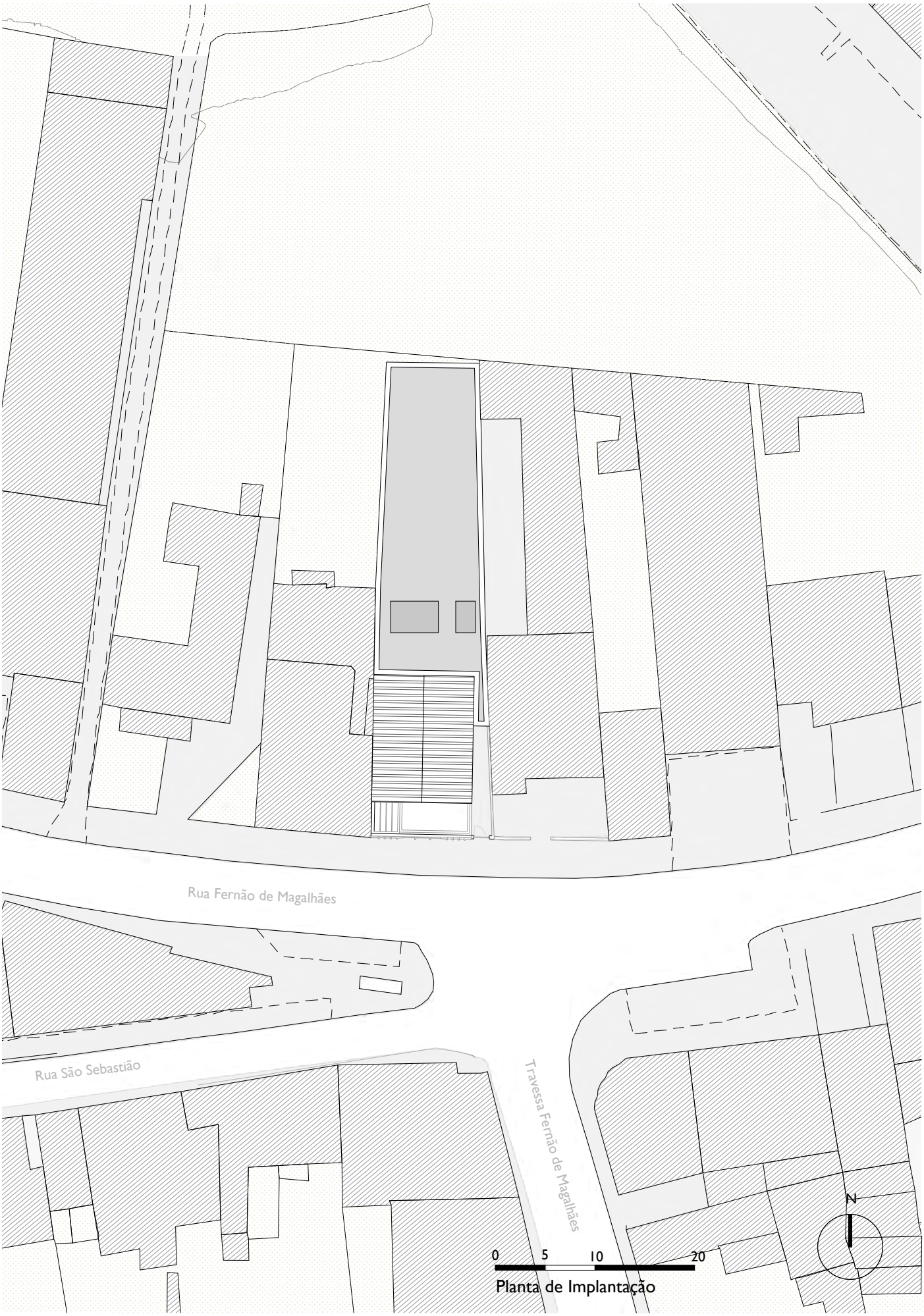
Planta Piso 0 - Escala 1/100 (bancada retrátil fechada)

Planta Piso 1 - Escala 1/100 (bancada retrátil fechada)

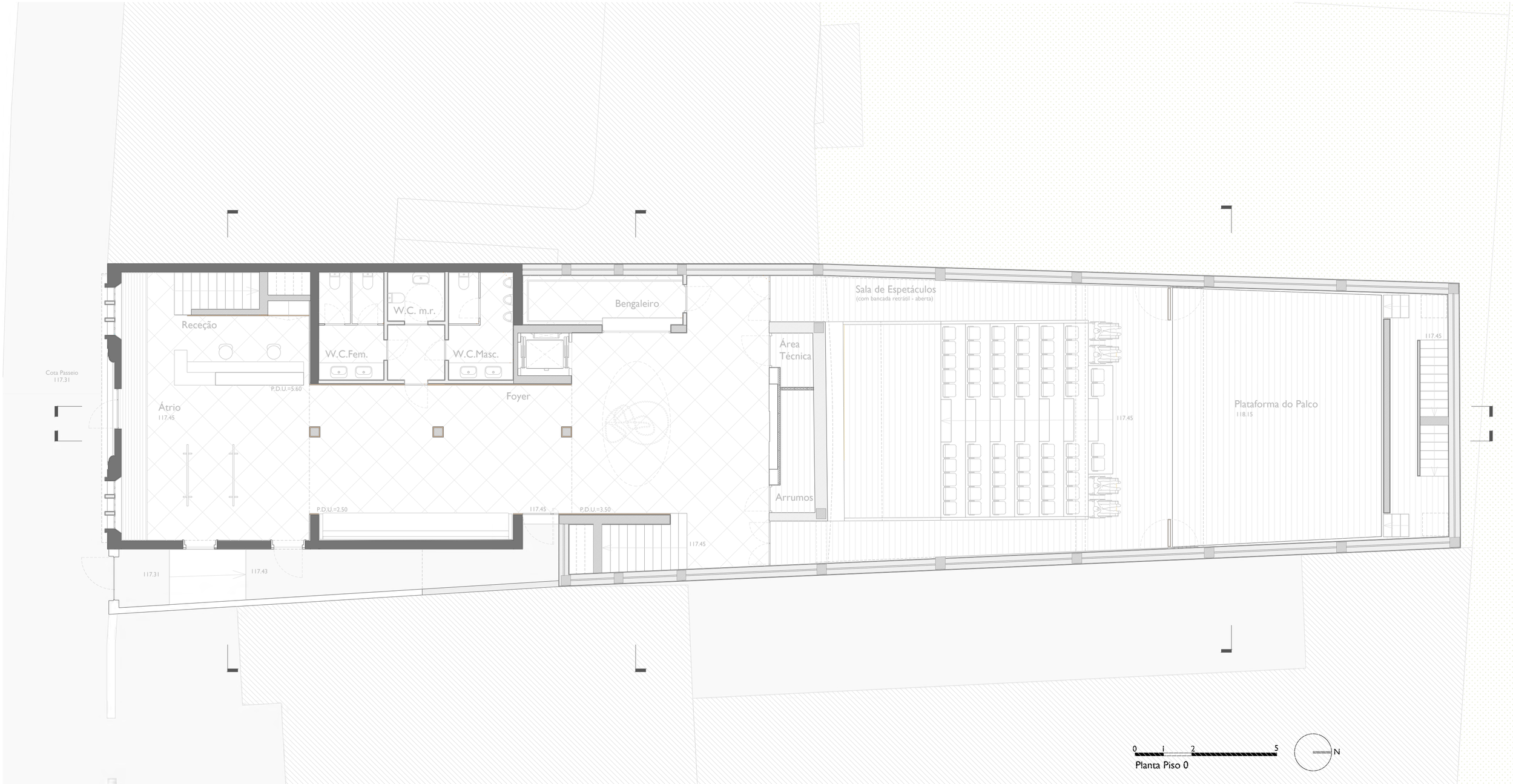
Alçado Fachada Principal - Escala 1/100

Cortes - Escala 1/100

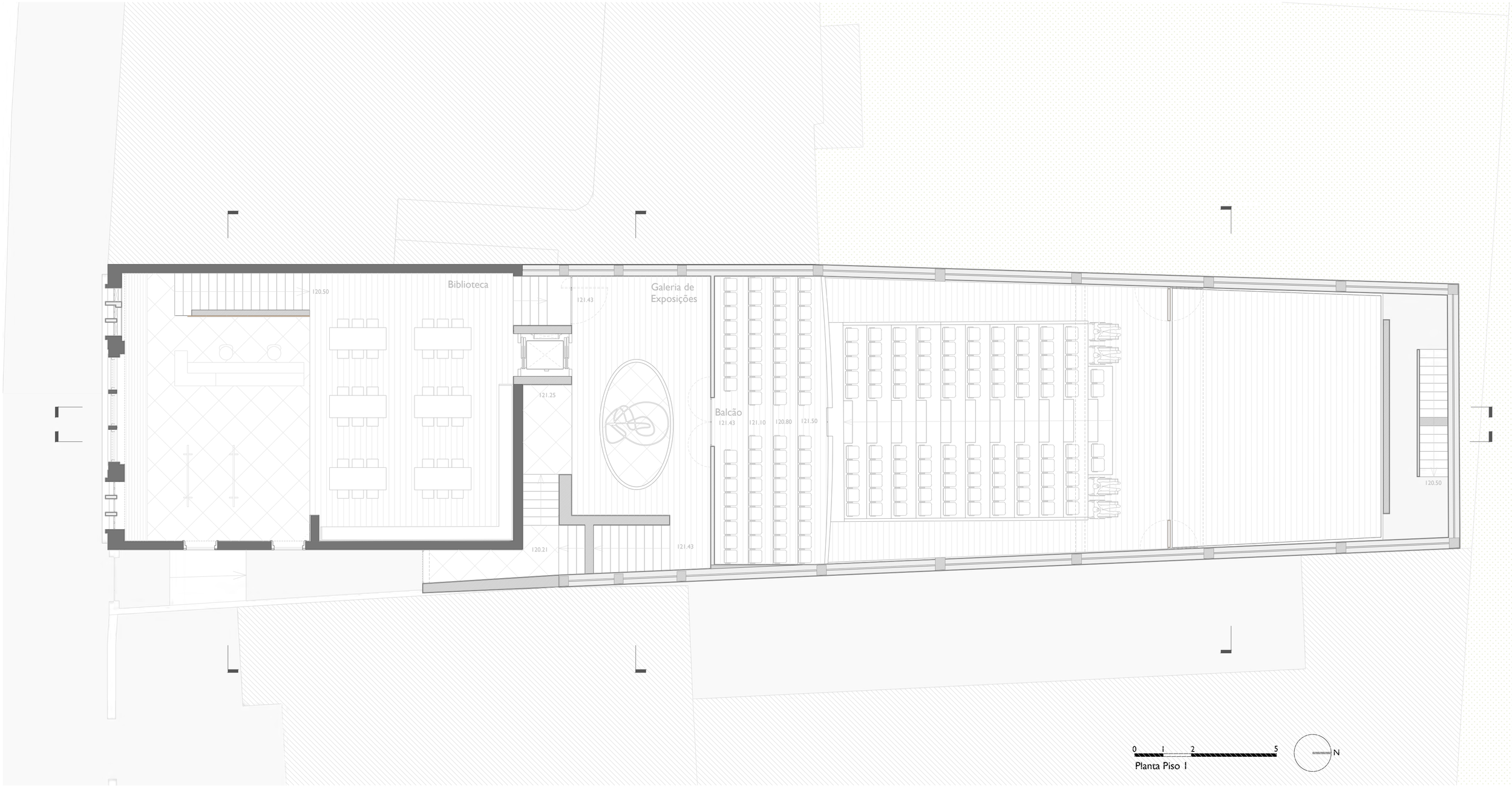
Planta Vermelhos e amarelos - escala 1/200



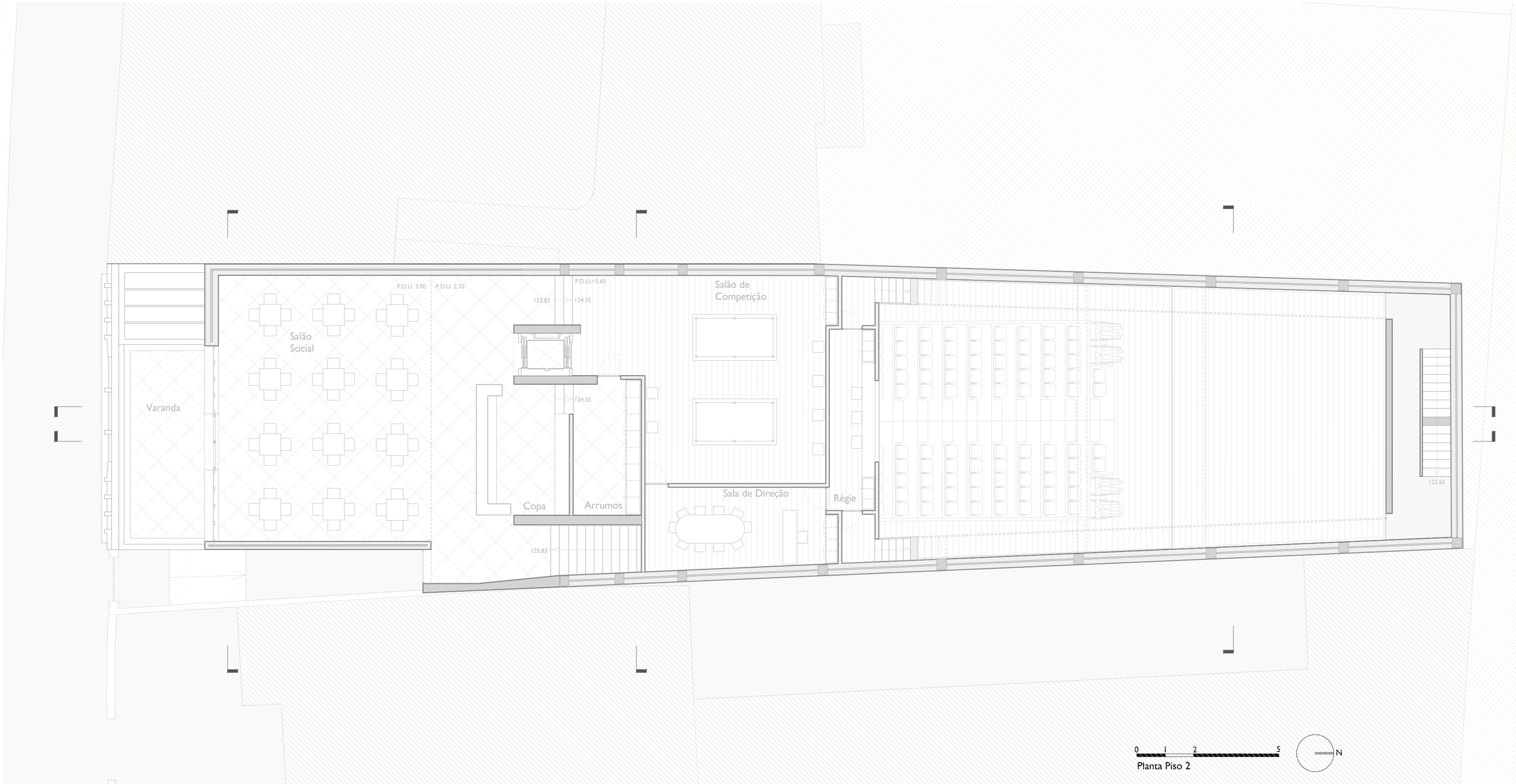
Planta de Implantação



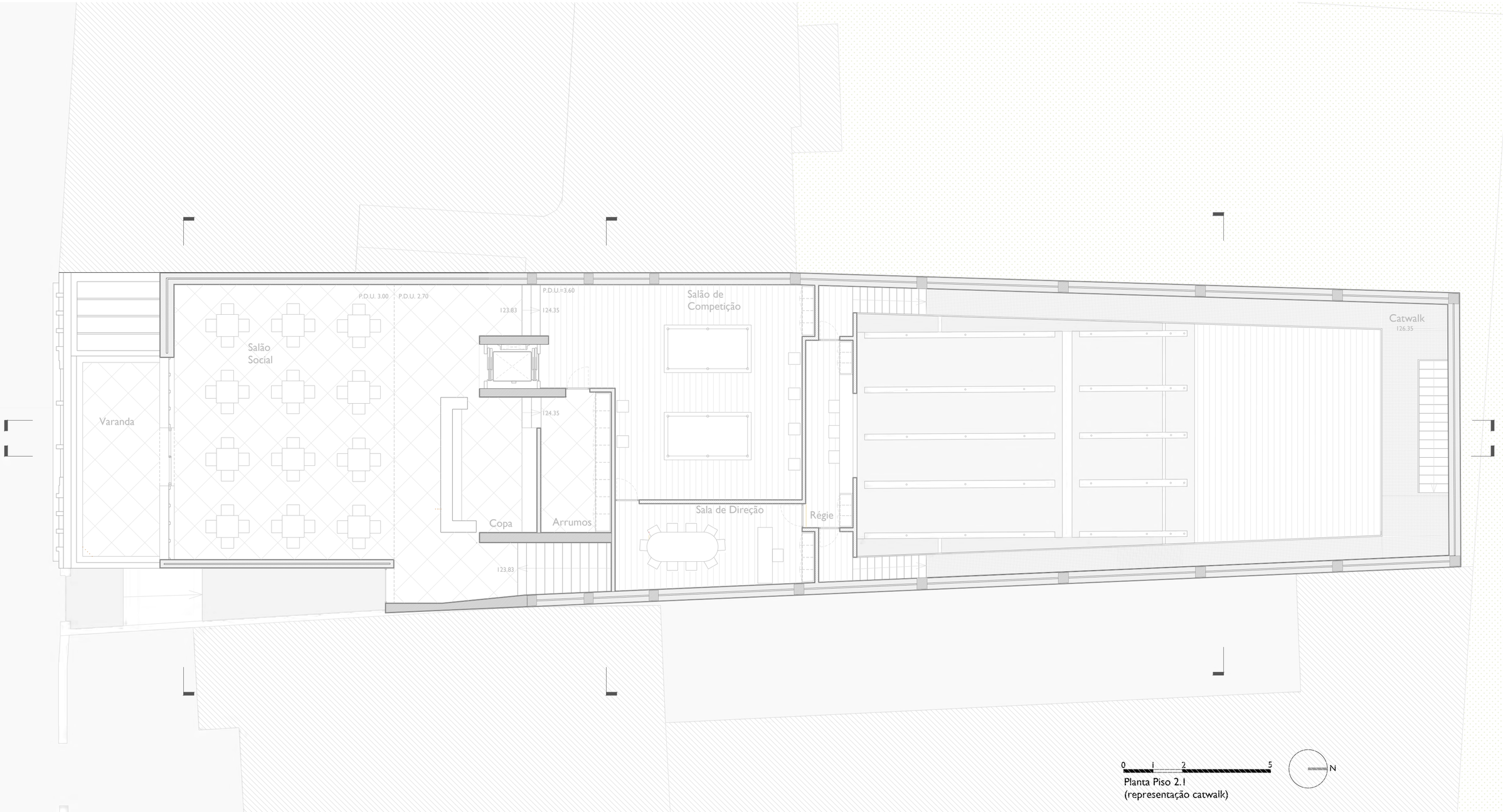
Planta Piso 0



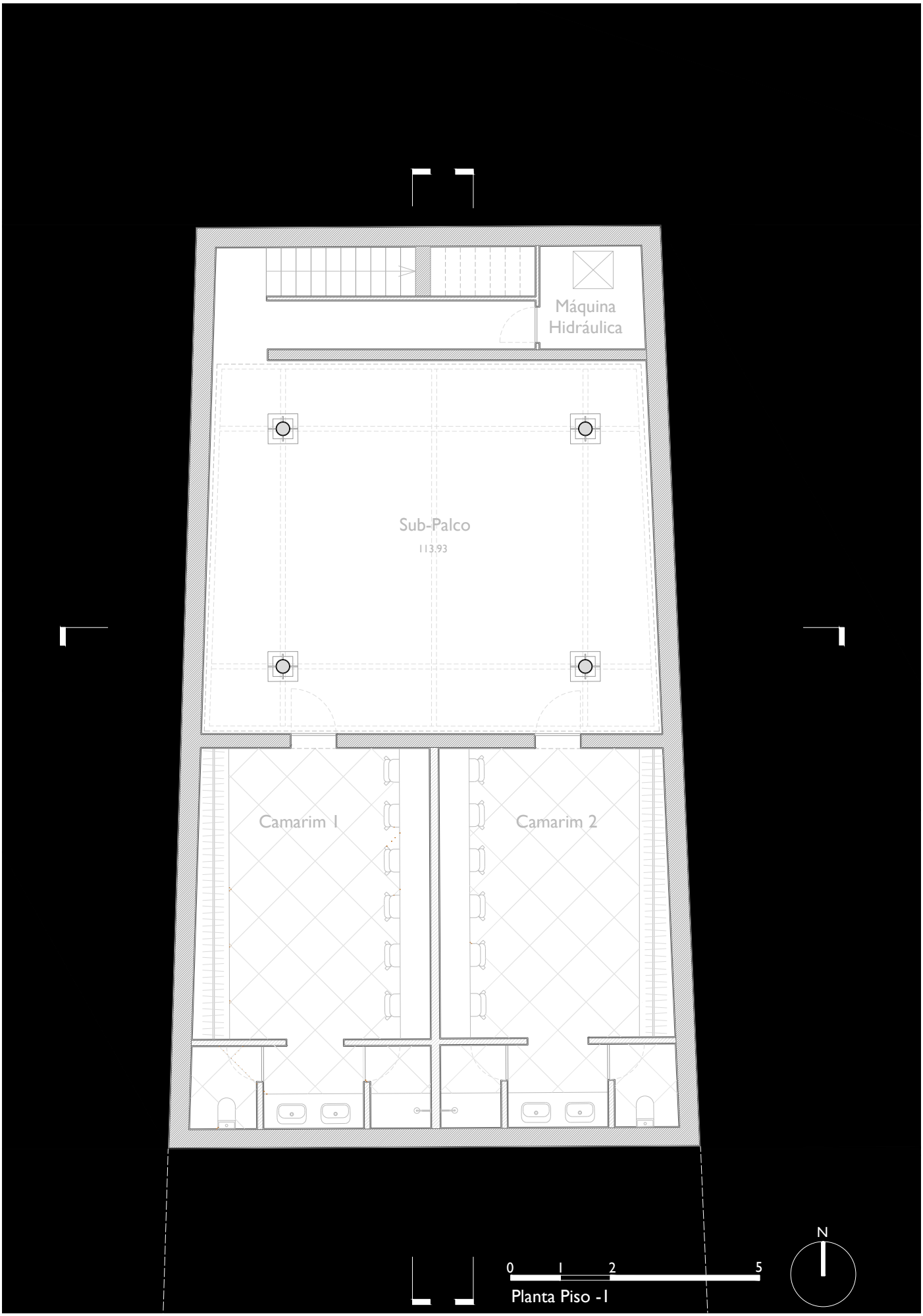
Planta Piso 1



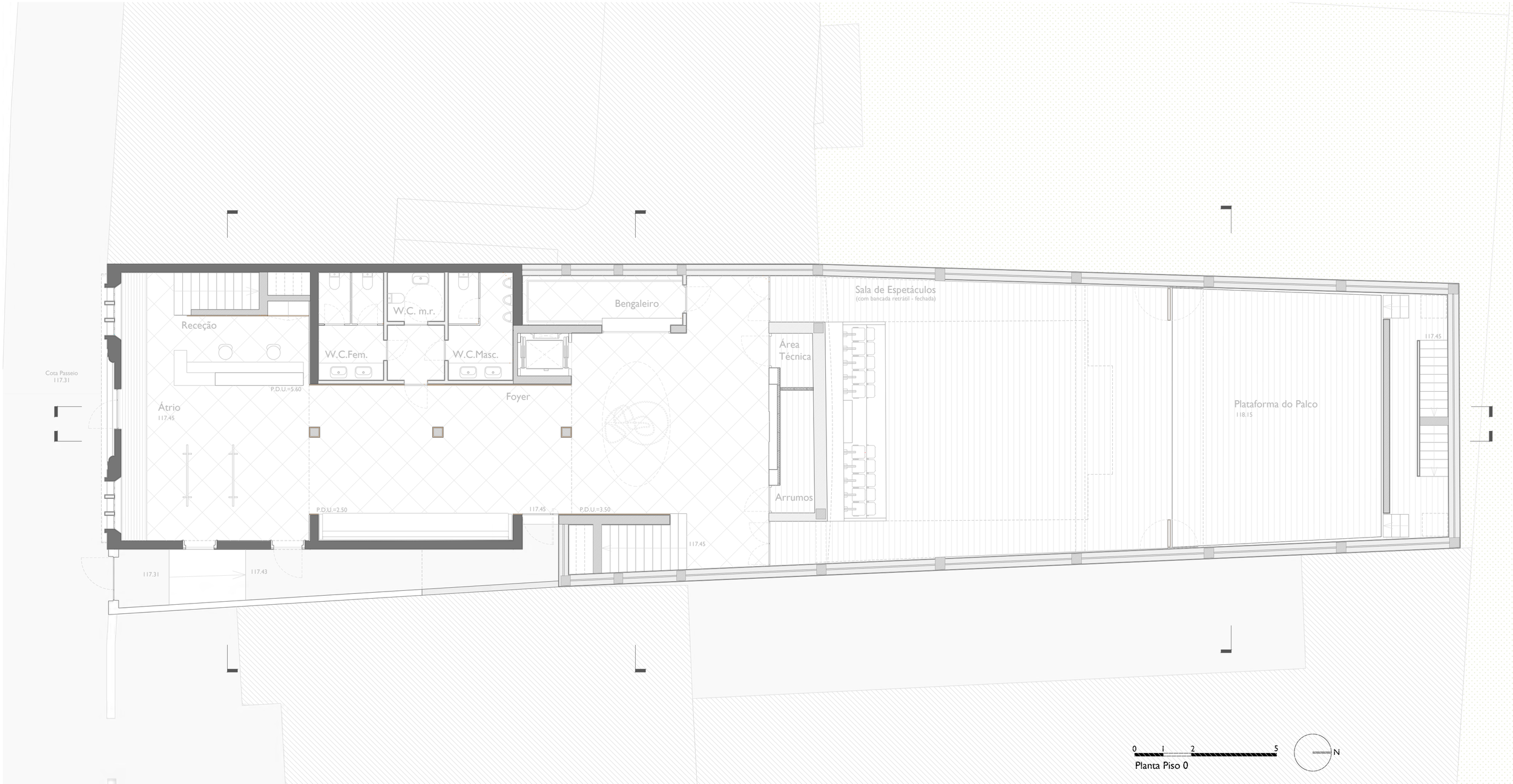
Planta Piso 2



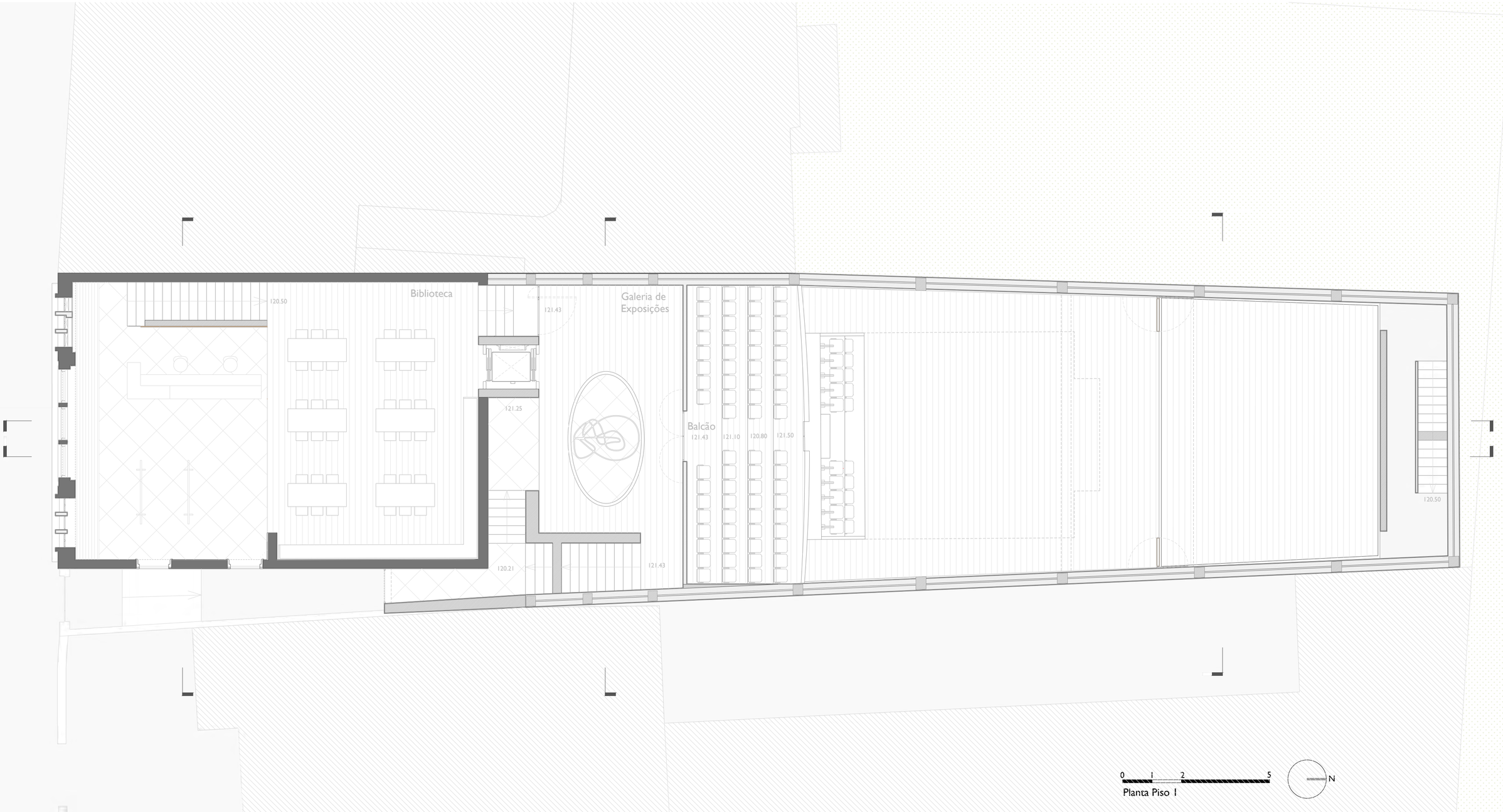
Planta Piso 2.1
(representação catwalk)



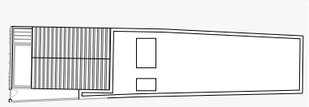
Planta Piso -1



Planta Piso 0



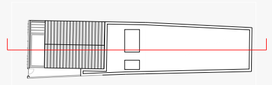
Planta Piso 1

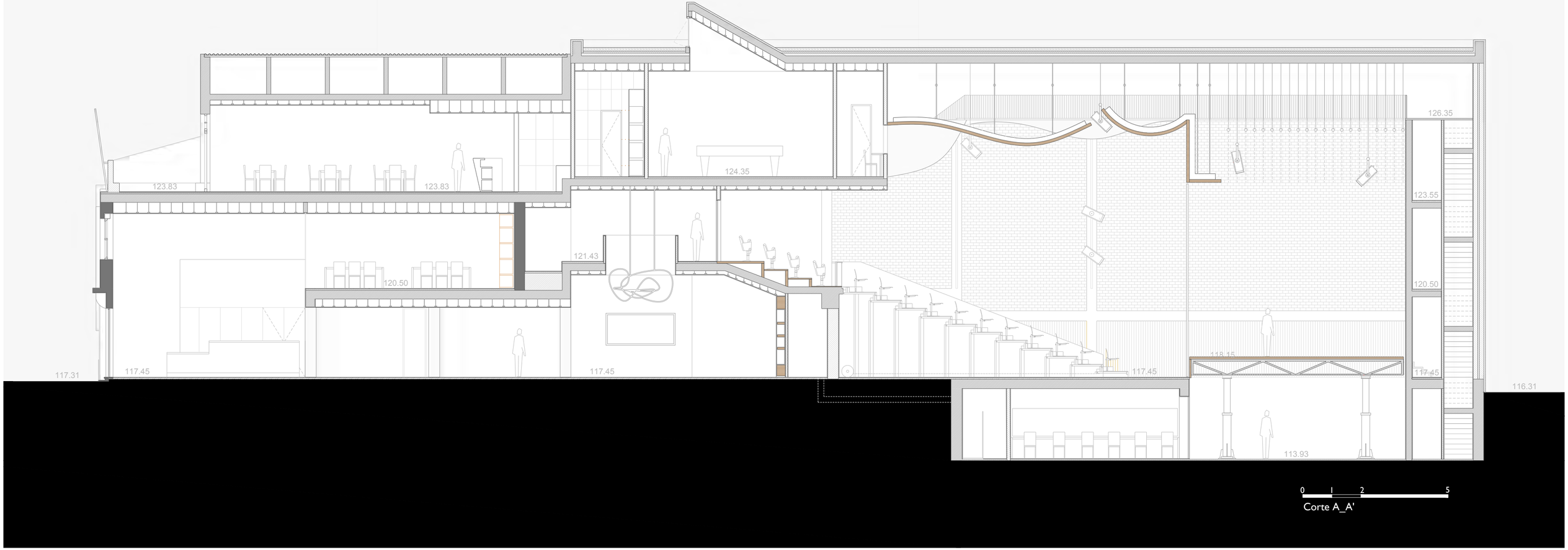




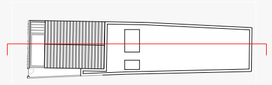
0 1 2 5

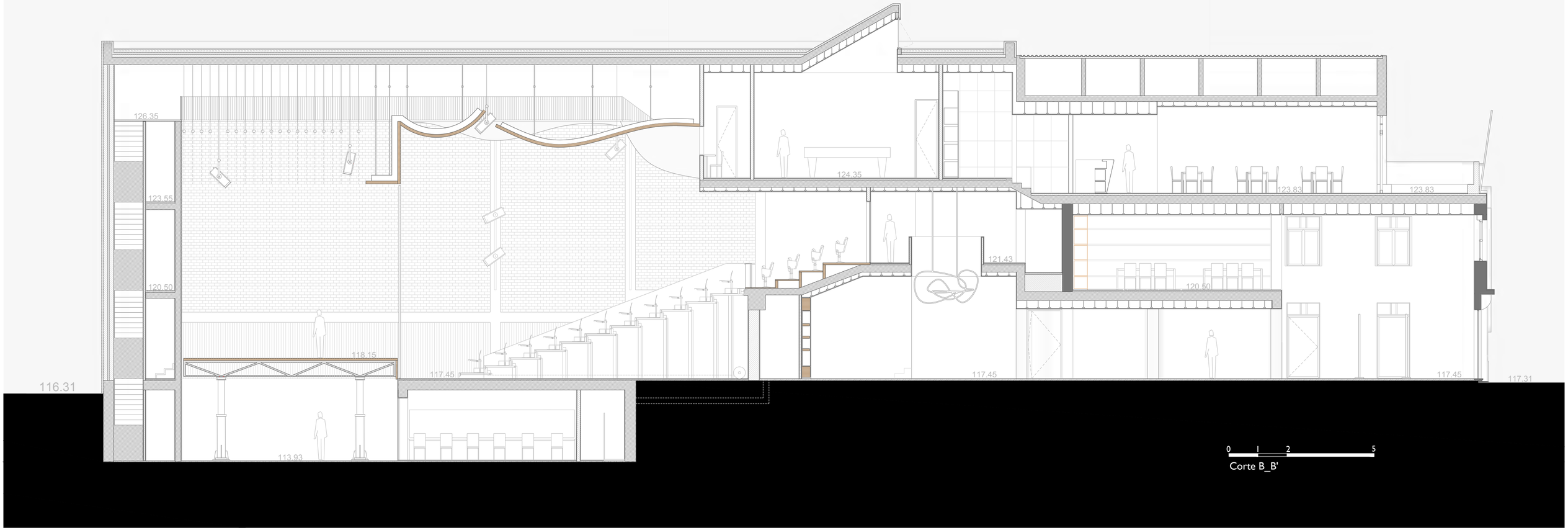
Alçado Fachada Principal



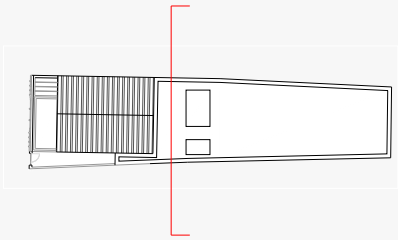

126.35
123.55
120.50
117.45
116.31
124.35
123.83
123.83
121.43
120.50
117.31
117.45
117.45
118.15
117.45
113.93
0
1
2
5

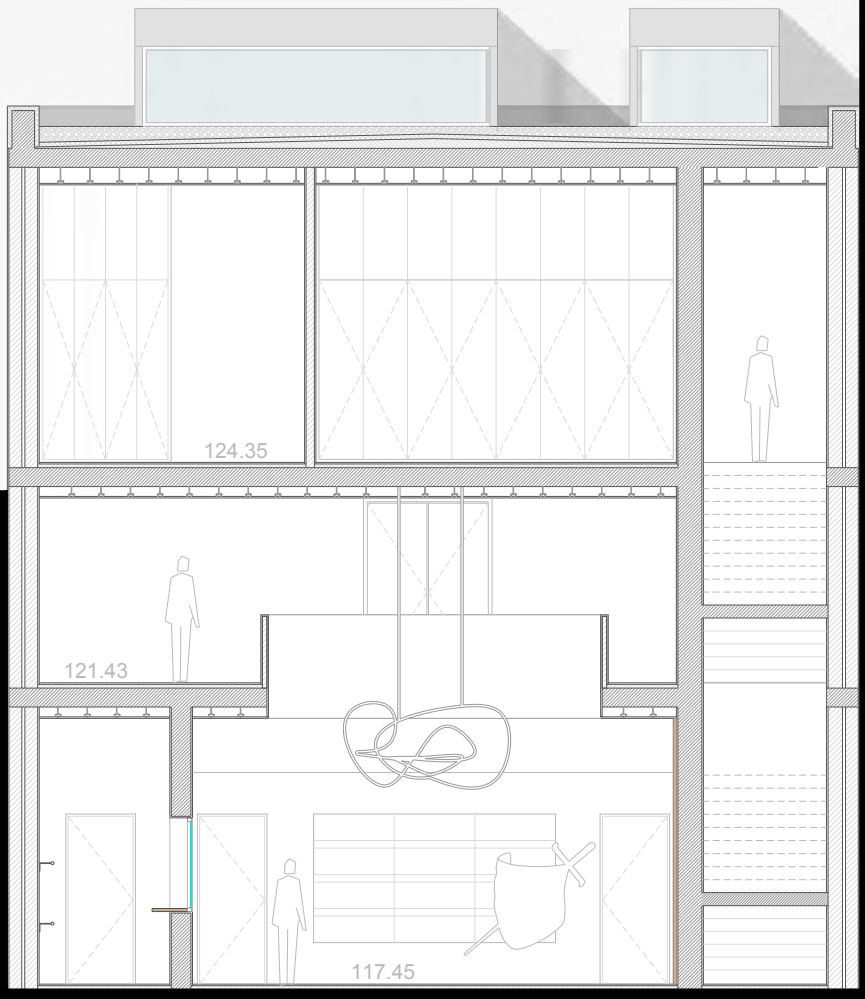
Corte A_A'




126.35
123.55
120.50
118.15
117.45
113.93
116.31
124.35
121.43
117.45
123.83
123.83
120.50
117.45
117.31
0
1
2
5

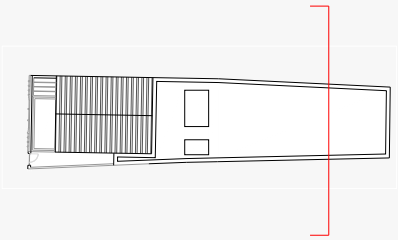
Corte B_B'

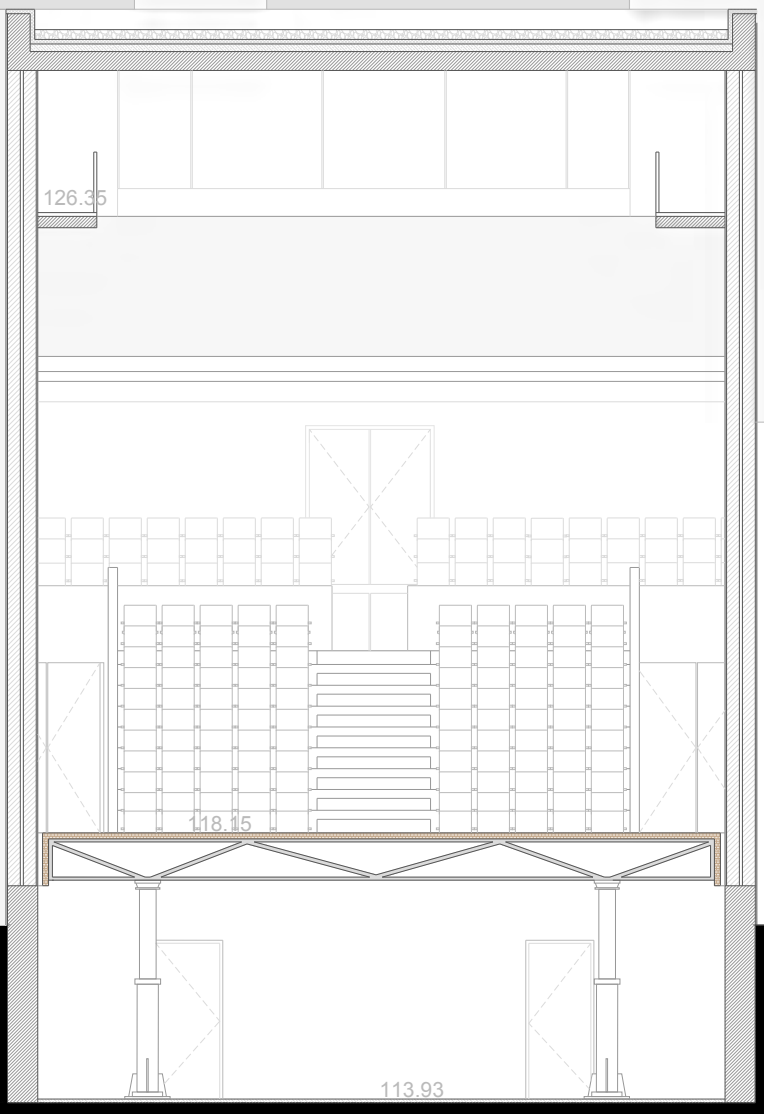




0 1 2 5

Corte C_C'





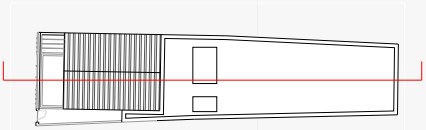
0 1 2 5

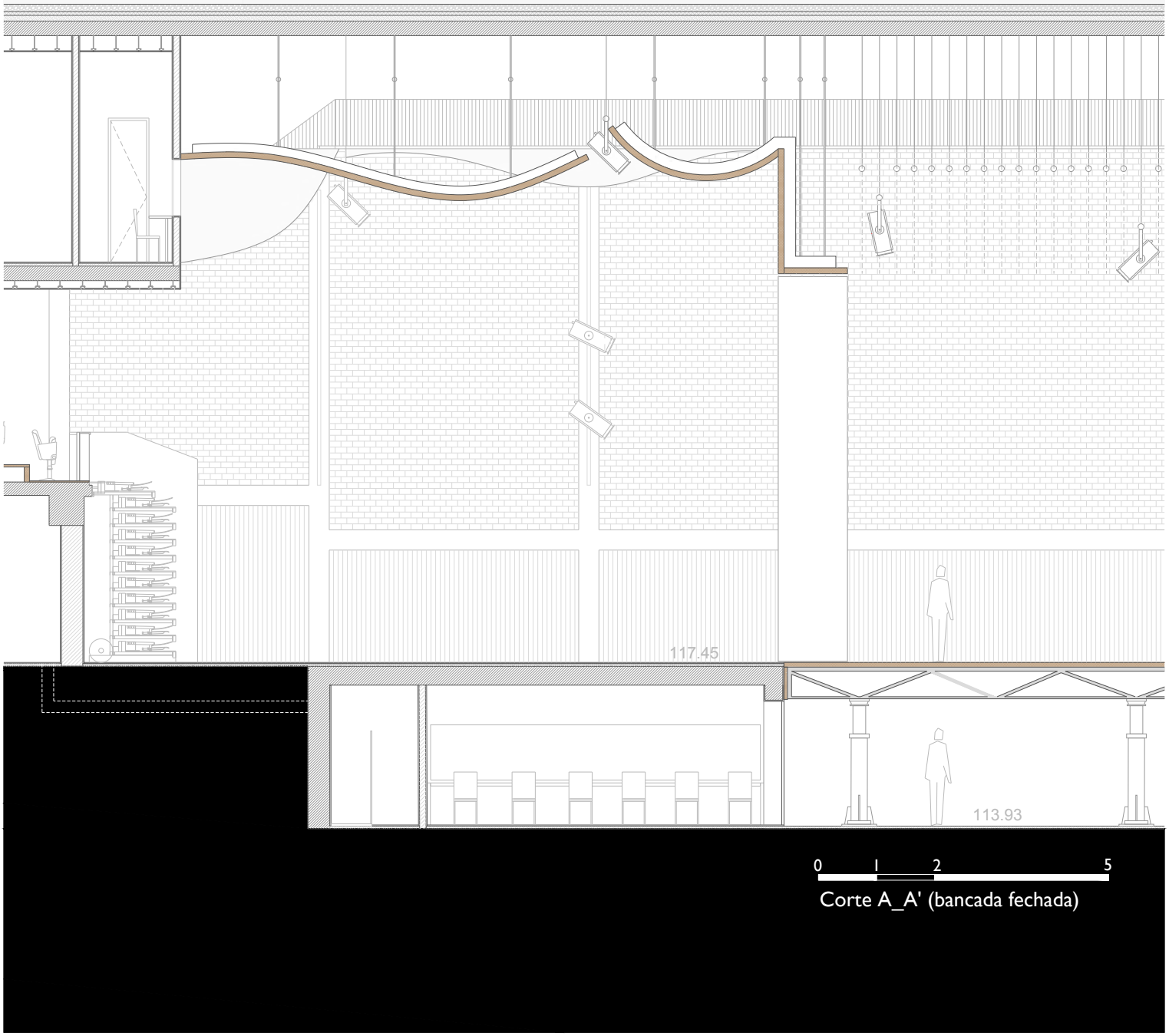
Corte D_D'



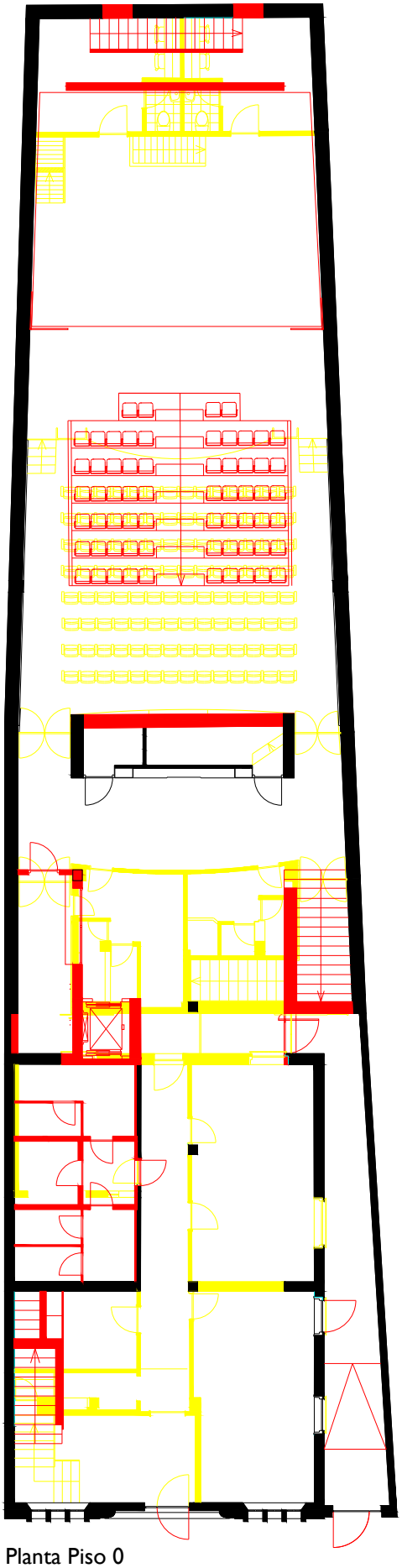
0 1 2 5

Corte E_E'

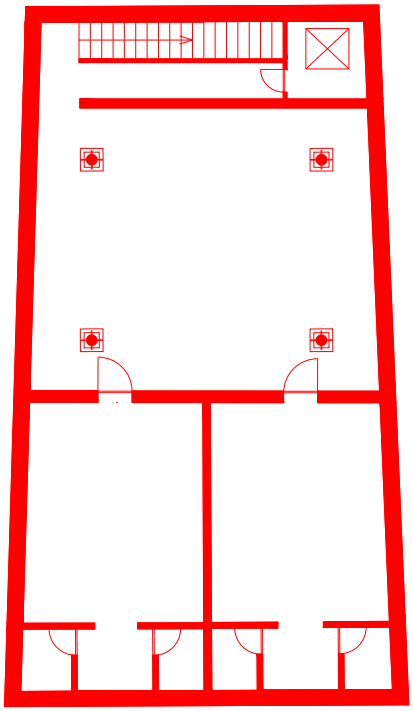




Corte A_A' (bancada fechada)



Planta Piso 0



Planta Piso -1

Legenda:

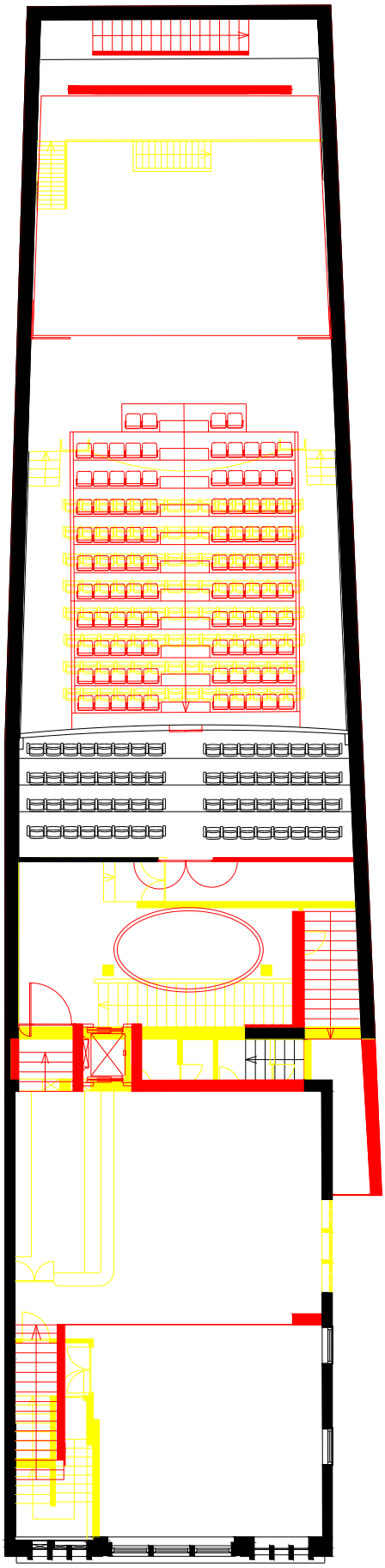
Estrutura a manter

Estrutura de demolir

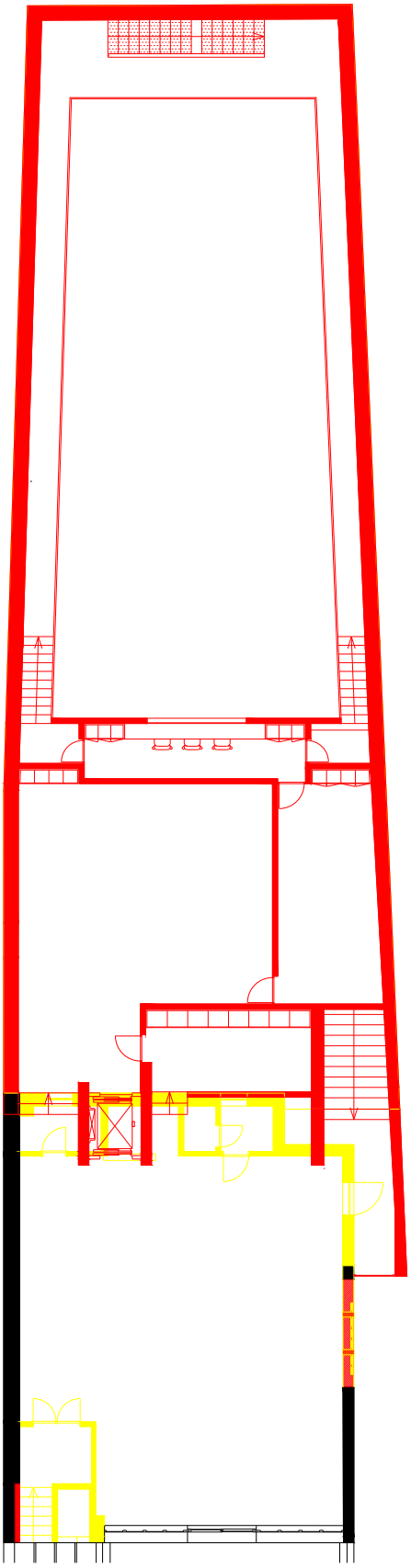
Estrutura a construir

0 1 2 5 10

N



Planta Piso 1



Planta Piso 2

0 1 2 5 10

N

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. ***Arqueologia e recuperação dos espaços teatrais***, Lisboa, Acarte, Outubro de 1991.

AA.VV. ***Rio Tinto: Apontamentos monográficos***, Rio Tinto: Edição da Junta de Freguesia de Rio Tinto, 1999.

A la recherche du temps perdu, JA nº213, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2003.

CARNEIRO, Luís. ***Teatros portugueses de raíz italiana***, Porto: FAUP, 2002.

CHOAY, Françoise. ***As questões do património: Antologia para um combate***, Lisboa: Edições 70, 2011.

DAL CO, Francesco. ***Tadao Ando: Complete Woroks***, Londres: Phaidon, 1996.

GRIMAL, Pierre. ***O Teatro antigo***, Lisboa: Edições 70, 1978.

ISC20C, & ICOMOS. ***Criterios de Intervención en el Patrimonio Arquitectónico del Siglo XX***, Madrid, 2011.

LOPES, Diogo Seixas. ***Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi***, Lisboa: Orfeu Negro, 2016.

RIEG, Alois. ***O Culto Moderno dos Monumentos e outros ensaios estéticos***, Lisboa: Edições 70, 2013.

ROSSI, Aldo. ***La arquitectura de la ciudad***, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2015.

RUSKIN, John. ***The Seven Lamps of Architecture***, Kent: George Allen, 1880.

SILVA, Susana Constantino. ***Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927 1959] Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo***, Almedina, 2015.

SOLMER, Antonino. ***Manual de Teatro***, Lisboa: Cadernos Contracena e Temas de Debates, 2017.

TAVORA, Fernando. ***Da Organização do espaço***, Porto: FAUP Publicações, 1999.

Viegas, José. "Implicações democráticas das associações voluntárias", in ***Sociologia, Problemas e Práticas***, Lisboa: CIES-ISCTE / CELTA, 2004.

VIEIRA, Álvaro Siza. ***Textos 01***, Porto: Civilização Editora, 2009.

VIEIRA, Álvaro Siza. ***Imaginar a Evidência***, Lisboa: Edições 70, 2000.

TESES DE MESTRADO:

COSTA, Maria. ***Análise programática para a reabilitação de uma ruína. O Cine-Teatro de Santo Tirso***, Dissertação de Mestrado, FAUP, 2017.

MONTEIRO, Ana Mafalda. ***Cineteatro Vitória. Porto. Portugal***, Dissertação de Mestrado, FAUP, 2017.

NICOLAU, Francisco. ***Fortaleza de Peniche. O monumento e o tempo: um projeto de recuperação.***Dissertação de Mestrado, FAUP, 2017.

SANTIAGO, Nuno. ***A ruína contemporaneidade: valorização, preservação e projeto***, Dissertação de Mestrado, FAUP, 2015.

SOARES, Adriana Duarte. ***Intervir na memória. Repensar o futuro de um edifício cultural em Ovar.*** Dissertação de Mestrado, FAUP, 2020.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS:

60 ANOS DE VIDA - Recordando o passado, apostando no futuro - Edição comemorativa dos 60 anos do GDBRT, 1996.

Aprender a ver - entrevista com Álvaro Siza - Revista dos antigos alunos da Universidade do Porto, nº9, 2003.

Arquitectura Ibérica nº 5, Reabilitação, Caleidoscópio, 2004

Arquitectura Ibérica nº12, Reabilitação, Caleidoscópio, 2006

Arquitectura Ibérica nº19, Reabilitação, Caleidoscópio, 2007

Rio Tinto - Junta de Freguesia de Rio Tinto, 2019

DOCUMENTOS:

Carta de Cracóvia sobre os princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído de 2000.

Atas do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto

JORNAIS:

Comércio de Gondomar - 1971

Comércio de Gondomar -1975

Diário de Lisboa - 1974

Jornal de Notícias - 1974

Jornal de Notícias - 1976

O Comércio do Porto - 1974

O Século - 1974

República - 1974

Voz Portucalense - 1974

ENTREVISTAS/ COLÓQUIOS:

- Estado Novo e a Arquitetura:

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-estado-novo-e-a-arquitectura/

- Colóquio Internacional Espaço e Sociedade: Conhecer intensamente... notas sobre a relação entre arquitetura e sociologia:

TVU. - 5 - ESPAÇO E SOCIEDADE - Luís Carneiro (up.pt)

- A Reabilitação de Edifícios Antigos:

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-reabilitacao-de-edificios-antigos/

- Smiljan Radic sobre Teatro Regional del Bio Bio:

https://www.youtube.com/watch?v=o_V622Kxvq8

WEBSITES:

https://associativismo.cm-gondomar.pt/associacoes/associacoes-de-a-z

https://www.cm-gondomar.pt

http://educacaoartistica.dge.mec.pt/teatro-glossario.html

https://archtrends.com/blog/teatros-mais-famosos-do-mundo/

http://joseromanoarquitectos.com.pt/projectos/S%20%20luiz.htm
https://www.portuguesematters.com/blog/2016/9/13/teatro-auditorio-llinars-del-valles
https://www.archdaily.com.br/br/781593/teatro-auditorio-de-llinars-del-valles-alvaro-siza-vieira--plus-aresta-plus-gop?ad_medium=gallery
https://www.teatrosaoluiz.pt
https://cm-cinfaes.pt
https://elpais.com/diario/2011/07/24/eps/1311488814_850215.html
https://omirante.pt/semanario/2017-06-01/tres-dimensoes/2017-05-31-A-sociedade-esta-mais-individualista-e-isso-prejudica-o-associativismo
https://www.cm-matosinhos.pt
http://gisaweb.cm-porto.pt

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

Fig. 1 - Fotografia consultada no Livro: ***Rio Tinto*** - Junta de Freguesia de Rio Tinto, 2019, pág. 21.

Fig. 2.- Montagem com fotografias aéreas dos voos de 1939 disponíveis em: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?creator=&order_by=TITLE&q=gondomar

Fig. 3. - Fotografia consultada no Livro: AA.VV., ***Rio Tinto: Apontamentos monográficos***, Edição da Junta de Freguesia de Rio Tinto, 1999, Vol.I, pág 25.

Fig. 4 - Fotografia do site "Rio Tinto em imagens" disponível em: https://www.facebook.com/Riotintoemimagens/photos/3232191116902229

Fig 5- Fotografia consultada no Livro: AA.VV., ***Rio Tinto: Apontamentos monográficos***, Edição da Junta de Freguesia de Rio Tinto, 1999, Vol.II, pág 11.

Fig. 6 - Planta da Cidade do Porto e Concelhos Vizinhos, com base em cobertura fotográfica de 1978, da responsabilidade da Direção Geral de Planeamento Urbanístico, disponível em: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/638863/

Fig. 7 e 8 - Fotografia consultada no Livro: AA.VV., ***Rio Tinto: Apontamentos monográficos***, Edição da Junta de Freguesia de Rio Tinto, 1999, Vol.I, pág 214.

Fig. 9 - Fotografia fornecida pela direção do GDBRT.

Fig. 10 - Fotografia do livro de Atas do GDBRT - Ata nº 56 (15/09/1938)

Fig.11 - Fotografia fornecida pela direção do GDBR

Fig. 12, 13 e 14 - Recortes de Jornais fornecidos por um antigo dirigente do GDBRT - Carlos Duarte Magalhães

Fig. 15 - Fotografia consultada na revista: ***60 ANOS DE VIDA - Recordando o passado, apostando no futuro*** - Edição comemorativa dos 60 anos do GDBRT, 1996, pág. 11.

Fig. 20 - Planta encontrada nas instalações do GDBRT.

Fig. 25 - Planta fornecida pela CMG - projeto de 1960.

Fig. 30 - Planta encontrada nas instalações do GDBRT.

Fig. 31 - Fotografia consultada na revista: ***60 ANOS DE VIDA - Recordando o passado, apostando no futuro*** - Edição comemorativa dos 60 anos do GDBRT, 1996, pág. 4.

Fig. 32 e 33 - Fotografias fornecidas pela direção do GDBRT.

Fig. 34 - Perspetiva encontrada num projeto nas instalações do GDBRT.

Fig. 42 e 43- Fotografias fornecida pela direção do GDBRT.

Fig. 44, 45 e 47 - Projeto consultado nas instalações do GDBRT.

Fig. 48 - Fotografia fornecida pela direção do GDBRT.

Fig. 51- Fotografia consultada no Livro: ***Rio Tinto*** - Junta de Freguesia de Rio Tinto, 2019, pág. 7.

Fig. 52 - Mapa da linha do metro disponível em: https://moovitapp.com/index/pt/transportes_públicos-line-F-Porto-1904-1437199-7969275-0

Fig. 53 - Mapa de Rio Tinto, disponível em: https://www.google.com/maps/place/Dramatic+Group+E+Benefit+From+Rio+Tinto/@41.1725754,-8.5490334,17z/data=!4m5!3m4!1s0xd2463a2dd21e541:0xe1725b935fcd14f!8m2!3d41.1728836!4d-8.5479488

Fig. 95, 96, 97, 98 - Desenhos cedidos pelo Arquiteto José Romano.

Fig. 99, 100 e 101 - Fotografias da autoria de Estelle Valente, consultadas em: https://www.teatrosaoluiz.pt/cedencias-de-espaco/

Fig. 102 - Fotografia cedida pelo Arquiteto José Romano.

Fig. 103 - 113 - Desenhos e fotografias cedidos pelo Atelier 15.

Fig. 114 - 120 - Desenhos e fotografias cedidos pelos Arquitetos Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro

Fig. 121 - 124 - Desenhos e fotografias disponíveis no site ARCHDAILY: https://www.archdaily.com.br/br/790209/teatro-auditorio-de-llinars-del-valles-pelas-lentes-de-fernando-guerra?ad_medium=office_landing&ad_name=article

ANEXOS

Expliquei que se trata de um trabalho no contexto académico, que não há compromissos nem obrigações e que gostava que respondessem às perguntas sem pensar em orçamentos, mas pensando num projeto "ideal".

É de interesse da Direção receber um ensaio de um novo projeto para o edifício do Grupo?

- Óbvio que sim, todos os projetos são sempre bem-vindos e bem recebidos.

Que expetativas têm em relação ao novo projeto das instalações do Grupo?

- Muitas e elevadas. Temos as expetativas elevadas.
- De vários tipos. Curiosidade para ver a proposta para a reabilitação, que tipo de reabilitação, até onde, de que forma e também, obviamente, estimativas do que uma reabilitação poderá implicar a nível de custos.

Que tipo de público é que servem agora?

- O público que servimos agora são, basicamente, pessoas na sua maioria acima dos 50 ou 60 anos, 90% dos sócios são acima dessa idade (quase 400 sócios). Esse é o público que frequenta as nossas instalações diariamente, depois temos outro público que tem uma idade inferior, mas servem-se apenas das nossas instalações e não são pessoas que pertencem ao Dramático.

Que tipo de público pretendem servir com as novas infraestruturas?

- Putos.
- O mais abrangente possível. O objetivo seria ter público de todas as idades. O Dramático é para servir a população, não é para servir determinada idade.
- Diria mais jovem, para existir a "renovação" de sócios.

Para além do teatro, que outras atividades suportam?

- Neste momento, além do teatro temos o bilhar. Duas ou três equipas de bilhar. Os jogos como as cartas, são atividades lúdicas, passatempos.
- São atividades que os sócios fazem todos os dias, não é nada institucionalizado.
- E temos um protocolo com um grupo de dança.

Das várias atividades que disponibilizam, cada uma precisa de uma sala independente? Funciona tudo ao mesmo tempo? Ou podem existir salas polivalentes?

- Das atividades que temos: o teatro funciona no teatro e o bilhar funciona no salão social, essas são as que temos. Não sendo necessário existirem salas independentes. Agora, logicamente, no pressuposto de um projeto novo, eu gostaria que o Dramático pudesse ter, por exemplo, um salão de jogos separado do salão social. Um salão de competição, podendo envolver bilhar e outras atividades separadas de um salão social. Se isso puder existir, basicamente é isto.

Que atividades pretendem suportar e dinamizar com o auxílio das novas infraestruturas?

- Dentro das nossas instalações novas atividades. Dentro do nosso espaço físico, digamos assim, não podemos adquirir novas atividades a menos que seja, tipo, um ping-pong... quando muito podemos ter xadrez, damas... jogos de tabuleiro. Mais do que isso, dentro do que temos, não é possível.

Pensando que poderiam ter um projeto novo e que poderiam ter outro tipo de atividades, que atividades poderiam ser do vosso interesse para a associação?

- A nível desportivo, poderíamos ir para outro tipo de atividade, mas precisávamos de pavilhão que não temos e o nosso espaço não comporta isso. Não há hipótese de construir. Neste espaço, pelo menos.
- Só uma pergunta: o teto do teatro é mais baixo, mais alto?
- Deve andar para aí a meio disto, mais ou menos.
- Mas fazer um piso em cima daquilo? Não quer dizer que não fosse possível, podia ser...
- Sim. Acho que aquilo anda ali um metro... um metro e qualquer coisa acima do primeiro andar.
- Imagina que se podia fazer aí uma ligação, percebes a ideia?
- É uma pergunta pertinente. Para um projeto é uma pergunta pertinente, que é, basicamente utilizarmos aquela área toda que temos ali.
- Acho que isto tem o tamanho de dois pisos e mais um metro e qualquer coisa para trás. Eu acho que quando isto só tinha o primeiro andar, o teatro era mais alto. Pouco mas era.
- Mais alto?
- O telhado do teatro é mais alto do que o piso de cá.
- Por isso é que eu estou a dizer que agora deve ser maior este.
- Mas é a cobertura, percebes? Eu acredito que o teto da laje da parte de cima do teatro deve estar mais ou menos ao nível da laje daqui. Só que depois tem a cobertura falsa. Aliás, deve estar mesmo porque entrando naquela parte, mesmo no início sobes as escadas e tens outro piso.

- Deve ser mais ou menos ao nível do piso de baixo, percebes?
- São dois pisos normais. Depois no palco é que ele baixa.
- E aí sim. Aí poderia ser uma hipótese porque, apesar de não ser do espaço de um pavilhão. Mas podíamos dentro desse espaço, criar modalidades, não é? Criar modalidades desportivas.
- Podíamos ter lá a dança e aqui ter outro tipo de situação, não é? Neste momento aqui funciona a dança e festas.
- A minha ideia é que, este espaço não pode nunca ser para alugar para festas ou para alugar para a dança. Isto está neste momento assim, acho que está subvalorizado, porém enquanto não tivermos outra coisa para fazer, pronto, assim será.
- Está-se a fazer o melhor aproveitamento.
- Agora, nós a dança podemos perfeitamente passá-la para o palco, porque à hora que a dança se faz aqui, o palco está sempre praticamente sempre vago, e, portanto, as festas não podem acontecer.
- Sim. Se houvesse a possibilidade de uma sala superior com o acesso sem ser pelo teatro, talvez.
- Mas estás a perceber? O acesso até poderia ser por aqui.
- Exatamente.
- Uma sala onde não houvesse necessidade de ligar as luzes todas do teatro. Uma sala como esta, um pouco maior se calhar e esta ficar para outra coisa qualquer, ou seja, um acesso que o pessoal da dança pudesse utilizar.
- Eu nem sei, mas tu tens acesso à área que tem aquele espaço, certo?
- Tenho.
- Eu estou a fazer esta pergunta porquê: porque tu até podes contemplar isso no projeto, na possibilidade de abrir uma candidatura que a gente possa concorrer em que eles suportem grande parte desse custo porque eles, por norma, nas coletividades cobrem 75 ou 85% do custo total. É uma coisa que se calhar se podia pensar, por exemplo, percebes?
- Só se houver já um projeto.
- Juntamente com um apoio de camarário, uma mobilização.
- Com os sócios podíamos contar de certeza. Isso aí...
- O aumento da sala, lá está, é o que ele estava a dizer. Eu por acaso quando pensei nisso, e pensei noutras coisas, não é? Eu não falei com ninguém sobre isso.
- Mas pensas, podes dizer.
- Porque é assim: o Dramático, aliás, a população que frequenta o Dramático tem muitos idosos. Era ter um conceito tipo um “lar de dia”, estão a ver? Onde pudesse ter atividades programadas para eles fazerem, não é só os que vêm jogar cartas, porque tem as mulheres que estão em casa fechadas enquanto eles vêm, percebem a ideia?

- E essa parte podia ser no rés-do-chão, porque para esses tipos de pessoas, se tem essas dificuldades, não tem que andar a subir escadas.

Que elementos devem permanecer intactos e inalteráveis (devido ao seu valor histórico) e quais podem ser alterados?

- O teatro, do teatro não abdicamos.
- Eu tenho uma ideia e isto já é uma ideia própria, não tem a ver com o Dramático, tem a ver com tudo o que eu acho que deve ser feito, se calhar até um bocadinho por causa da minha profissão. Acho que, quando nós estamos a mexer num edifício qualquer que tem história, nós não devemos apagá-la totalmente. Nós devemos e podemos modificar, mas deixando traços da história para que daqui a 50 anos as pessoas tenham alguma ideia do que foi feito.
- Mas a ideia é essa, a ideia não é deitar tudo abaixo e construir de novo.
- Daí eu achar que o Dramático pode até envolver-se numa remodelação, numa modernização, etc., num projeto mais arrojado, porém há coisas que se devem manter, em termos estruturais, por exemplo, a forma como ele está desenhado.
- A boca de cena, a fachada, os azulejos...
- Mesmo as duas paredes laterais, eu gosto imenso da transição da madeira para o tijolo. Agora pode ser tudo tratado, mas eu gosto e acho que faz parte. Se tu puseres ali um outro tipo de parede mudas completamente a sala. São esse tipo de coisas. Agora, podemos até esticar o balcão mais acima das cadeiras da plateia.
- Esta porta que divide o corredor, há aqui algumas coisas que são para manter. Depois, há outras coisas, por exemplo, esta parede lateral, não quero saber se ela é amarela, verde, se vai ter mais portas ou não sei o quê. Agora, há coisas que não. As paredes interiores, por exemplo, não me importam nada se tem aquelas divisões ou se tem as divisões de outra maneira. Basicamente, para mim, o importante mesmo é: a fachada principal do Dramático, acho que tem que ser mantida, no teatro, as duas paredes laterais e a boca de cena também devem ser mantidas. Podemos remodelar, mas essa imagem deve-se manter. A partir daí, criatividade...

Qual é a vossa opinião de voltar a ter uma biblioteca nas instalações como outrora tiveram? Achavam importante?

- É uma das nossas prioridades. A biblioteca pode fundir-se com uma sala-museu de troféus.
- Nem que seja para ajudar os miúdos como uma sala de estudo.
- Também era uma forma de trazer os mais novos às instalações.
- Era uma coisa que se podia pensar: arranjar aí uma forma, uma parceria, falar com a Junta. É uma forma de trazer para aí os miúdos e começar a fazer com que eles entrem, organizar uma

semana de férias ou quê, que por norma os pais têm dificuldade em encaixar os miúdos em algum lado.

- Ocupar os tempos livres deles.

- Fazer umas atividades do género de uma "Universidade Júnior".

- Também é uma opção. É uma boa opção para dinamizar os espaços.

- Sim, ao fim ao cabo nós temos de dotar o edifício de um espaço que pudesse depois servir para esse tipo de evento. Isso também é uma questão que podes depois pensar bem, era arranjar um espaço que pode ser mais ou menos dinâmico.

- Uma sala polivalente?

- Isso, uma sala polivalente, porque de um momento para o outro é uma sala de estudo, depois passa a ser uma sala onde podemos fazer ali quase um "Congresso", uma coisa que pode ser uma sala onde se pode dar formação.

- Isso é outra dinâmica que se pode começar aqui a trabalhar, também.

- Isso seria uma sala polivalente.

Achavam bem que houvesse um elevador? Faz falta?

- Eu acho que sim. Temos muitas pessoas mais velhas.

- Tendo em conta o público que frequenta atualmente...

- Mesmo passando as atividades para baixo? Acham que se justifica?

- Sim, justifica-se.

- Imagina que até se consegue porque eles não podem ficar inibidos de vir a qualquer outra hora.

- Usufruir das instalações quando quiserem. Os focos têm que ser eles, são eles os utentes.

- Os fados são cá em cima, se calhar alguns têm dificuldade em subir.

- Mesmo que a gente altere estas coisas todas e os fados pudessem passar até a ser em baixo, há sempre coisas que podemos ter que fazer em cima e que as pessoas têm o direito de poder vir.

- Evidente.

- E até servia para transportar outras coisas. Mesmo as pessoas novas não têm que andar com uma caixa ou duas caixas a subir dois andares.

- Mas repara: para dar aquela perspetiva de inclusão (quer a pessoas de idade, quer a pessoas com deficiências e tudo), um elevador era fundamental porque isto tem dois pisos, certo?

- Sim.

- Quer dizer, nós estamos a falar das pessoas de idade, mas um jovem de cadeira de rodas, nem entra ali, ou seja, estás a ver que isto tem tudo de ser repensado a esse nível, não é? Cada vez mais se tem que pensar em tornar o edifício inclusivo.

As instalações devem ser separadas por sexos? E casa de banho para deficientes?

- Não temos casas de banho para deficientes. Mas as casas de banho têm que continuar a ser separadas por sexos, sim.

- Embora, neste momento, isto seja uma associação quase exclusiva para homens, sendo 90% ou mais homens.

- Sim, mas eu acho que faz sentido. Aliás, porque o objetivo disto é que cada vez mais isto deixe de ser uma associação para homens e que passe a ser uma associação para pessoas.

- Para quem quiser cá vir. Se vierem mulheres podem ir onde quiserem. Isto é para todos.

Do ponto de vista de segurança, acham que cumprem os requisitos necessários para este tipo de edifícios?

- Nem é bom pensar.

- Não tem detetores de fumo, por exemplo, não tem...

- Ao nível da segurança, não há projeto, pronto.

Existe um espaço próprio para fumadores? Onde fumam? Falta um espaço exterior para fumar?

- Fuma-se maioritariamente no primeiro piso, mas isso é para acabar. Nem sequer quero que o projeto inclua isso, porque isso é para acabar. Falta um espaço exterior próprio para tal e vai ser criado.

- Principalmente, na parte social, no salão (sendo ele ali ou noutra parte qualquer, não interessa, ele continuará a existir).

- Tem que ser obrigatoriamente exterior?

- Pode ser interior, mas tem que ser totalmente separada, embora o ideal era que fosse exterior.

- Mas já agora, isso é permitido? Fazer áreas para fumadores?

- Interior? Se for fechada, sim, mas tem que ser completamente separada das outras áreas e usam os extratores.

- Pois, mas a ideia que se tem é que vai acabar isso de fumar em recintos fechados. Vamos é arranjar uma forma em que eles possam fumar lá fora.

Tem aquecimento nas instalações? Como é nos meses mais frios e mais quentes?

- Há ar condicionado.

- Ar condicionado? Em todo o lado?

- Não. Só no salão social. E no teatro.

- E funciona bem?

- No salão social funciona bem. Ele estando ligado funciona bem. No teatro não funciona...
- Aquilo não está pensado da melhor maneira.
- Ele funciona bem. O problema é que nós temos que manter as portas abertas.
- Exatamente, o problema é que a área é muito grande. Abres as portas, o ar circula e acaba por arrefecer.

Recebem muitas pessoas de fora? É preciso uma secretaria/receção ou a sala da direção é suficiente?

- Sim, neste momento acho que a sala da direção chega.
- Como está, não.
- Mas se chegarmos a esse patamar, a esse ponto, do centro de dia, atividades... claro que não.

O que precisam na parte administrativa?

- Penso que a sala da direção, a nível administrativo, é suficiente. Não é?
- Ela está a falar no seguinte: imagina que vamos pôr as coisas no tal patamar de isto evoluir para algo mais elaborado, a sala da direção não vai ser lá, onde, posteriormente vai estar outra pessoa que até é exterior à direção.
- À direção... a funcionar. Poderia ser um espaço mais...
- Ao ter uma secretaria, na sala de direção poderia haver só uma mesa de reuniões e uma secretária. Porque também estamos a pensar em tirar dali grande parte dos troféus. Dá logo uma sensação de espaço um bocadinho diferente. E para uma sala de direção, é grande.
- Mas essa situação não seria também normal e mais acessível? Ou seja, não lá dentro na sala da direção, não vais criar uma secretaria assim.
- Claro que não, claro que não, é assim essa secretaria pode envolver logo um género de um escritório, um espaço onde se faça serviços administrativos e assim.
- Exatamente, que até pode ser a mesma pessoa, mas mesmo que não seja a mesma pessoa, faça a receção e, ao mesmo tempo, o espaço pode ser o mesmo, não é?
- Sim, sim.
- Em vez de ser só um balcão de atendimento. Eu penso que, a criar, será uma coisa maior para ter ali, talvez uma secretaria, com umas secretárias, uns armários, umas mesas para poder pousar o material de informática, essas coisas todas.

E gabinete médico? Irão precisar?

- Gabinete médico, que também já tivemos, ainda temos aí alguns aparelhos... Mas se era útil?

Sim, acho que sim. Lá está, estamos a falar num projeto de conceber algo diferente do que o que está instituído, não é? Ora, se tivéssemos aqui os miúdos a praticar alguma atividade tinha interesse ou o centro de dia, faz todo o sentido.

No teatro para quantas pessoas existe lugar? Eles chegam? Quantos lugares gostavam de ter, pensando que acima de 200, as exigências de segurança são muito maiores?

- Neste momento tem lugar para 176 pessoas.
- Se conseguisses, pelo menos, até 200, era interessante. Porque é assim, não temos mais hipóteses de pôr ali mais gente. Existindo o projeto, nós depois até podemos pegar nele e executá-lo na totalidade, tal como podemos pegar nele, reformulá-lo parcialmente e dizer "Esta parte não vamos mexer, mas daqui para trás, ou daqui para a frente… podemos alterar". A ideia era esta: aproveitar o projeto, embora não pensando em custos neste momento e, posteriormente, podemos adaptá-lo de forma que se tornasse exequível.

O que é que pensam em relação à entrada do teatro?

- Horrível. Eu penso que é horrível. Acho que provavelmente é a pior coisa que o Dramático tem.
- Não dignifica, de todo, o teatro?
- Não, de maneira nenhuma.
- Se a entrada, por exemplo, fosse aqui pelo meio, era muito mais digna do que a dali.
- Eu até acho que se tivesse um telhado assim, ficava bonito ali ao lado. Percebes? Ficava logo assim uma entrada com outro aspeto, acho que ficava engraçado.
- Aquilo parece como se fosse uma saída de emergência. Agora ali tem aquela porta mais direitinha, já é diferente, mas antigamente aquilo era um portão, quem não conhecesse não dizia que tinha ali um teatro. Até porque, em tempos, já houve até um projeto que tinha aqui uma coisa diferente: uma torre gigante.
- Aquilo era para dar ênfase à entrada. Não era para mais nada.
- "Não era para mais nada" não. Agora não ia ser possível, mas "não era para mais nada" não, porque é assim, tu tendo ali uma torre, ou qualquer coisa alta, para fazer publicidade a uma peça, por exemplo, tu punhas ali.
- Sim, tinha o andar normal e depois a torre vinha para aí até esta altura. Era outro tanto. Estás a ver? Até onde ia o Dramático, outro tanto para cima, mas era uma coisa bem desenhada, engraçada até.
- Porque o grande problema, e o que o pessoal acha muito feio, é a questão de ter que ficar à espera ou lá fora ou aqui no corredor, se estiver a chover ou frio, não há espaço para abrigar as pessoas. Não há uma receção.

- Isto aqui no meio também pode funcionar como uma espécie de segunda entrada, para os artistas ou qualquer coisa.

- Já me foi dada assim uma opinião, de quem não conhece o Dramático de maneira nenhuma e só veio ao teatro uma ou duas vezes, que é: isto faria muito mais sentido, ou seria muito mais uma coletividade virada para o teatro, se a entrada fosse aquela. A entrada do teatro é por ali, independentemente de como ela é feita, mas quem vê de lá de fora, aquilo é o teatro. Será o Dramático e será o teatro. E para quem está de fora, se calhar identificará mais facilmente o próprio Dramático como uma sala onde há teatro do que pela lateral. Outra vertente que eu acho que também tem a sua imponência é: existe uma coletividade e existe uma entrada em condições para o teatro, que é uma porta independente, que neste momento até já tem alguma dignidade, no entanto continua a ser uma zona de proibição de estacionamento, que está toda amarela, é só isso.

- As pessoas, a partir do momento em que entram nesta porta que diz "Auditório", sentem que já estão a entrar no auditório. O chão já será outro porque está coberto, não precisa de ser em cimento, já se pode pôr outra coisa, a dignidade é outra. Só tem é uma desvantagem: aquelas salas interiores deixam de ter a luz. Não é que seja muita, mas tem uma janela e tem uma saída.

- Poderia pôr qualquer coisa transparente, não é? Não sei.

- As janelas podem-se manter, mas vão dar àquele sítio já fechado.

- Cada sala tem ali duas janelas. A tal situação será a biblioteca, será a direção ou outros espaços que se irão aproveitar deixa de ter luz e ar, é preciso pensar nisso.

- Para mim, se fosse possível, aliás, esta foi sempre a minha primeira ideia, já a comentei com alguns de vocês, que era: a entrada do teatro ser pela porta principal do Dramático, que fosse por aqui fora, e este espaço todo aberto... fosse esse o espaço dinâmico. Ou seja, nós teatro, admitindo que conseguíamos criar mais dinâmica: sempre uma ou duas vez por semana, no máximo, à noite, ou ao fim de semana. E é nessa altura que aquilo vai servir como uma sala, como uma passagem para o teatro. Aquilo é um espaço aberto na mesma, onde pode ser criado, ali, "n" coisas. O que eu digo pode ser a tal sala dinâmica que pode, de um momento para o outro, ser uma sala de estudo, depois passa a ser um sítio para dança, para karaté... pronto, e, quando é entrada para o teatro, é entrada para o teatro. Podem ser introduzidos biombos, podem ser criadas coisas interessantes. A ideia era, basicamente, demolir aquilo.

- E podes?

- As paredes podem sempre, têm é que se criar pilares e vigas a segurar. Isso pode. Não se pode deitar abaixo à toa, mas pode-se reforçar de outra forma.

- É que isto é tão antigo...

- Não, não é antigo. As lajes são modernas.

- Mas, se calhar, porque não pensar em fazer ali a entrada pelo meio? Fazia-se ao contrário.

- Por exemplo, a sala polivalente...

- A sala ganhava muito.

- A sala polivalente ali e a saída de emergência pelo outro lado.

- Podem-se criar salas, é o que eu estou a dizer: arranjar uma forma fácil de depois se resolver, mas que seja dinâmica, que a gente possa, de um momento para o outro, transformar uma sala aberta em duas salas ou três, se for necessário.

- Nessa situação, o abrir e fechar de uma forma a existir teatro ou não, tens que pensar também numa passagem para o próprio teatro continuar a existir sem precisar de fazer isso tudo, ou seja, continuando a haver as atividades porque há coisas que se fazem no teatro sem ser espetáculos.

- Mas isso pode continuar a ser aquela porta na mesma. Ela não vai deixar de existir.

- Não, estava agora aqui a dizer: se tu criares essa situação podes aproveitar este bocado, se calhar, para alargares as salas então, porque, por exemplo, se tu fizeres a entrada pelo meio, vais ter que alargá-la para a tornar mais digna.

- Isso aí já torna a coisa mais difícil, porque estamos a mexer com as paredes exteriores. Depois isso pode funcionar como saída de emergência e, por outro lado, corredor técnico. E aquela situação: "E a festa de Natal, não sei quê...". Entram por aí, não entram por aqui, percebes? No dia da festa, podem entrar por aqui, as pessoas que vêm. Agora, enquanto vem montar, desmontar, é sempre por ali. É um corredor técnico, vá. E aí já funcionava bem. Para isso já era suficiente como está. Essa, realmente, foi uma das minhas ideias.

- Eu não sei, mas eu estou a olhar, repara, estou a olhar para o tamanho do teatro, largura e tudo. Imagina que o pavilhão, tão necessário, então não se podia fazer aí? Até a escola secundária tem pavilhão em baixo e pavilhão em cima.

- Não é isso, podia-se fazer. Agora, é um pavilhão... podia-se fazer ali um espaço onde se pudesse praticar ali algum tipo de desporto. Não é um pavilhão com medidas oficiais, nunca. Não é?

- Foi um devaneio.

- Sim, não foi devaneio nenhum. Até me parece uma ideia ótima.

- Mesmo que não seja um pavilhão, pode ser um espaço exterior diferente...

- É assim, nós em vez de lhe chamarmos "pavilhão", pode ser uma sala polivalente. Pode-se lá jogar voleibol, pode-se dançar, etc. Lá, podem-se jogar outras coisas porque o espaço, para isso, serve. Para andebol, voleibol, para esse tipo de modalidades, eu penso que tem tamanho.

Quais são as maiores deficiências das instalações do teatro?

- As casas de banho, mas deixa-me dizer-te porque é que isto é assim, isto tem um propósito: quando isto foi feito, o Dramático tinha alguns desportos. Tinha ciclismo, tinha atletismo, tinha futsal, tinha andebol, tinha hóquei em patins...

E eles iam treinar noutros sítios ou treinavam na rua e tomavam banho ali, aquilo era uma zona com balneários. Aproveitou-se para se fazer ali balneários para os atletas do Dramático puderem mudar de roupa, irem treinar, voltarem, tomarem um banho e irem para casa. Até porque, naquela altura, poucas pessoas tinham chuveiros e casas de banho em condições em casa. E foi este o motivo, daquilo ser assim. No entanto na casa de banho dos homens, apanha a escada, tem assim aquilo tudo apertado e depois tem um espaço tremendo vazio.

O que é que acham que, no teatro, é preciso ser reformulado?

- A parte técnica, principalmente. De resto, acho que tem condições que poucos têm. Em termos de camarins acho que está bem servido para qualquer tipo de espetáculo. Claro que o espaço do camarim pode ser reabilitado em termos estéticos, não é?

- Estás a falar em termos de equipamento, certo?

- Sim, o equipamento.

- Uma coisa que fará ali sentido é a casa de banho, em vez de estar à porta do camarim, estar num dos cantos do camarim, por exemplo, que é uma coisa que acontece e nota-se aqui em muitos espetáculos que é, a casa de banho, se for usada, pela porta pode passar luz, depende dos panos que estiverem a usar atrás, e o próprio autoclismo pode-se ouvir, a própria porta a bater da casa de banho pode-se ouvir porque está próxima da entrada do camarim. Claro que se ela fosse no outro canto, no canto oposto do camarim, estaria mais bem colocada e aquele bocado onde está a casa de banho continuava a ser aproveitado para o resto do camarim. De resto, em termos de tamanho e da disposição, acho que tendo em conta a existência daquelas escadas que dão acesso àquela parte de baixo, que tem que estar ali ou poderá ser mudada, mas tendo que estar ali, acho que estão bons e estão grandes.

- E a parte debaixo do palco?

- É só para arrumação, só, mais nada. Aquilo neste momento funciona como arrumos.

- Como arrumos, não. Neste momento, tem lá uma sala criada.

- Aquela sala que está ali estaria melhor se não fosse ali, por exemplo, se fosse aproveitado o espaço lá em cima por uma questão de humidade com as roupas, já sentimos isso.

- Por cima dos camarins, não é?

- Sim.

- Por acaso, na altura, a gente não pensou muito bem e podíamos ter feito lá. Porque ali tem muito espaço.

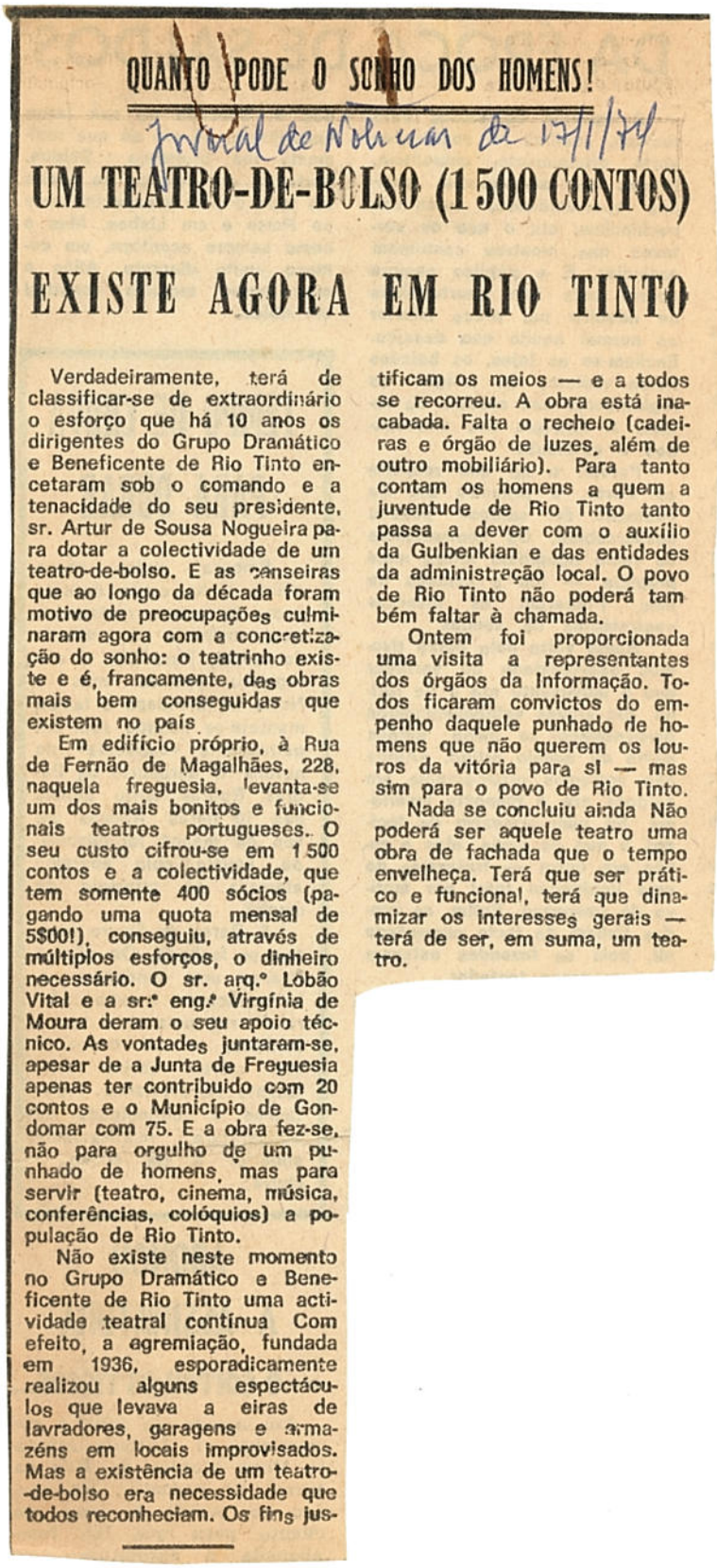
- Mas não está a ser utilizado aquilo ali em cima, não é?

- Era o “cemitério” dos cenários, que existe sempre num teatro.

- Que tem que existir. Eles têm que existir, não é? Porque os cenários vão mudando e tem que haver um sítio de arrumação para arrumar os cenários e para serem reaproveitados.
- Mas podia ser na parte de baixo, ou não? Onde estão as roupas e assim.
- E consegue-se... por exemplo, aquilo lá em cima tem espaço. Consegues levar, não é que se tenha levado, que se calhar nunca mais vai ser usado, mas na altura o que foi pensado, provavelmente, foi isso. Levar uma estrutura grande consegue-se, nem que seja com 10 pessoas, levar isso para cima. Para baixo não consegues passar com ela, não é? Uma coisa com 2 metros já não passa ali.
- Mas a entrada também se pode ajustar.
- Certo, mas o que eu te estou a dizer é que aquilo que está lá em cima existe em quase todos os teatros, existem sempre estas zonas onde tenham condições para fazer isto, porque a verdade é uma: neste momento, não são muito os teatros que tenham as condições traseiras que este tem, porque este foi pensado só para teatro, ponto. Na altura, com as limitações que, provavelmente, existiam, ou com a falta de informação do que ia haver depois, não é? Mas há muito teatro que é uma adaptação. Depois, claro, têm salinhas só para guardar coisas, mas se tivessem, se calhar, estas condições, era muito melhor.
- Lá está, se se passar lá para cima uma sala que possa fazer de guarda-roupa. Até pode nem haver necessidade de a gente ter um guarda-roupa tão grande como o que a gente tem neste momento, por exemplo.
- Mas pode ser alterado, exatamente. Pode ser alterado o guarda-roupa, pode ser, em vez de ser lá em baixo, por uma questão de conservação das roupas, não é? Porque ele lá em baixo, aquela parte já está abaixo do nível da terra. Não toda, não na totalidade, mas uma boa parte está enterrada o que pressupõe que aquilo tenha ali alguma humidade.
- Nem sei se é bem humidade, mas é uma coisa onde não circula o ar.
- Não circula, não respira. As próprias paredes não respiram, não é? Isso quer dizer que há ali alguma concentração de bolores, e não sei quê, que é muito difícil de eliminar. E, se calhar, não pensamos muito bem porque senão tínhamos feito em cima, mas pronto.
- Não, mas aquela sala continua a ter a sua utilidade.
- Não tem tamanho que chegue, mas hoje se se receber aqui, como recebemos às vezes, grupos com 40 ou 50 miúdos, ou até mesmo um grupo muito mais folclórico, imagina, que venha aqui tocar, que é muita gente, se calhar aquele espaço lá em baixo já alberga muitas mais pessoas. A sala já está criada, para fazer isso serve perfeitamente. Aliás, antes de existir a sala, já ia muita gente vestir-se lá para baixo sem condições nenhumas. Pode continuar assim, pode ser espaço de arrumo como é neste momento, pode ser criada ali uma oficina de trabalho, por exemplo, que é necessário sempre de apoio ao teatro.

- Ao teatro. Na parte de baixo. Uma oficina onde se possa fazer ali algum tipo de cenário, percebes? Essa é a ideia que eu já pensei para lá, pensamos mais ou menos, e nunca concretizamos, por vários motivos. São muitos, não é só o dinheiro. Também é, mas não é só esse.
- Um dos principais problemas neste género de coletividades não é só o dinheiro. É que as pessoas estão nisto por "gandolice", não é? E o tempo das pessoas também não é ilimitado.
- Não e, às vezes, é por aí. Depois, a coisa não avança porque, para isso, também é preciso dedicar muito tempo.
- Já agora, uma obra urgente, se calhar, levando nós, quase, mais três ou quatro valências por aquele palco, é ser feito o seu reforço, mesmo, porque sabes que se começar a haver danças com frequência ali, vai voltar a acontecer aquilo que aconteceu há uns anos, em que o palco cedeu.
- Mas isso não é o palco que cede, é a própria madeira que está podre e parte.
- Está bem, mas podes fazer uma estrutura à madeira, sem ser de madeira.
- Aquilo é podre, está bichado, percebes? Aquilo devia ser substituído, era o ideal.
- Pelo menos, uma boa parte dele, aquela parte da frente, está muito bichada, tem muito bicho.
- Pronto, mas isso é uma questão pontual que a gente pode tratar.
- E alçapão? Faz sentido? Isso é que é importante.
- Sentido faz, mas vai ser necessário reconfigurar. Isso aí é reconfigurar.
- Pode deixar de ser zona de arrumos, pode deixar de ser oficina de trabalho e pronto.
- Agora, se terá o uso digno da obra em si, isso não. É certo que não vai ter, não. Estamos a falar de uma estrutura que só vai ser usada três vezes por ano e se houver espetáculo para isso. Porque, se pensares, basicamente só revistas e musicais é que usam esse tipo de situação, basicamente.
- Eu acho que é importante, num projeto, a acessibilidade. Tornar as instalações acessíveis a todo o público.
- Isto é um edifício público. Não é público de todos, mas é público para todos os que fazem parte disto.
- Não haver limitação. Basicamente, é isso.

Jornal de Notícias - 1974



QUANTO PODE O SONHO DOS HOMENS!

Jornal de Notícias de 17/1/74

UM TEATRO-DE-BOLSO (1500 CONTOS)

EXISTE AGORA EM RIO TINTO

Verdadeiramente, terá de classificar-se de extraordinário o esforço que há 10 anos os dirigentes do Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto encetaram sob o comando e a tenacidade do seu presidente, sr. Artur de Sousa Nogueira para dotar a colectividade de um teatro-de-bolso. E as canseiras que ao longo da década foram motivo de preocupações culminaram agora com a concretização do sonho: o teatrinho existe e é, francamente, das obras mais bem conseguidas que existem no país.

Em edifício próprio, à Rua de Fernão de Magalhães, 228, naquela freguesia, levanta-se um dos mais bonitos e funcionais teatros portugueses. O seu custo cifrou-se em 1 500 contos e a colectividade, que tem somente 400 sócios (pagando uma quota mensal de 5$00!), conseguiu, através de múltiplos esforços, o dinheiro necessário. O sr. arq.º Lobão Vital e a sr.ª eng.ª Virgínia de Moura deram o seu apoio técnico. As vontades juntaram-se, apesar de a Junta de Freguesia apenas ter contribuido com 20 contos e o Município de Gondomar com 75. E a obra fez-se, não para orgulho de um punhado de homens, mas para servir (teatro, cinema, música, conferências, colóquios) a população de Rio Tinto.

Não existe neste momento no Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto uma actividade teatral contínua. Com efeito, a agremiação, fundada em 1936, esporadicamente realizou alguns espectáculos que levava a eiras de lavradores, garagens e armazéns em locais improvisados. Mas a existência de um teatro-de-bolso era necessidade que todos reconheciam. Os fins justificam os meios — e a todos se recorreu. A obra está inacabada. Falta o recheio (cadeiras e órgão de luzes, além de outro mobiliário). Para tanto contam os homens a quem a juventude de Rio Tinto tanto passa a dever com o auxílio da Gulbenkian e das entidades da administreção local. O povo de Rio Tinto não poderá também faltar à chamada.

Ontem foi proporcionada uma visita a representantes dos órgãos da Informação. Todos ficaram convictos do empenho daquele punhado de homens que não querem os louros da vitória para si — mas sim para o povo de Rio Tinto.

Nada se concluiu ainda. Não poderá ser aquele teatro uma obra de fachada que o tempo envelheça. Terá que ser prático e funcional, terá que dinamizar os interesses gerais — terá de ser, em suma, um teatro.

O Século - 1974



O Século de 17-1-974

O Grupo Dramático de Rio Tinto também vai ter o seu teatro

PORTO — O Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto, fundado em 1936, está prestes a realizar duas das suas maiores ambições: a inauguração do seu teatro de bolso e a criação da sua primeira companhia teatral.

Na verdade, quanto a teatro, a agremiação tem vivido da formação de grupos para apresentação nos mais variados recintos da freguesia, quase sempre ao ar livre, de um ou outro espectáculo preparado com carinho e dedicação. Sem casa de espectáculos, era difícil pensar numa companhia permanente e, além disso, também os espectáculos eram poucos razão pela qual a agremiação, com 400 associados (quota mensal de 5 escudos) tinha como únicas actividades um pouco de beneficência, sempre a cargo de comissões de associados e convívio na sede, aliás em edifício próprio.

Agora, ao cabo de anos de canseiras e sonhos, foi possível construir nos terrenos das traseiras do edifício-sede, primeiramente destinados a um ringue de patinagem, um teatro de bolso, que obedece às condições exigidas oficialmente para este género de edificações, com uma lotação de 130 lugares, distribuídos por uma plateia e balcão.

A instalação tem ainda um pequeno bar com *hall*, camarins e uma cave espaçosa para a confecção e arrumação de adereços.

Subsídios

Pensa a agremiação inaugurar ainda este ano o teatro, a que faltam de momento apenas alguns acabamentos, nos quais se incluem algumas obras eléctricas e o apetrechamento interior.

Em devido tempo, a agremiação, que já ali gastou mil contos, e pensa ainda gastar mais uns 500 a 600 contos tendo já metade desta verba, recebeu dois pequenos subsídios, um da Junta de Freguesia e outro da Câmara Municipal de Gondomar.

Pediu o auxílio da Fundação Gulbenkian, que informou não conceder subsídios para obras do género, mas poder contribuir para o pagamento do respectivo recheio.

Assim, aquela agremiação conta com o auxílio da Fundação para o apetrechamento do seu teatro.

República - 1974



República de 17-1-974

ESPECTÁCULOS

RIO TINTO TEM UM TEATRO — JÁ NÃO É PRECISO REPRESENTAR EM GARAGENS, EIRAS E ARMAZÉNS

PORTO — Os representantes dos jornais diários de Lisboa e do Porto estiveram na sede do Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto, onde observaram as obras do Teatro de Bolso da colectividade, agora concluídas.

Os jornalistas foram esclarecidos sobre as actividades e fins do grupo pelo dr. Alberto Teixeira de Sousa. Cerca de quatrocentos associados, pagando individualmente a quota mensal de 5$00, proporcionam a magra receita que suporta grande parte dos encargos. Muitas vezes tem sido preconizado o aumento das quotas, mas a ideia nunca vingou por se pretender um fácil acesso a todas as pessoas de poucas disponibilidades económicas.

O grande sonho há muitos anos vivido na agremiação era a construção de um teatro. O grupo cénico, com várias peças encenadas era forçado a apresentá-las nos mais diversos locais — mas sempre impróprios. Mesmo assim a força de vontade e o amor pelas grandes causas venceram muitas barreiras e eiras de lavradores, garagens e armazéns serviram de ribalta. Pode dizer-se que as gentes do Grupo Dramático de Rio Tinto cerraram fileiras e forçaram o destino. Renovaram-se em 1966 as diligências para a construção de um teatro que pudesse servir os intentos da prestimosa colectividade. Um primeiro projecto, submetido à apreciação das entidades competentes, foi rejeitado. Houve desânimo que conduziu a uma suspensão da actividade teatral. Desânimo que durou pouco, pois o Grupo alargava entretanto as instalações criando salas de TV, organizava uma biblioteca e crescia.

TEATRO QUE CUSTA 1500 CONTOS UMA VITÓRIA DO GRUPO DRAMÁTICO

O desejo de possuir um teatro era ideia que não morrera entre os associados do G. D. B. R. T. A iniciativa foi para a frente a partir de um projecto elaborado pelo arquitecto António Lobão Vital, e sua mulher eng.ª Virgínia Moura, que foi aceite.

A quotização mensal juntaram-se os donativos e as receitas provenientes de sorteios, festas e excursões. A construção do teatro, iniciada em 1968 ia consumindo o dinheiro que chegava.

Em 1972 totalizava já um milhar de contos. O encargo da construção.

Agora que o teatro está concluído e nele já foram dispendidos 1500 contos, conta o Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto conseguir os 500 contos que faltam, para cobrir as despesas, lançando mão de um empréstimo interno, que neste momento já vai em 200 contos.

Disse, ainda, o dr. Alberto Teixeira de Sousa aos jornalistas: «Para o mobiliário, jogo de luzes e respectiva teia, esperamos um subsídio da Fundação Gulbenkian, (que num antigo ofício, não nos desiludiu neste capítulo), da Câmara de Gondomar e, mais uma vez do povo de Rio Tinto.»

Há dez anos que a colectividade trava uma batalha pela construção do seu teatro. Venceu, mas a vitória, foi dito durante a visita, pertence ao povo de Rio Tinto, que nunca desamparou a colectividade nos seus propósitos de realizar os fins culturais para que fora criada. E bem verdade que a união faz a força e o povo de Rio Tinto mostrou-o neste belo exemplo.

Voz Portucalense - 1974



Voz-Portucalense
2-2-974

TEATRO

O Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto, para apresentar aos representantes dos órgãos da Informação o seu novo Teatro de Bolso, realizou uma reunião informal, na qual estiveram presentes grande número de dirigentes desta colectividade. Nela foram divulgados vários assuntos relacionados com a construção de tão importante obra, tornados conhecidos os muitos problemas ultrapassados.

Diz-se a dado passo num documento ali distribuído:

«E o sonho nasceu. Nasceu da necessidade de justificar o nome da colectividade — Grupo Dramático — a construção de um teatro, pois que o corpo cénico, nas várias peças encenadas, era obrigado a representá-las em locais em precárias condições».

«Eiras de lavradores, garagens ou armazéns eram os locais improvisados. Tal situação era insustentável e, no sentido de dar realidade ao sonho, uniram-se fileiras e lançou-se a campanha da construção do teatro».

Depois de ter sido reprovado o primeiro projecto, aparece o desânimo por parte de alguns dirigentes e sócios.

O Grupo Dramático e Beneficente de Rio Tinto

Em 1966 irrompe novamente a ânsia latente da posse de um Teatro de Bolso. Sem possibilidades financeiras, mas contando com a admirável ajuda técnica da Eng.ª Virgínia Moura e do Arq.º Lobão Vital, iniciaram-se as obras em 1968. Os modestos 5$00 mensais, sorteios, festas, excursões, alguns subsídios e um sistema de empréstimo interno, permitiu que se conseguissem os 1 500 contos necessários para a sua efectivação.

Após várias tentativas de conseguir subsídios, só foi possível angariar 96 contos de subsídios oficiais e 7 600$00 de donativos de empresas privadas.

E a obra aí está, para uma vila que conta com número talvez aproximado dos 45 mil habitantes.

Uma vez construído todo o edifício há que enfrentar agora o problema do recheio (mobiliário, jogo de luzes e tela), para o qual esperam um subsídio da Fundação Gulbenkian que, num antigo ofício aguardo da construção, não os desiludiu neste capítulo, da Câmara de Gondomar e mais uma vez do Povo de Rio Tinto.

Para fazer frente à realização deste sonho, dispôs a Direcção de uma grande força de vontade para transpôr todas as dificuldades postas à prova. No entanto a toda elas soube a direcção responder e sempre com respostas que conjugadas a levariam à vitória. A vitória dum sonho que é sinónimo de cultura. Cultura ao alcance do povo e bem perto dele.

E foi com tal amor, força de vontade que a Direcção (de frisar aquele que foi sempre como que uma trave mestra, que é o sr. Artur de Sousa Nogueira, presidente da direcção) o fez, que se torna imprescindível receber agora, com a urgência necessária para o efeito, de quem tem possibilidades financeiras para o fazer, aquele apoio de que ainda necessitam

E a concluir, diz-se naquele documento: «Será, no entanto, justo realçar que os louros da vitória irão para o povo de Rio Tinto, que nunca nos desiludiu».

FERNANDO SEMEDO

O Comércio de Gondomar - 1975



3

UM TEATRO DE BOLSO

Magnifica iniciativa do Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto

Rio Tinto possue uma agremiação cultural e beneficente que, a par da sua meritória finalidade, está a erguer uma obra, sobremaneira arrojada, que, na verdade, só é possível pelo trabalho entusiasta e perseverante de um grupo de estóicas vontades, que fazem das fraquezas forças para lutar denodadamente em prol de um ideal. Embora de iniciativa privada, os seus benefícios estendem-se a toda a freguesia de Rio Tinto, para se alargarem mesmo para lá dos limites geográficos desta povoação.

A agremiação em causa denomina-se Grupo Dramático Beneficente e a realização em que está empenhada é a da criação de um teatro de bolso, vultuosa iniciativa que virá contribuir, em grande escala, para aumentar o nível cultural e artístico da população local, condições óptimas para aparecimento de novos valores.

Pois o sonho lindo desse grupo de carolas acaba de se transformar em realidade com o início de actividades culturais, coincidindo com a comemoração do 40.º aniversário daquele Grupo.

Embora «O Comércio de Gondomar» não tenha sido convidado para estar presente nesta comemoração, que teve larga projecção na Imprensa diária do Porto, na rádio e televisão, não queremos deixar de registar tão importante acontecimento, significando a nossa admiração e respeito aos mentores desta obra, alicerçada com muito sacrifício e horas sem conta roubadas a merecido descanso, com abandono de distracções, por vezes tão necessárias à vida de trabalho profisional assoberbante —tudo oferecido de boa vontade, apaixonadamente, à nossa terra! — *Diamantino Maria.*

"Uma canção para a Europa"

A canção classificada em 1.º lugar terá de prémio 50 contos, as restantes serão classificadas «ex-aequo» com 10 contos a cada.

COISAS & LOISAS

OS MAIS DE 1975

cho passou de instrutor le-
onário a social-democrata
depois a maoista

Jornal de Notícias - 1976

1-2-76 JN

NOVOS DIRIGENTES DE SECÇÕES DO PS

Foram ontem eleitos os membros directivos da secção do Partido Socialista de S. Mamede de Infesta. O elenco dirigente ficou com a seguinte constituição:

Assembleia Geral — José Narciso Miranda, Joaquim Pereira Neves e Bernardo José da Costa; Secretariado — João Araújo Costa, António Bernardo, Manuel Santos, Albino Pacheco, Fernando Sousa Rocha, Jorge Sequeira, Juvenal Ribeiro e Manuel Varela Pinto; Delegados — José Pimenta, António Durval Silva, Manuel Sepúlveda e Manuel Guimarães; Comissão Fiscalizadora de Contas — Francisco Cunha, Manuel Prata Almeida e António José Ribeiro.

Por sua vez, na Secção de Santa Marinha, Gaia, foram eleitos:

Tomé dos Santos; António José Patrocínio Campos; António José Carvalho Monterroso, Augusto Mariano Ferreira de Carvalho Rica; Lício Pereira Correira; Manuel Fernando Matos Torres; Daniel Augusto Pereira Moreno; Horácio de Sá Moreira; Leonídio Dias Pimentel dos Santos; Rui Valdemar Lima Vieira de Castro; Luís Caldas Pinto da Costa; Cândido da Costa Macedo (JS).

Entretanto, em Avintes decorreram anteontem as eleições que deram os seguintes resultados:

Secretariado — Albino Pinto da Costa Ferreira, Jerónimo Claro Martins de Oliveira, Firmino Santos Maia Silva, Alexandre Pinto Oliveira, Amândio A. Rocha Novais, António S. Oliveira Monteir e Daniel J. Costa Dionísio; Conselho Fiscal — Fernando Rodrigues Santos, Manuel Pereira Martins e António T. Dias da Silva; Mesa da Assembleia — Daniel E. Fonseca de Castro, José David Gonçalves Rocha e Manuel Pereira da Silva. Delegado à Federação — Cipriano Fonseca de Castro.

No Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto

TEATRO ERGUIDO À CUSTA DE CAROLICE E DEDICAÇÃO

Entra-se na nova sala de espectáculos — e não se acredita naquilo que se vê! Como é possível pôr de pé uma obra de tal envergadura à custa, apenas, de dedicação e carolice de uns tantos? Pois, se acreditássemos em milagres — era como classificaríamos a sala de espectáculos do Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto.

Fundado em 1936 — vai fazer 40 anos —, o Grupo Dramático de Rio Tinto é uma colectividade que possui 550 associados que pagam 5$00. Modesta cotização, sem dúvida, que não vem sendo aumentada porque os sucessivos corpos directivos têm entendido que os objectivos dos fundadores era erguer uma colectividade acessível a todos e não a alguns privilegiados residentes em Rio Tinto. De forma que tudo o que ali se tem feito é obra de carolice — de dedicação pura e simples. Porém, modéstia de recursos não significa ausência de ambições — e desde o primeiro momento que o Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto sonhou construir um teatro experimental, pois que os vários conjuntos que possuiu até aqui para trabalhar recorriam à improvisação: eiras, garagens ou armazéns!

Um primeiro projecto submetido à apreciação das autoridades foi rejeitado — e o consequente desânimo levou à dissolução do grupo cénico. Os homens que militam no Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto cedo retomaram a ideia, porém, enquanto iam alargando as salas de TV e de convívio e a biblioteca, iam também cimentando a sua ideia do teatrinho de bolso. Em 1966, abordaram Virgínia Moura e Lobão Vital, pedindo-lhes cálculos e projectos para a obra — o que imediatamente obtiveram. O que não admira naquelas duas figuras da vida política portuguesa! Surgiu então a aprovação oficial.

As obras iniciaram-se em 1968. Para arranjar dinheiro, tudo se fez naquela casa: festas, excursões, sorteios. Houve ainda muitos subsídios, alguns deles angariados de porta em porta — e à frente daquele grupo de homens generosos estava sempre o sócio n.º 1, sr. Artur de Sousa Nogueira. É que subsídios oficiais foram poucos, apenas 145 contos da Câmara de Gondomar e 41 da Junta de Freguesia de Rio Tinto. A Gulbenkian, que tanto costuma ajudar colectividades deste género, não deu qualquer subsídio. Falta muita coisa, é certo — jogos de luzes, amplificação sonora — mas, como nos disse um dos directores, basta que o Júlio Couto (o homem que nestes últimos tempos foi lá dar uma ajudinha...) peça o que quer que logo se arranja. Ora, esse dinheiro tem sido obtido com empréstimos internos e emissão de acções, que são normalmente subscritas pelos sócios.



Dirigentes do Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto acompanharam a Imprensa na visita efectuada ao teatrinho de bolso — uma pequena maravilha de dedicação e carolice.

Voltando à sala de espectáculos, destaque-se que a lotação é de 170 lugares e os bastidores são espaçosos e possuem os requisitos indispensáveis para funcionar a preceito. Resta agora ao Grupo Dramático Beneficente de Rio Tinto reconstituir o seu grupo cénico — e acreditamos que isso não será difícil, depois